



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

JOICE DOS SANTOS

**E EU NÃO SOU UMA TURISTA?
MULHERES NEGRAS VIAJANTES: AFETO, POLÍTICA E DIREITO AO LAZER**

CAMPINAS

2024

JOICE DOS SANTOS

E EU NÃO SOU UMA TURISTA?

MULHERES NEGRAS VIAJANTES: AFETO, POLÍTICA E DIREITO AO LAZER

Dissertação apresentada à Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas como requisito para a obtenção do título de Mestra em Educação na área de Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Elisabete Figueroa dos Santos

Este trabalho corresponde à versão final da dissertação defendida pela aluna **Joice dos Santos**, e orientada pela Prof.^a Dr.^a Elisabete Figueroa dos Santos.

CAMPINAS

2024

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
Biblioteca da Faculdade de Educação
Rosemary Passos - CRB 8/5751

Santos, Joice dos, 1987-
Sa59e E eu não sou uma turista? Mulheres negras viajantes: afeto, política e direito ao lazer / Joice dos Santos. – Campinas, SP : [s.n.], 2024.

Orientador: Elisabete Figueroa dos Santos.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Faculdade de Educação.

1. Turismo. 2. Negras. 3. Lazer - Aspectos sociais. 4. Afroturismo. I. Santos, Elisabete Figueroa dos. II. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Faculdade de Educação. III. Título.

Informações Complementares

Título em outro idioma: Ain't i am tourist? Black women travelers: affection, politics and the right to leisure

Palavras-chave em inglês:

Tourism
Black women
Leisure - Social aspects
Black travel

Área de concentração: Educação

Titulação: Mestra em Educação

Banca examinadora:

Elisabete Figueroa dos Santos [Orientador]
Angela Fatima Soligo
Natalia Coimbra de Sá

Data de defesa: 30-08-2024

Programa de Pós-Graduação: Educação

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- **ORCID do autor:** <https://orcid.org/0000-0001-7485-9502>

- **Currículo Lattes do autor:** <http://lattes.cnpq.br/0925677901362799>

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

E EU NÃO SOU UMA TURISTA?

MULHERES NEGRAS VIAJANTES: AFETO, POLÍTICA E DIREITO AO LAZER

JOICE DOS SANTOS

BANCA DE DEFESA

Profª Drª Elisabete Figueroa dos Santos

Profª Drª Angela Fátima Soligo

Profª Drª Natalia Coimbra De Sá

A Ata da Defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria do Programa da Unidade.

Dedico este trabalho a todas as bitongas que ocupam esse mundo por meio das viagens!

AGRADECIMENTOS

Poderia iniciar este texto agradecendo várias pessoas ou seguindo o clichê religioso, no entanto, não tenho dúvida que devo começar agradecendo a mim. Sim, quem mais esteve comigo a todo momento? Eu. Tenho que agradecer a mim por não desistir, por me permitir a parar, chorar e depois retornar e seguir. A vontade de desistir não faltou, mas entre tormentas, medos e angústias, levantei e continuei caminhando. Claro que nessa caminhada não estive e nem estou sozinha, porém ninguém poderia fazer por mim, por isso obrigada, Joice, por não sucumbir.

À minha mãe. Queria muito que ela estivesse aqui para presenciar e usufruir de alguma forma as minhas conquistas. Ela se foi, mas sinto sua presença em espírito e tenho certeza de que onde ela está, visualiza tudo de forma mais lúcida e aplaudindo de pé. Devo causar alguns nervosos e xingamentos, mas no fim sei que ela sente orgulho de sua cria.

A todes que colaboram com a *vakinha* virtual para minha mudança para Campinas.

À Universidade Estadual de Campinas pela concessão da bolsa alimentação. À Faculdade de Educação pela cordialidade em todo processo.

À CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior –, pois o presente trabalho foi realizado com seu apoio, sob o código de financiamento 001.

Nessa caminhada, tive pessoas que desde o início enxergaram qualidade que nem eu conseguia ver ainda. Uma dessas pessoas é Natália Coimbra, que não só me acompanhou no fim da graduação e na produção do projeto para o processo seletivo, como também durante todo o percurso do mestrado. A melhor coisa que poderia ter acontecido foi você ingressar como professora no curso de Turismo e Hotelaria da UNEB enquanto eu ainda estava lá. Você foi e é o perfil de como um educador deve ser. Obrigada!

À minha orientadora Beth, por me acolher aos 45min do segundo tempo e por fazer a diferença nessa reta final. Não teria chegado até aqui sem você.

Aos amigos que encontrei no processo e aos que se mantiveram até o final, obrigada! Me aguentar nessa fase não foi fácil. Eu sei!

Ao meu bonde afro-nordestino pelas vivências em Barão Geraldo e em especial à Yama, pelas trocas de surtos. *Xero* em vocês!

Feliz por aguentar até aqui, mesmo sofrendo racismo, assédio e situações absurdas neste espaço que deveria ser de conhecimento e troca, mas infelizmente é um território ainda hostil, um não-lugar, principalmente, para um corpo negro, feminino e nordestino.

Estou viva, consegui. Com sequelas? Sim, mas também com muito aprendizado e coragem para enfrentar novos obstáculos.

Grata aos ancestrais por sempre me segurarem em todas as quedas e tropeços desse caminho.

Por fim, quero deixar aqui um recado aos professores que se dizem antirracistas: leiam, se informem e escutem o que os alunos negros têm a dizer e, se não souberem o que falar, apenas mantenham-se em silêncio, mas nunca digam que eles são vítimas ou tragam exemplos que mais atrapalham do que ajudam.

E deixo aqui um questionamento: o que faz uma universidade ser de excelência?

Até logo, Unicamp. *ASÉ.*

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo analisar como se dão as expressões e representações sociais de raça e gênero que permeiam as vivências de mulheres negras no papel de turistas, destacando a importância da representatividade e do direito ao ócio. Buscamos também analisar, de forma específica, a construção social da imagem da mulher negra no turismo e compreender como raça e gênero influenciam suas experiências. Para tanto, valemo-nos de autoras decoloniais para entender como os corpos negros femininos são objetificados e tão destacados na marginalização das sociedades. Metodologicamente, as análises etnográfica e documental entram em ação para introduzir as concepções gerais da *netnografia*, como base de coleta e reflexão de dados provenientes das redes sociais das informantes envolvidas. A presente dissertação apresenta reflexões teóricas e metodológicas em torno do saber e do direito ao turismo de qualidade a partir da escrevivência de corpos negros femininos que dialogam, sob a perspectiva afrodiaspórica, suas vozes e saberes em prol do pertencimento e dos reencontros. A partir disso, foi possível identificar que as mulheres, ao criar um movimento através das viagens, subvertem as representações sociais impostas sobre elas. Criando, assim, uma transição do lugar de serviçais e não turistas para agentes ativas no afroturismo, evidenciando mudanças significativas na forma como esse grupo é percebido e como elas se percebem. Portanto, as experiências compartilhadas pelas mulheres do grupo não apenas ilustram a importância das viagens como ferramenta educativa, de autodescoberta e renovação, mas também ressalta seu papel na promoção de uma maior conscientização cultural e pessoal dentro da atividade turística.

Palavras-chave: Turismo; Corpo preto feminino; Direito ao lazer; Afroturismo.

ABSTRACT

The present research aims to analyze the perceptions of black women as tourists and their leisure experiences, highlighting the importance of representation and the right to leisure. We also seek to specifically analyze the social construction of the image of black women in tourism and understand how race and gender influence their experiences. To this end, we draw on decolonial authors to understand how black female bodies are objectified and emphasized in the marginalization of societies. Methodologically, ethnographic and documentary analyses are employed to introduce the general concepts of netnography, as a basis for data collection and reflection from the social networks of the informants involved. This study analyzes the experiences and stories of a group of 25 black women who traveled to Cali, Colombia, to reconnect with their ancestries and rediscover themselves as traveling subjects with full rights to leisure. This dissertation presents theoretical and methodological reflections on the knowledge and right to quality tourism based on the lived experiences of black female bodies, which, from an Afrodiasporic perspective, dialogue their voices and knowledge in favor of belonging and reunions. From this, it was possible to identify that women, by creating a movement through travel, subvert the social representations imposed on them. Thus creating a transition from the role of servants and non-tourists to active agents in afrotourism, highlighting significant changes in how these groups are perceived and how they perceive themselves. Therefore, the experiences shared by the women in the group not only illustrate the importance of travel as a tool for self-discovery and renewal but also emphasize their role in promoting greater cultural and personal awareness within the tourism activity.

Keywords: Tourism; Black female body; Right to leisure; black travel.

SUMÁRIO

EMBARQUE	10
I. Nasce uma profissional de turismo	10
II. Tornar-me negra	12
III. Turismóloga negra	14
IV. Memorial acadêmico e percurso da pesquisadora	15
PALAVRAS INICIAIS	20
Caminhos metodológicos	30
CAPÍTULO 1	32
1.1 Escurecendo o turismo no Brasil	32
1.2 Turismo como ferramenta educativa de pertencimento: A Lei 10.639 e sua ótica educativa a partir do (re)conhecer-se como sujeito de direito	41
1.3 Que mulher é essa no turismo: noções de gênero, raça e classe a partir do lugar ocupado por mulheres pretas no turismo	50
CAPÍTULO 2	59
2.1 O Coletivo <i>Bitonga Travel</i>	59
2.2 Nosso direito ao lazer	62
2.3 Festival Petronio Alvarez e a Cultura Afro Pacífico-Colombiana	64
2.4 Bitonga Travel em Cali	65
CAPÍTULO 3	69
3.1 Viagens de mulheres negras: autodescoberta, renovação e autoamor	69
3.2 O direito à memória: as viagens que nos conectam	72
3.3 Aquilombamento: andares afrodiaspóricos	78
3.4 Tudo é possível aos 70	81
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	92

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Marca do turismo no Brasil	56
Figura 2 - Encarte do Festival de 2023.	64
Figura 3 - Encontro.	66
Figura 4 - Encontro com a sabedora	74
Figura 5 - Jantar de boas vindas.	83
Figura 6 - Referência à griô Zizi.	84
Figura 7 - Curta-Metragem Bitonga Travel	86

EMBARQUE

Minha violência é voz!
Minha violência é arma de construção em massa
Ideias e ações.
Gasto meu tempo e energia
pensando em soluções
pra crescer e seguir².

Antes de adentrar ao contexto da dissertação preciso primeiro contar um pouco sobre mim — mulher preta, nordestina, periférica, turismóloga e viajante. Contextualizar esses pontos se faz necessário justamente porque são esses atravessamentos que me afetam, que me impulsionam a um rumo suleador de escolhas em minha pesquisa.

I. Nasce uma profissional de turismo

Ingressei na graduação em 2008, aos 19 anos. Fui a primeira da família. Tinha na imaginação que todas as portas estariam abertas a partir daquele momento: ingressar em uma universidade pública, no curso de Turismo e Hotelaria, numa cidade turística como Salvador, meu futuro estava garantido! No entanto, ao longo dos semestres me deparei com os primeiros obstáculos.

Como chegar à universidade se não tinha dinheiro para o transporte? Pedir o dinheiro do transporte para minha mãe era o momento mais difícil, pois ela tinha que decidir se eu ia para faculdade ou ela ia trabalhar. Diversas vezes ela dizia “Inha, o transporte só paga a minha ida e volta do trabalho, se eu te der não tenho como trabalhar”. Sem muita maturidade, reclamava, achava um absurdo, mas sentia a dor dela e cheguei a faltar algumas aulas, pois o trabalho naquele momento era mais importante, pois era ela quem trazia sustento para casa.

Decidi buscar uma solução. No início, peguei dinheiro emprestado com amigos, até que consegui um estágio. Poder iniciar minha carreira ainda no início do curso parecia algo espetacular, porém foi nesse momento que descobri que a universidade era (e ainda é) pensada para a classe mais alta. Os horários das aulas não dialogavam com os horários do

² Trecho da canção “Violência”, da cantora baiana Larissa Luz (2016).

estágio. Professores diziam que o estudante não tinha que trabalhar. Mas, de que estudante eles estavam falando?

Aos poucos, as faltas aumentavam e o cansaço do corpo chegava. Perdi disciplinas e a cada semestre a matrícula era pensada de acordo com minha disponibilidade: eu tinha que cursar oito disciplinas no semestre, mas confirmava quatro ou cinco, buscando priorizar os últimos horários para evitar chegar atrasada por causa do trabalho. Todo atraso e as divergências surgindo por entre os semestres indefinidos fizeram surgir uma profissional.

Percebi que naquele universo de bacharéis que se formavam em quatro anos sem nenhum atraso, faltava experiência do mercado e o olhar interdisciplinar sobre as diversas possibilidades da atividade e das funções oferecidas no mundo fora da academia. Iniciar meu estágio desde o primeiro semestre — apesar de atrasar a conclusão do curso — me deu a possibilidade de experimentar diversas funções, cargos e áreas dentro do turismo, vivências que vão muito além do *networking*.

Trabalhei como monitora museológica, com atendimento ao turista, em atividades turísticas de base comunitária, em agência de viagens e em hotelaria, no setor de governança, reservas, recepção, eventos e comercial. Tudo que Salvador poderia me oferecer, eu abracei. Quando enfim concluí a graduação, estava empregada e atuando diretamente com a gerência de um hotel na cidade. Durante minha experiência como assistente, pude conhecer a hotelaria de forma abrangente. Atuei em outros hotéis e durante dez anos fui, e ainda me considero, uma hoteleira.

Agora, o que esta vivência tem a ver com a minha pesquisa? Apesar de Salvador ser a cidade mais negra fora de África, encontrei poucas pessoas negras nos setores em que atuei. Normalmente, o quadro de funcionários/as negros/as se concentra nas funções operacionais. Quando pensamos em outros cargos visados, temos basicamente o mesmo cenário. Como é o caso dos cargos de recepção: a recepção é a porta de entrada do hotel. Na estrutura eurocêntrica, as empresas criam perfis que consideram “aceitáveis” para ser a “cara” da empresa, o que no final das contas acaba por personificar um rosto que reflete o padrão brancocêntrico do profissional.

Das mulheres negras que encontrei nesse meio, inúmeras alisavam ou escondiam seus cabelos crespos. Os homens negros tinham que raspar a cabeça para poder ocupar os cargos de recepção que referi anteriormente. Esse *modus operandi* só evidencia mais as diversas formas de se tentar fazer caber em um padrão que não respeita e tampouco valoriza os traços da negritude.

Com as ações dos Movimentos Negros e de negras/negros em movimento, a compreensão, valorização e liberdade dos cabelos crespos têm-se avultado. Com isso, podemos ver em alguns espaços homens e mulheres com *dreads*, tranças e *blackpower* comungando sua profissionalidade que nada tem a ver com sua aparência. Por muitos anos, esses incômodos pareciam uma parte atípica do imaginário de todos nós. Era (e ainda é) deveras cansativo conviver com os mecanismos de apagamento que insistentemente nos afundam em um não-lugar que faz com que nossos corpos, mentes e *expertises* sejam aniquilados e acabem levando nossas subjetividades. Isso é uma das diversas inquietações que movem a presente pesquisa.

No que diz respeito especificamente à presença de mulheres em cargos de gestão, o mercado de turismo se apresenta como diferencial, pois o setor é considerado o que mais contrata e possui mulheres em cargos de liderança. Cabe, então, questionar: quais mulheres? Em meus dez anos atuando neste mercado, tive apenas duas chefias negras e, mesmo assim, apenas uma possuía cargo de coordenação. O cargo de supervisora no setor hoteleiro não possui um peso considerável, haja vista que faz o mesmo serviço que seus assistentes, diferenciando apenas o salário que é um pouco maior, por conta da responsabilidade da função.

Voltando ao ponto de cargos de chefia e à presença de negros, nunca conheci uma gerente de hotel negra. E, ademais, pontuo que eu mesma, com toda experiência e responsabilidade, sempre fiquei em cargos de assistência. E sempre a mesma história: “ainda não está preparada”. Em um país construído sob a ótica colonial, nós negros nunca estamos preparados o suficiente para ascender na hierarquia organizacional, mas quando eles pensam em pessoas para realizar serviços pesados, operacionais, mal remunerados, penosos e subalternos, estamos aptos.

II. Tornar-me negra

Ouso dizer que sempre soube que era uma pessoa preta. Digo isso não pela ótica e análise de Neusa Santos Souza (1983). Ser negra e entender-se como são duas coisas muito diferentes. Negra sempre fui, negra sempre me chamaram, mas reconhecer-me como tal... No máximo era “morena”, “café com leite” e até mesmo “parda”!

Talvez o termo ‘pardo’ se preste apenas a agregar os que, por terem sua identidade étnica e racial destrocada pelo racismo, pela discriminação e pelo

ônus simbólico que a negritude contém socialmente, não sabem mais o que são, ou simplesmente, não desejam ser o que são (Carneiro, 2011, p. 67).

Sofremos um processo de apagamento e silenciamento de identidade chamado *branqueamento racial*, ao qual somos submetidos desde o momento em que nascemos. Somos induzidos a agir em nosso imaginário, nas relações sociais e ideias construídas acerca dos conhecimentos ditos universais sobre o que é ser uma pessoa. “Aqui, aprendemos a não saber o que somos e sobretudo, o que devemos querer ser” (Carneiro, 2011, p. 64).

Lembro que por volta dos meus dez anos vi uma senhora sorrir e abraçar algumas crianças. Eu fui a única que ela não cumprimentou. Na minha ousadia de criança, a ignorei, mas sabia que naquele momento eu não era bem quista para ela. Uma criança deveria sempre ser apenas uma criança, mas quando se tem a pele preta, ao olhar da branquitude, passa-se a ser uma ameaça, um moleque, um potencial suspeito ou, no meu caso de menina, uma futura empregada. Na situação relatada, eu era a filha da empregada e para aquela mulher eu era invisível, alguém sem nome, sem futuro ou uma “alguém” que viria a servi-la num dia futuro.

Conforme crescia, meu olhar questionador se apresentava, e isso era motivo para minha mãe se preocupar. Como mãe solo que trabalhou a vida toda como diarista, ver sua filha caçula questionando o que para ela era “normal”, gerava incômodos. Eu questionava tudo. Perguntava e duvidava de diversas situações ao meu redor e, foi ao acessar a universidade, que passei a compreender o porquê da dificuldade de concluir a graduação, de conseguir um bom emprego, de não ser desejada nos afetos e de não ter experiências de viagens e lugares que aqueles que possuem seus privilégios usufruem. Ali realmente vi que para corpos negros e periféricos muitas coisas são algo distante e (quase) ilusórias. Passei a entender que as adversidades da minha vida foram causadas pelo recorte de raça, gênero e classe.

No dia em que minha consciência se tornou negra, busquei olhar e estudar a sociedade de forma mais crítica e então passei a entender as amarras e ideias construídas sobre o que é ser mulher e, principalmente, negra. É a partir dessas descobertas, indagações e incômodos que decido estudar para entender o quanto a estrutura racial, opressora e patriarcal muda e modela a vida das pessoas na sociedade.

ME ENXERGAR E VERBALIZAR QUE SOU PRETA ME FORTALECE.

Além disso, ser de Salvador me permite sentir a negritude de forma peculiar, mais profunda. Diz respeito a poder me aquilombar no meu cotidiano soteropolitano, o que me faz ter orgulho da minha estética, da gastronomia, do tambor que soa, da ginga que movimenta

até os poros do corpo. É ser e viver a cultura afrodiaspórica em cada passo dado. E é nesses passos que busco caminhar por territórios desconhecidos sendo viajante, forasteira, descobrindo o novo sem esquecer de onde vim e para onde vou.

É ser e viver o *Sankofa*³ aonde for.

III. Turismóloga negra

Pensar em uma profissional de turismo negra só foi possível em 2020. Como disse anteriormente, eu já sabia que era negra e entendia o que os obstáculos como profissional representavam. Mas, ser negra e entender meu papel enquanto turismóloga negra só aconteceu após o brutal assassinato de George Floyd⁴. Em meio a diversas discussões, veio o estalo sobre quem eu era no meio daquele turbilhão de violências dentro e fora do Brasil, em um período de isolamento social, devido à COVID-19. Nessa reflexão me deparei com debates e *lives* que me levaram a descobrir o afroturismo promovido por pesquisadores, viajantes e profissionais do turismo.

Decidi me aprofundar mais e fui aos poucos me aproximando das pessoas que debatiam o tema. Passei a fazer parte de grupos, *lives* e ingressei em um coletivo que fomentou a ideia central deste projeto. Nele, mulheres negras latino-americanas, caribenhas e africanas relatam suas histórias de forma colaborativa com o intuito de impulsionar meninas e mulheres a se apropriarem das possibilidades de trânsito por/para lugares desejados.

Dentre tudo isso, posso afirmar que determinadas situações podem me caracterizar. Fazer parte de um coletivo que inclui, dá voz e escuta mulheres negras em forma de blog, podcast, organizando viagens e acolhendo aquelas que não têm onde ficar; debater diversidade no turismo; pensar roteiros para além dos “tradicionais”; buscar estimular protagonismos negros nas histórias, nos roteiros e nas viagens encorpam ainda mais o escopo de vivências dessa pesquisa.

³ O termo *Sankofa* significa “sanko - voltar”; “fa - buscar, trazer”. O provérbio deriva dos povos de língua *Akan*, atual Gana, Togo e Costa do Marfim. O pensamento em Akan “*se wo were fi na wosan kofa a yenki*” pode ser traduzido como “não é tabu voltar atrás e buscar o que esqueceu” (Fiocruz, 2018).

⁴ O afro-estadunidense George Floyd, de 40 anos, morreu asfixiado enquanto o policial que o rendeu manteve-se ajoelhado sobre seu pescoço. O caso ocorreu em Minnesota e gerou grandes manifestações do movimento “Black Lives Matter” em contestação à violência policial no mundo todo.

IV. Memorial acadêmico e percurso da pesquisadora

Peço licença a todas aquelas que vieram antes de mim, aos de agora e aos que ainda virão.

Sou Joice dos Santos, com nome e sobrenome, como nos ensinou e ainda nos ensina Lélia Gonzalez. Mulher preta, soteropolitana, nascida e criada no bairro da Boca do Rio, em Salvador. Cabelos com dreads, magra, óculos, e enquanto escrevo, choro sentada em uma cadeira na moradia da UNICAMP. O choro se faz presente em todo percurso dessa escrita, muitas vezes pela ansiedade e medo, outras por ver a pesquisa criando forma.

Sou turismóloga e boa parte da minha trajetória profissional foi com turismo, atuando principalmente no setor hoteleiro. No entanto, sempre me deparei com incômodos que não conseguia nomear, e foi somente durante a pandemia que as palavras passaram a se encaixar. Havia uma invisibilidade de corpos, formas e lugares que eu não enxergava no espaço turístico.

Inicialmente, ingressar em um mestrado não era um desejo. Após me formar, minha prioridade era trabalhar e pagar as contas, ajudar minha mãe, como boa parte das famílias periféricas desse Brasil. Também, nunca senti este espaço como um local em que corpos como o meu poderiam estar, ocupar, se apropriar e construir. No entanto, em 2017, minha mãe foi para o *Orun* e me deparei com grandes mudanças na minha vida. Continuei trabalhando, mas muitos dos meus ganhos já não faziam mais sentido. Tudo que eu fazia era para ela e ainda hoje é.

O mestrado passou a ser presente nos meus pensamentos somente na pandemia, ao me deparar com os debates raciais após a violência ocorrida com George Floyd e outras situações que passaram a ser registradas e expostas nos espaços virtuais de forma latente e constante. Quem sou eu no meio desse caos?

Mulher negra, periférica, nordestina e turismóloga. São tantos adjetivos que não cabem aqui. Peguei todas as reflexões e, junto com minha querida professora da graduação, escrevi um artigo sobre a mulher negra no turismo. Foi a partir desse artigo que nasceu o projeto que me fez estar aqui hoje.

Apesar de participar do processo seletivo em outros programas de mestrado e ser contemplada, escolhi a UNICAMP. Sendo sincera, a possibilidade de bolsa foi o diferencial. Sair de Salvador para Campinas só foi possível devido à bolsa. Vivenciei toda minha graduação trabalhando e estudando, e sabia que repetir aquela vida não estava nos meus planos. Além disso, conseguir um emprego e cursar um mestrado ao mesmo tempo não seria fácil, principalmente em outro estado.

Para chegar em Campinas fiz uma vaquinha virtual, vendi a maioria dos meus móveis, pois morava sozinha, de aluguel, e me joguei nessa jornada. Não sabia o que iria encontrar, os desafios, os ganhos, mas estava de coração aberto e disposta a experimentar o que a universidade me oferecesse.

Cheguei e fui morar em uma república com mais três garotas. Trouxe minha cachorrinha companheira, Mirabel. O início foi estranho, mas respeitei o tempo. Tudo era novo, mas já sentia um desconforto que meses depois consegui entender. Estava morando em uma casa com três mulheres brancas e sudestinas, não conseguia me conectar com elas, não havia assunto. Eu era um ser estranho, diferente, e sentia da parte delas um “cuidado” ao falar comigo. Não esse cuidado de acolher, mas de dizer ou falar algo que pudesse ser mal interpretado. Elas nitidamente tinham medo de mim. Fui me conectar com outras pessoas para não me sentir sozinha, foi quando encontrei meu bonde, MEU BONDE AFRO-NORDESTINO. Na companhia deles eu estava confortável.

Até que, em um final de semana, eles decidiram me visitar e passar a tarde comigo em casa. No dia seguinte à visita fui convidada a me retirar do local onde morava. Uma das moradoras não gostou de ver pessoas negras na casa, e digo isso sem suposições. Fui acusada de estar fazendo festas escondidas, de trazer pessoas estranhas para dentro da casa, mesmo eles sendo estudantes da UNICAMP. Para aquelas mulheres brancas eles eram apenas negros, ou seja, sempre um corpo estranho e ameaçador. Insinuaram ter drogas e várias outras acusações. Em um país minimamente igualitário, elas estariam presas com tantas calúnias e difamações.

Ao me deparar com aquelas acusações, não tive reação. Foi a primeira vez que lidei com o racismo de forma explícita e estava totalmente sozinha em uma cidade branca e elitista, de frente para três mulheres brancas que, no seu pacto da branquitude, se apoiaram. Mesmo as demais que não estavam presentes no dia em que a visita ocorreu se pronunciaram. Em meio àquela situação, procurei minha rede de apoio. Aproveitei o momento em que estava sozinha na casa e saí levando minha Mirabel. Enviei um recado no grupo da casa, deixando explícito o racismo delas e nunca mais as vi.

Estou expondo essa situação porque vim para Campinas me tornar uma pesquisadora, para analisar as experiências de mulheres negras no turismo e me deparo com violências e escárnio no espaço acadêmico. Sim, acredito que a cidade universitária Barão Geraldo é extensão da UNICAMP e o que acontece dentro das repúblicas é parte da universidade e representa o espelho social de como este espaço, que é de formação, está mergulhado em preconceitos e exclusão.

Sem dúvida são situações que muitas pessoas negras vivenciam nos espaços de lazer, viajando, haja vista que estar aqui me coloca no lugar de forasteira, uma estranha em uma cidade com cultura, costumes e vivência diferentes da região em que sou familiar. A sensação de ser *outside within*, como nos alerta Collins.

Retornei a Salvador após a situação de violência. Me vi fragilizada, depressiva e com crise de ansiedade. Não queria e não conseguia escrever ou pensar na pesquisa. Poderia ter denunciado, poderia ter exposto, mas sinceramente não enxergo muitas soluções benéficas nas leis desse país. Decidi estar e compartilhar com os meus, busquei ser acolhida.

Retornei para terapia, pois quando pensava no processo de escrita e na experiência, a crise de ansiedade chegava. Tinha dias que só queria deitar e chorar. Após 8 meses, retornei à Campinas e, para não parecer descrente das leis e da instituição, decidi conversar com a assistente social do SAE (Serviço de Apoio ao Estudante) sobre o ocorrido. Pois bem, compartilhei e, como “acolhimento” tive meu auxílio moradia cancelado. Segundo a assistente social, eu tinha que estar morando em Campinas e não em Salvador. Esse é o cuidado que a universidade tem com uma estudante que se coloca vulnerável e denuncia um caso de violência. Se eu estava mal em ter que recordar a situação e me abrir, fiquei pior no final com o *feedback*.

Vale ressaltar que não questiono a lei ou regras da universidade. No entanto, não é este acolhimento que se espera quando você se coloca vulnerável ao compartilhar uma dor. A escolha da assistente social em prestar atenção apenas no fato de eu não estar em Campinas foi exclusiva dela. Nitidamente ela não se importava com minha situação, pois ignorou toda minha história e ressaltou apenas a questão do auxílio moradia. Inclusive, chegou a questionar se eu tinha como atestar que estava sendo atendida por uma terapeuta.

A universidade sempre foi um não-lugar para nós, pessoas pretas e periféricas, e após passar por essas experiências, tenho certeza de que este espaço ainda não está preparado para lidar conosco. Corpos pretos como o meu aprenderam desde sempre que existem locais aos quais pertencem e aos quais não pertencem (Carneiro, 2011). Poderia me sentir orgulhosa e dizer “ô sorte” em fazer parte da UNICAMP no nível de mestranda, mas diante de tanta violência fica difícil comemorar, pois a universidade ainda é um desses locais de não-pertencimento.

Houve dias em que pensei em desistir, talvez potencializada pela síndrome da impostora. Frequentemente me sinto uma impostora, como se realmente não pudesse fazer parte deste local. Sim, houve dias em que não conseguia abrir o computador, não conseguia participar de reuniões ou de aulas. Houve dias em que estava tão esgotada que sair da cama

me parecia impossível, ou pior, só era possível ficar nela. Mas, quando penso na minha mãe e em todas as mulheres pretas da minha família e comunidade, que mesmo com as diversas barreiras financeiras e sociais não desistiram, e das muitas que se espelham em mim e se orgulham em me ver nesse espaço, sei que não posso desistir.

É por elas que levanto!

Porque isso, na verdade, não tem a ver apenas com esforços e/ou capacidades intelectuais, mas tem a ver com a representatividade que carregamos enquanto ser, e principalmente quando ocupamos os não-lugares. Mais do que ser a base que mais sofre em uma sociedade racista e excludente, é ser também a figura mais presente dentro dos lares, a que segura as pontas, que faz os corres, a que ama e que se sacrifica para o bem-estar dos seus. Ser referência para outras é o que me faz estar ainda aqui, seja profissionalmente, seja no lazer como turista, seja como irmã, mulher, amiga e tantos outros adjetivos, já que somos complexas e múltiplas.

Não posso esquecer que foram as pessoas que lutaram antes de mim que possibilitaram novos olhares para a educação, tornando esse espaço, mesmo que ainda seja mínimo, um lugar mais plural e que me permitiu chegar até aqui e dialogar com diferentes pessoas sobre assuntos tão pertinentes. Foram as novas concepções e quebras de paradigmas que me deram a “sorte” de adentrar neste espaço. Mas não a sorte de quem é sortudo, é a sorte de quem vê a educação como ato político, que lutou pelas cotas, que lutou pelas ressignificações do ato de ensinar, que escancarou as desigualdades “ocultas” dentro das abordagens metodológicas. E assim, pude ter uma educação um pouco mais justa (ainda distante do que poderia ser considerada ideal), fatores que não me impediram de continuar e de querer ocupar esse espaço, e assim, poder também fazer a diferença para aquelas que estão vindo.

Por isso não desisti, me movimentei, nos 45min do segundo tempo, antes de desistir, quase chutando o último balde, fiz minha última tentativa e fiz a mudança de orientação. Sobre isso não irei me aprofundar, pois daria dissertação somente sobre a princesa Isabel (modo que escolhi referenciar minha ex orientadora), mas foi com a ajuda da banca aqui presente que pude enfim, continuar a jornada.

Mesmo exausta, sem ânimo, a professora Bete me acolheu e me ajudou a chegar ao dia de hoje. Grata à Angela pelo presente! Vou sempre dizer e repetir: tudo seria diferente se nosso encontro tivesse acontecido desde o início. Apesar da distância, do tempo curto e do cansaço físico e mental você me fez ter vontade de continuar e até me animar a um possível doutorado. Ver um grupo de pesquisa preto e com tantas mulheres incríveis calorou meu

coração. Era o que buscava encontrar quando me mudei para campinas em 2022.

E Que bom que chegou este dia, mas não serei hipócrita, a sensação é mais de alívio do que de felicidade, comemoro sim, o findar desta etapa, e principalmente por estar bem acompanhada, mas não precisava ser tão espinhoso.

Todavia, como boa sagitariana, tenho ainda a esperança de que as coisas mudem e para melhor.

PALAVRAS INICIAIS

Eu sou um corpo, um ser, um corpo só.
 Tem cor, tem corte
 E a história do meu lugar, ô.
 Eu sou a minha própria embarcação.
 Sou minha própria sorte⁵

O que é ser um corpo preto no mundo? Esse questionamento passou a me rodear diariamente em meio à pandemia de 2020 no momento do turbilhão de debates a respeito de relações raciais. Ser preto/a em um mundo racista implica em não ter o direito de ir e vir garantido. Ser preto/a transitando em um território pensado para a circulação de corpos brancos implica estar em/sob constante vigília e, no limite, estar em risco. Casos como o de Nataly Castro⁶ e Samantha Vitena exemplificam como o contexto turístico também é um risco para pessoas negras e, principalmente, para mulheres negras. Nataly foi expulsa de uma cafeteria na rodoviária de Budapeste, na Hungria, quando estava a caminho da Romênia.

“Entrei no local para tomar um café enquanto aguardava o ônibus para o próximo país e, em seguida, uma funcionária veio pedir para eu sair. Eu não saí e disse que estava comendo. Em seguida, o gerente enviou uma cliente e ela perguntou se eu falava inglês, eu disse sim. Ela disse que o gerente a mandou avisar que eu tinha que sair. Eu perguntei porque, eles só falaram pra sair” (Castro, 2022).

No caso de Samantha, ocorre a situação de que a profissional estava em viagem de negócios e, durante o voo, não quis despachar a mochila em que estava seu notebook, pois já havia acomodado no bagageiro. Por conta disso, a professora foi convidada a sair da aeronave por três policiais federais com a acusação de que ela oferecia risco aos demais passageiros. Em uma entrevista, a professora questiona: “ainda estou com perguntas a serem feitas. Por que meu corpo foi considerado uma ameaça? Por que meu corpo foi considerado indesejável a ponto de ser eu retirada do avião?” (Vitena, 2023).

Casos como os expostos acima não são casos isolados. A todo momento nos deparamos com crianças, adultos, mulheres e homens pretos sofrendo violências em diversos espaços, inclusive no contexto turístico. Nesse sentido, ser uma profissional de turismo e

⁵ Trecho da música “Um corpo no mundo” da cantora baiana Luedji Luna (2017).

⁶ Jornalista da Zona Leste de São Paulo, 29 anos, que disputa o recorde mundial do *Guinness* de ser a primeira mulher negra a viajar por todos os países do mundo.

mulher preta me afeta profundamente ao presenciar casos como os citados acima. E, na busca por indagações e respostas, cheguei a esta escrita. Além disso, me perceber como um corpo preto feminino no mundo implica pensar as diversas opressões interseccionais de raça, gênero e classe nas quais minha existência se ancora e que, constantemente, são invisibilizadas e/ou excluídas nos espaços.

Quando me refiro a ser um corpo preto feminino no mundo, penso em corpo-memória que transita, que traz amarras e violências da escravidão, mas que também é um corpo que se movimenta, que ocupa e transforma por onde passa. Meu corpo fala mesmo em silêncio, mesmo antes de chegar, já é avistado e atravessado por olhares de opressão e silenciamento que tentam impedir o curso de meu caminhar, minha possibilidade de transitar, viajar e de expor minha voz e meu olhar.

Esse corpo preto feminino segue sendo marcado por violências históricas de desumanização, sexualização, erotização, trabalho forçado e subalterno. Ainda hoje, após séculos de silenciamento, encontra-se na base da pirâmide social, com menores índices de acesso à educação, mercado de trabalho, saúde, entre outros direitos. É um corpo preto feminino que, ainda que mergulhado pelas faltas de assistência sociopolítica, “ousa” desejar e ter direito ao lazer e se põe a transitar em outros territórios em busca de descanso, conhecimento, experiências e aventura. Essa ousadia é um movimento contra hegemônico diante dessa estrutura que tenta nos paralisar todos os dias.

Pleitear esse direito que nos parece distante, e considerado por muitos como fútil, só é possível devido ao conhecimento construído ao longo de lutas e vivências produzidas por outras iguais que possibilitaram a implementação de políticas públicas de permanências para os grupos excluídos. Todos os dias tenho aprendido com aqueles e aquelas que vieram antes e as que ainda estão por vir, a enfrentar os muitos obstáculos que se reconstróem ao longo da história, fazendo movimento de *Sankofa* para não esquecer de onde vim e para onde quero ir. Poder ocupar os espaços e me movimentar é uma forma de enfrentamento às estruturas que buscam me silenciar; por este motivo, levantes e resistência negra ocorreram e ocorrem em reivindicação à liberdade de ocupar os territórios que diversas vezes foram construídos pelo nosso suor, embora sejamos cerceadas/os neles até os dias atuais.

No livro “Se a cidade fosse nossa” (2023), Joice Berth nos provoca a refletir sobre o direito à cidade. Nele, a autora evidencia, a partir da perspectiva da arquitetura, que os territórios são construídos através de inclusão/exclusão de grupos minoritários. A autora afirma que a cidade é formada e construída através de raça, gênero e classe — valendo ressaltar que, no decorrer do texto, a autora deixa **escuro** que classe e raça andam de mãos

dadas, haja vista que as classes mais baixas são formadas, em sua maioria, por pessoas negras e vice versa. Com isso, destaca que não podemos analisar a cidade sem racializá-la e complementa que a cidade também tem gêneros que se interseccionam com as demais opressões.

A configuração das cidades é permeada por símbolos que reafirmam o modelo supremacista e as hierarquias sociais. Suas construções são formadas por narrativas que favorecem a memória e história de um grupo hegemônico, perpetuadas para rememorar e exaltar heróis, representantes e datas. Enquanto isso, outros são excluídos e colocados à margem juntamente com suas memórias, saberes e fazeres, retirando seu direito à cidade, ao lazer e sua história. O turismo, como atividade que interage com essas construções narrativas, reproduz também esses discursos.

A cidade, em sua perspectiva de progresso, vem construindo formas de demarcar espaços e “higienizar” circuitos, focando em estabelecer perfis de acesso aos diferentes territórios. Os espaços que outrora eram ocupados pela população negra, hoje passaram a ser locais de grandes centros urbanos e turísticos. Esse processo, contudo, torna-se possível através da expulsão e apagamento das memórias locais, empurrando o grupo que ali vivia para locais insalubres, distantes do “centro” e sem o mínimo de recursos de direitos básicos: “longe dos olhos”, mas perto o suficiente para continuar operando como mão de obra. Um exemplo disso é o crescimento da cidade de São Paulo: o centro da cidade, antes morada de pessoas negras, hoje tem diversos pontos turísticos que não destacam as histórias da população negra que ali vivia (Nascimento, 2014; Rodrigues, 2021).

A cidade de Salvador, considerada a mais negra fora de África, também sofre os mesmos processos de gentrificação⁷ ou higienização social. Isto é, seu centro histórico é cercado pela memória da formação da cidade, mas exclui a população negra dos principais fatos e relevâncias de sua formação, a fim de atender as necessidades do mercado acarretando uma série de impactos sociais, como a diferenciação do espaço das cidades (Mendes, 2015). O turismo da cidade se apropria do aspecto cultural, sem incluir quem o produz, enquanto um grupo hegemônico se beneficia do turismo e da cultura negra da cidade. No entanto, a própria população negra local permanece sofrendo com a violência e desemprego, fazendo com que a

⁷ Cunhado nos anos 1960, foi associado a um fenômeno restrito ao centro da cidade e à especulação de seu preço, por concentrar área de alto interesse, a gentrificação ocorre em locais não mais limitados ao centro. Para compreender o processo gentrificador, uma das abordagens possíveis do fenômeno consiste na inserção de conceitos decorrentes de estudos coloniais, como o racismo urbanístico, que associa a gentrificação a dimensões como etnicidade e raça, reconhecendo que a conquista dos espaços ocorre quase sempre em zonas da cidade, nas quais residem pessoas de certa nacionalidade, origem étnica, gênero e cor, observando na gentrificação um movimento de colonialidade do poder que não oferece resistência às pessoas afetadas (Cordero, 2016, p. 101-102).

cidade ocupe hoje o título de cidade que mais mata jovens negros no Brasil, segundo dados da Rede de Observação de Segurança de 2023.

Seguindo a análise, o direito à cidade, à moradia, ao trabalho e ao lazer também se encontram constitucionalmente como dados, porém estes não constam como efetivados para os grupos minoritários e vulneráveis. Dentre esses, destaco o lazer que é entendido como a cultura vivenciada no tempo disponível entre as obrigações humanas, combinando os aspectos tempo e atitude (Marcellino, 1998). No entanto, não me refiro a este lazer que nos limita ao nosso espaço bairro/cidade, mas sim ao lazer que nos permite transpor barreiras culturais, geográficas, sociais e linguísticas.

O lazer, refletido aqui através do turismo, é aquele que nos permite descansar, conhecer e experienciar culturas e pessoas em diferentes regiões. É entendido como uma atividade que também proporciona o lazer pessoal através do contato com outras culturas e outras realidades. Isso significa considerá-lo como tempo privilegiado para a vivência de valores, questionando a ordem social estabelecida, e contribuindo para mudanças de ordem moral e cultural, necessárias para a implantação de uma nova ordem social.

Marcellino (2000, p. 73) defende que o turismo é uma importante atividade de lazer:

Sem desconsiderar os aspectos econômicos, ligados à produtividade de um setor de prestação de serviços, as atividades de turismo, entendidas como manifestações culturais, configuram-se, fundamentalmente, ainda que de modo não exclusivo, como práticas de lazer. Esse entendimento significa que os interesses turísticos estão incluídos entre os conteúdos culturais do lazer.

E complementa:

Longe de ser considerado simplesmente uma futilidade, ou “um desfile superficial por lugares diferentes”, o turismo pode e deve ser entendido como uma atividade cultural de lazer, oportunidade de conhecimento, de enriquecimento da sensibilidade, de percepção social e experiências sugestivas (Marcellino, 2000, p. 74).

Dessa forma, como uma profissional de turismo preta, analiso a atividade turística, a partir dos afetamentos que esta atividade me provoca. Ora como turista, ora como profissional, vejo que o turismo é uma atividade que possui definições complexas e mutáveis, pois se manifesta e se expande devido às modificações históricas, nos mais diversos aspectos — econômicos, culturais e políticos.

É essa complexidade que me provoca a pensar como o turismo dialoga com as

intersecções de raça, gênero e classe que formam meu corpo preto feminino. Também, enquanto profissional preta, não me vejo valorizada em cargos e funções de liderança; enquanto turista, sou confundida com funcionária do estabelecimento em que sou cliente, ou sou um corpo invisível ou não pertencente ao direito de ser atendida. A qual lugar pertenço? Há ações disruptivas diante desta lógica?

Nesse sentido, ao pensar nesse corpo preto feminino que é profissional de turismo e também turista, chego à compreensão de que o turismo pode e deve ser lido como fenômeno cultural e social (Moesch, 2002), pois, para além do fator econômico, a atividade é formada por pessoas, cada uma com suas crenças, costumes e, conforme os encontros passam a acontecer dentro deste território, geram estereótipos provocados pelo trânsito de outras pessoas com culturas, políticas e vivências diferentes.

Barretto (2016, p. 02) afirma que “o turismo é movimento de pessoas, é um fenômeno que envolve, antes de mais nada, gente. É um ramo das ciências sociais e não das ciências econômicas, e transcende a esfera das meras relações da balança comercial”. Muitos estudos sobre o turismo pecam ao perceber a atividade apenas como fator econômico, desconectando-a do campo social e suas intersecções, assim como ignorando a complexidade do fenômeno turístico e como ele afeta toda a sociedade.

Pesquisadores como Moesch (2002), Barretto (2016), Krippendorf (2009), Oliveira (2021), entre outras/os, analisam as experiências de mulheres negras no turismo através do olhar socioantropológico⁸. Desse modo, também auxiliaram a identificar os anseios e atravessamentos provocados pelo fenômeno do turismo no que se refere ao campo profissional, nas divisões de trabalho e suas interferências de gênero nos espaços hoteleiros e demais áreas do turismo; nas transformações ocorridas em comunidades negras, quilombolas e vilas que se tornam destinos turísticos, nas memórias e histórias que são narradas nos roteiros divulgados para vender o destino, além das vivências e experiências de pessoas negras, particularmente as mulheres negras que viajam sozinhas e/ou acompanhadas e como elas se percebem nos espaços, entre outros temas que podem ser analisados para além do fator econômico e financeiro.

Para Barretto (2003), analisar o turismo exclusivamente a partir dos aspectos econômicos leva ao esquecimento de sua dimensão antropológica, enxergando os turistas não como pessoas, mas como simples portadores de dinheiro e, portanto, potenciais ativadores da roda financeira do turismo. Por isso, é necessário tratá-lo a partir de sua dimensão socioantropológica juntamente com as derivações no plano econômico, para que se evite a

⁸ Termo utilizado no livro “Olhares contemporâneos sobre o turismo”. Serrano; Bruhns; Luchiari, 2000.

visão romântica descolada da atualidade e do contexto histórico, haja vista que o sistema econômico está intrinsecamente ligado aos grupos sociais e impacta seu deslocamento e vivência em seu contexto antropológico, ambiental e político.

De La Torre (1992, p. 19) complementa:

O Turismo é um fenômeno social, que consiste no deslocamento voluntário e temporário de indivíduos ou grupos de pessoas que, fundamentalmente por motivo de recreação, descanso, cultura ou saúde, saem do seu local de residência habitual para outro, no qual não exercem nenhuma atividade lucrativa nem remunerada, gerando múltiplas inter-relações de importância social, econômica e cultural.

Dessa forma, as dimensões conceituais interferem no movimento das ações e das políticas, demonstrando a amplitude e complexidade que o turismo proporciona. Portanto, é mais do que necessário analisá-lo por uma lógica mais humana, na qual o sujeito é o agente central desse fenômeno social. Além disso, é importante destacar que o turismo se dá devido ao deslocamento de pessoas voluntariamente em busca de lazer, descanso, ócio fora do seu habitat cotidiano. Ou seja, acontece em um território outro e, este outro, mesmo estando em seu território familiar encontra-se com o novo outro que chega. Assim, “é um fenômeno social, multidisciplinar e interdisciplinar que envolve inúmeras faces de vivências humanas, desencadeando diversas atividades no campo objetivo” (Pinto; Moesch apud Silva et al, 2017, p. 4) e subjetivo.

O racismo fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para a reprodução das formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea (Almeida, 2019). Nesse sentido, se o turismo acontece nos espaços sociais e gera mudanças multiculturais, podemos afirmar que essas mudanças também são afetadas pelas mesmas opressões que formam esses espaços.

Se o racismo é pilar da construção social do Brasil, perpassando por todos os campos, é lógico que no turismo não seria diferente. Além disso, se manifesta como elemento principal da desigualdade nas relações sociais, interseccionando-se com outras opressões sociais, agindo como tentáculos que sustentam e fornecem energia para que se mantenha em nossa sociedade. Nessa lógica, cabe questionar: como a relação de raça, gênero, classe e sexualidade forma a identidade de turista negra? E, se as mulheres negras ocupam a base de todos os marcadores sociais, como constroem este lugar de ser uma turista negra?

Há toda uma complexidade estrutural que coloca as mulheres negras em posição de desvantagem em relação aos homens brancos e negros e, principalmente, às mulheres brancas. Além disso, o fenômeno turístico tem efeitos positivos e negativos nas condições de vida das

mulheres e, sobretudo, na sua posição em relação à discriminação e à subordinação em uma sociedade formada nos moldes racistas e machistas.

A presença de mulheres negras nos espaços turísticos, de acordo com as pesquisas levantadas, é decorrente do apagamento e/ou formação de estereótipos como figuras do exótico, do sexual ou servidasoras do turismo (Oliveira, 2022; Hitze, 2018). Esse modelo evidencia as representações dadas aos corpos pretos femininos, enfatizando posições que surgiram a partir da herança escravagista e que permanecem nos dias atuais (Silva, 2016). Essa prática foi utilizada muitas vezes na comunicação do turismo quando este apresentou a mulher negra como “mulata de carnaval”, estereotipando-a sob uma imagem totalmente erotizada, estimulando a exploração sexual. Sabe-se que muitas viagens, em especial para o Brasil, são ainda hoje motivadas a partir desse imaginário (Gabrielli, 2011).

A partir de revisão bibliográfica sobre turismo, gênero e raça, as pesquisas, em sua maioria, focam na temática do turismo sexual e na imagem de hiper sexualização da mulher brasileira, bem como o lugar de trabalhadora, o papel de camareira ou em outros papéis servindo ao turismo. Apesar de pessoas negras participarem da atividade turística, trabalhando ou empreendendo, há poucos estudos voltados para a compreensão da questão do negro no Brasil como turista (Oliveira, 2021).

Devido à pouca expressividade do debate racial no campo, a partir de 2020 pesquisadoras negras do turismo no Brasil, como Oliveira (2020) e Rodrigues (2021), trouxeram à pauta debates sobre raça e turismo; outras ainda, como Silvia (2022) e Santos e Sá (2021) incluem a análise de gênero neste debate; porém, esta é ainda uma discussão incipiente, o que evidencia a necessidade de mais debates e estudos sobre o assunto.

As fases de análise desta pesquisa partem da intersecção de raça, gênero e classe no turismo para sua fundamentação. Leituras pautadas na historiografia de intelectuais negras, como Carneiro (2023), Collins (2019), Kilomba (2020), Gonzalez (1988) entre outras, auxiliarão a compreender a dinâmica do lugar que a mulher negra ocupa no turismo.

As mulheres negras são o sujeito desta pesquisa e suas vozes e experiências são evidenciadas a partir da enunciação dos espaços sociais. Afirimo, ainda, que muitos ecos vindos destes espaços sociais que serão abordados também são meus. Neste sentido, Grada Kilomba (2020) e Sueli Carneiro (2011) trazem elementos essenciais ao sinalizar as formas como os corpos podem ser afetados e percebidos na sociedade. É através de suas escritas que podemos entender o local onde encontram-se aquelas que, em oposição ao universal, são sempre colocadas no lugar de “outra” e, portanto, passam a ser os *corpos-objetos* que ocupam os lugares de objetificação, sexualização, não-humanas, sem rostos e sem identidades.

É nessa passagem de *objeto* a *sujeito* (Kilomba, 2020) que ressaltamos a importância das vozes daquelas que são silenciadas ao longo da história. Ancorada na teoria da escrevivência de Conceição Evaristo (2016), reivindico as escrevivências produzidas *por* e *para* mulheres negras, assim como seus impactos no mercado turístico, explorando sua relevância e representatividade como turistas pretas e seu direito ao ócio e ao lazer.

A partir das escrevivências de Conceição Evaristo (2016), desejo antes de tudo que as próprias mulheres escrevam suas histórias dentro do espaço turístico. Anseio, com esse trabalho, que cada leitora negra seja tomada pela consciência de si, de seu corpo, sua história, tornando-se sujeita política, resistente e revolucionária, sabendo os porquês que atravessam esse local, seu corpo e sua vida.

Conforme as temáticas “mulher negra, turista, turismo” eram revisadas, deparei-me com uma lacuna no que se refere aos estudos que focam, principalmente, nas representações das mulheres negras como protagonistas da atividade turística. A partir disso, nasceu a seguinte questão de pesquisa: quais percepções as mulheres negras têm experimentado na condição de turistas e pessoas de direito ao lazer? Para responder e compreender a dinâmica que transita nesse problema, formulei os seguintes objetivos.

Como objetivo geral tenho a intenção de analisar como se dão as expressões e representações sociais de raça e gênero que permeiam as vivências de mulheres negras no papel de turistas. O caminho a ser percorrido nos faz encontrar com os seguintes objetivos específicos: a) analisar o processo de construção social da imagem da mulher negra no turismo; b) compreender como os fatores raça e gênero atravessam as experiências das mulheres negras como sujeito no turismo; c) discutir como a representatividade de mulheres negras, por meio da visibilidade proporcionada pela internet na contemporaneidade, pode ser um agente de transformação para um turismo inclusivo.

Com isso, a dissertação está dividida em três capítulos principais, além de suas articulações finais. No primeiro capítulo, *Turismo, lazeres e compreensões*, pontuo alguns conceitos acerca da dinâmica do turismo e como ela dialoga com a raça e gênero. Uma breve contextualização do advento do turismo se faz necessária para compreender a relação com o tema proposto. Sigo, posteriormente, **enegrecendo** o contexto do turismo explicando as representações sociais na perspectiva de raça na formação do espaço turístico.

Destaco o conceito de turismo enquanto fenômeno social a partir de Barreto (2016) e Krippendorff (2009). Ademais, dialogo com o conceito de imagem de controle cunhado por Patricia Hill Collins (2019), pois é importante trazer conceitos decoloniais para além dos já pautados nos estudos tradicionais do campo, principalmente porque a pesquisadora que

escreve é uma mulher negra e desenvolve uma pesquisa que fala sobre corpos negros femininos.

Ainda no primeiro capítulo discorro sobre as ações de políticas de ações afirmativas voltadas para o acesso da população negra ao campo do turismo, possibilitando o diálogo a partir das relações étnico-raciais, gerando o debate para o afroturismo e, paralelamente, o letramento racial como ferramenta para que mulheres negras reivindiquem o turismo como lugar de direito.

No segundo capítulo, *Mulheres Negras Revolucionárias: tornando-se sujeitas de si*, descrevo a etnografia e as elaborações desenvolvidas na pesquisa, apresentando os *corpora* da pesquisa. Todo o material analisado gira em torno da história do coletivo *Bitonga Travel* e o relato das integrantes que participaram de uma viagem específica. Compartilho alguns depoimentos e reflexões produzidas pelas mulheres do grupo em suas redes sociais e outros espaços da mídia sobre diversas experiências, como as da primeira viagem de avião, o desafio de viajar em grupo e de se permitir ao descanso.

No terceiro capítulo, *Sou eu, esta que viaja! Viveres, andares e saberes afro-turísticos*, destaco categorias de análise escolhidas a partir de minhas observações e depoimentos vivenciados durante a viagem, tais como: etarismo, maternidade, localização geográfica, escolaridade e religiosidade. Essas escolhas dialogam com as categorias de opressão posteriormente evidenciadas (assim como serão discutidas ao longo da pesquisa) que, no caso são o machismo, racismo e sexismo na formação da subjetividade das mulheres enquanto turistas-pretas.

Nas articulações finais reúno as principais análises documentais derivadas dos materiais coletados. Me debruço sobre as que trazem elaborações acerca de dados empíricos relevantes para o âmbito da produção bibliográfica em que esta pesquisa se situa, assim como também sintetizo os pontos que mais chamaram a atenção na interlocução entre as reflexões e os debates teóricos.

Como parte das Ciências Sociais Aplicadas, os estudos turísticos dialogam constantemente com perspectivas interdisciplinares e permitem uma análise ampla sobre determinados objetos e sujeitos de estudos (Decker, 2007). Nesse aspecto, faz-se necessário provocar discussões que envolvam a atividade nas demandas sociais. Para o presente trabalho, investiga-se o turismo e as relações raciais e de gênero por meio da pesquisa de caráter qualitativo e exploratório, com abordagem etnográfica e documental aportada nas técnicas da etnografia (Zanini, 2016). Tais procedimentos metodológicos foram adotados para responder à pergunta que orienta essa investigação e seus respectivos objetivos.

Como dito, a principal fonte de dados da pesquisa é oriunda de relatos e depoimentos de mulheres que fazem parte do Coletivo *Bitonga Travel*. Essa organização é atualmente composta por um grupo de mais de 200 pessoas e é voltada ao incentivo do protagonismo de mulheres negras nos espaços de lazer por meio da visibilização de suas próprias narrativas. Por conta do universo quantitativo e da vivência que tive com uma parcela de mulheres em uma viagem para a Colômbia, em parceria com a agência *Afrotrip*, escolhi esse momento conjunto com 25 mulheres negras e suas produções discursivas na viagem turística como objeto de análise. A investigação será focada na interação com elas durante a estadia, além de alguns relatos publicados por elas em suas redes sociais; um vídeo produzido pelo coletivo e um podcast que explorou a experiência e contou com a participação da mulher mais velha que esteve durante a experiência turística.

A partir das percepções sobre o grupo, foi escolhido como método a análise etnográfica que, segundo Mattos (2011, p. 56), “(...) procura identificar o significado nas relações sociais de classe, etnia, linguagem, gênero, e a cena imediata onde estas relações se manifestam”. A observação do grupo permitiu definir alguns critérios de análise para poder entender sua diversidade e assim chegar a algumas respostas, tais como: origem geográfica, idade, maternidade, classe, religião, entre outras intersecções que serão detalhadas no capítulo de resultados.

Além disso, poder estar junto com o grupo vivenciando as diversas intervenções culturais e sociais durante a viagem me coloca como pesquisadora participante que desenvolve uma etnografia em movimento (Ramos, 1990). É devido esse movimento que consigo analisar o corpo preto feminino através de suas ações, percepções, depoimentos e vivências como viajante e também como me percebo em cada momento junto ao grupo.

Autores negros como Fanon (2008), Lorde (2019), hooks⁹ (2013), Kilomba (2020), Gonzalez (1988) há muito tempo escrevem em primeira pessoa, tomando por base suas experiências pessoais, pensando com o próprio corpo ao produzirem suas trajetórias intelectuais e reflexões teóricas. Buscarei dialogar com seus escritos e orientações teórico-metodológicas nesta pesquisa.

⁹ Sobre o nome de bell hooks ser empregado em letra minúscula: a prática surge a partir da postura da própria autora que criou o nome em homenagem à sua avó e o empregava em letra minúscula como um posicionamento político que busca romper com as convenções linguísticas e acadêmicas, dando enfoque ao seu trabalho e não à sua pessoa. O presente texto respeita a escolha da autora.

Caminhos metodológicos

A partir dos critérios definidos e dos dados etnográficos observados durante a viagem, se fez necessário analisar quais foram as percepções das viajantes antes, durante e após a viagem. Para isso, me referencio ao método documental (Dencker, 2007; May, 2004) e inspirado na técnica da netnografia (Zanini, 2016), com a análise de depoimentos e expressões publicadas em redes sociais, podcasts, blogs e vídeos produzidos pelas mulheres que participaram da viagem para Colômbia.

A netnografia surge a partir da necessidade acadêmica de abordar o “novo” espaço de trânsitos, trocas e relações que emergiu com a internet (Noveli, 2010). Também conhecida como etnografia virtual, etnografia digital, etnografia online, webnografia, ciberantropologia, etnografia em rede e redenografia, a netnografia utiliza o ciberespaço como campo de estudo. Com as redes sociais, as pessoas passaram a criar conexões e relacionamentos capazes de fundar um espaço de sociabilidade (Zanini, 2016). Kozinets (2014) explica que a netnografia é apropriada tanto para o estudo de comunidades virtuais quanto para comunidades e culturas que manifestam interações sociais significativas de forma virtual.

Zanini (2016) aponta que os processos de uma pesquisa netnográfica envolvem quatro etapas: selecionar um projeto etnográfico, desenhar mapas descritivos, coletar e analisar dados, e realizar o registro etnográfico. Minha pesquisa busca seguir essas etapas, detalhando a viagem, coletando os registros e depoimentos realizados pelas participantes em suas redes sociais, analisando os dados e apresentando o registro nos resultados.

A netnografia foi desenvolvida na área da pesquisa de marketing e consumo, um campo interdisciplinar aplicado que está aberto ao rápido desenvolvimento e à adoção de novas técnicas. Esta prática envolve pesquisa observacional participante baseada em trabalho de campo virtual. O método investiga uma ampla variedade de questões sociais e é uma excelente forma de obter uma compreensão sobre comunidades e culturas dos espaços virtuais.

Após a viagem, as integrantes realizaram depoimentos em suas páginas do *Instagram*, *blogs* e *podcasts* narrando a experiência vivida. Esses dados foram utilizados na análise documental a partir de uma abordagem qualitativa, que envolve a coleta de dados em páginas da internet e outros formatos digitais. Os levantamentos informaram uma série de questões importantes sobre a comunidade e a cultura em que essas mulheres participam.

No caso do objeto em questão, esses dados foram úteis para fornecer uma visão geral do coletivo a partir da qual é possível discernir padrões. Alguns dos padrões identificados

incluem a realização da primeira viagem internacional, a insegurança de viajar sozinha, o sentimento de pertencimento, a coletividade, a descoberta de si, entre outros.

A netnografia, ao investigar essas narrativas e padrões de comportamento em que a pesquisadora também faz parte, se aproxima metodologicamente da autoetnografia que se utiliza da experiência pessoal e a autorreflexão como fontes de dados, permitindo ao pesquisador explorar suas próprias experiências em relação ao contexto cultural estudado, proporcionando uma visão interna e pessoal dos fenômenos sociais.

Ambos os métodos, netnografia e autoetnografia, se beneficiam da subjetividade e da imersão do pesquisador nas comunidades estudadas. Enquanto a netnografia foca na observação e interação *online*, a autoetnografia se concentra na narrativa pessoal e na análise introspectiva. A combinação desses métodos enriquece a compreensão das dinâmicas culturais e sociais de comunidades digitais, oferecendo uma perspectiva multifacetada que abrange tanto a visão interna quanto a observacional.

É a partir desses padrões e metodologias que analiso os dados postados pelas mulheres do grupo, proporcionando uma compreensão aprofundada das experiências e dinâmicas presentes na comunidade estudada. Vale ressaltar que seus nomes são citados no decorrer do texto, com autorização. A escolha por manter nome das participantes é também uma forma de as humanizar e assim, trazer suas vozes a partir de uma realidade que as retiram deste lugar de objeto de pesquisa. Por este mesmo motivo mantive de forma integral as legendas e citações produzidos, respeitando o pensamento na escrita e expressão.

Nesse sentido, esta dissertação pretende ser uma jornada de reflexão sobre o direito ao lazer de corpos pretos femininos a partir do lugar de pertencimento através das viagens. Dessa forma, a escolha das referências parte desse lugar. Assim, uso, antes de tudo, escritas que partem da minha localização como mulher afrodiaspórica e, a partir disso, o uso de termos como *sulear* e *escurecer* poderão emergir em minhas escritas, pois partem da ideia de descentralizar as visões eurocêtricas e coloniais de uma única localidade de referência.

CAPÍTULO 1

Turismo, lazeres e compreensões

1.1 Escurecendo o turismo no Brasil

O turismo, desde suas primeiras manifestações, reflete uma experiência cultural coletiva permeada por atributos sociais, nacionais e identitários. Sua expansão está intimamente ligada ao desenvolvimento do sistema capitalista, conforme afirmam Serrano, Bruhns e Luchiari (2004). Inicialmente impulsionado pelas reduções na jornada de trabalho e nos custos de transporte na Europa no século XX, especialmente entre a classe média em busca de lazer e descanso, também se beneficiou do surgimento da malha aérea após a Segunda Guerra Mundial, entre outros fatores.

Barretto (2003) contextualiza a formação do turismo moderno em um cenário marcado por transformações políticas, sociais e econômicas, como a Revolução Industrial e a Revolução Francesa. O crescimento tecnológico e as mudanças nos modos de produção influenciaram não apenas quem podia viajar, mas também como viajavam. Essas dinâmicas moldaram novas formas de deslocamento para pessoas, bens e culturas.

Com isso, também se tornou uma prática comum de viagens, passeios e roteiros públicos e privados, destacando a relação entre lazer, ócio e trabalho. No contexto da Revolução Industrial, o tempo livre emergiu junto ao trabalho, sendo posteriormente apropriado pelo capitalismo como uma mercadoria da economia no turismo (Orio, 2019). Assim, o lazer foi transformado em um negócio controlado pelo mercado e envolvendo os trabalhadores de forma que gerasse a ilusão de “tempo livre”.

Conforme as forças produtivas se desenvolviam, as lutas de classes se intensificavam, moldando as relações sociais e influenciando as demandas por redução da jornada de trabalho e reconhecimento do direito ao lazer por meio do turismo (Filho, 2004). Nesse contexto, surgiram as primeiras viagens organizadas, como as promovidas por Thomas Cook¹⁰ para a aristocracia inglesa, marcando o início do turismo como uma mercadoria de troca (Moesch, 2000).

Essa expansão também implicou em deslocamentos sociais e políticos, interferindo nas diferenças e desigualdades através dos contatos culturais. No entanto, é crucial refletir sobre a

¹⁰ Baseado em Lundberg Acerenza (2002, p. 71), afirma-se que “Thomas Cook foi o primeiro agente de viagens profissional dedicado ao exercício desta atividade em tempo integral”. Rejowski (et al., 2002, p. 55) relata que “Thomas Cook (...) estabeleceu as bases do Turismo, sendo considerado por vários estudiosos como o primeiro operador profissional, o fundador de agências de viagens, ou, ainda, o pai do turismo moderno”.

segmentação e hierarquização desse mercado. Se a classe trabalhadora é fundamental para a dinâmica capitalista, por que é a que menos usufrui do lazer proporcionado pelo turismo? Essa questão nos leva a refletir sobre as exclusões e marginalizações da população negra e a necessidade de promover uma abordagem mais inclusiva e igualitária dentro desse fenômeno.

Além dos custos elevados que os atrativos turísticos proporcionam, estes também são construídos simbolicamente para afastar determinados grupos, principalmente a classe trabalhadora que os produzem. Esses espaços, em sua maioria, dificultam o acesso de transporte ou os encarecem; logo, para ter acesso é necessário contratar empresas de turismo e/ou ter condução própria. Além disso, alimentos, meios de hospedagem e outros serviços do local passam a ter valores altos e atendimento que os impede de usufruir.

De acordo com Andrade (1995), o turismo é compreendido como um fenômeno social que transcende as viagens realizadas pelos jovens aristocratas ingleses. Uma perspectiva contra hegemônica sugere que muitos povos antigos, incluindo africanos e indígenas, tinham a cultura de nomadismo, sugerindo que tais deslocamentos envolviam encontros e interações com diferentes culturas e territórios. Neste contexto, surge a indagação de que se este movimento poderia ser considerado uma forma de turismo, quando analisado à luz das interações sociais e intercâmbios culturais.

Apesar de o conceito moderno de turismo ter sido consolidado após a Revolução Industrial sob uma abordagem mercadológica e eurocêntrica, evidências históricas apontam a prática ancestral desses deslocamentos. Segundo estudiosos do turismo, a formação do que conhecemos como hotelaria remonta aos deslocamentos na Grécia Antiga, notavelmente durante os Jogos Olímpicos de 776 a.C., quando visitantes de todo o mundo helênico convergiram para Olímpia. Foi no período do Império Romano que as viagens começaram a ser percebidas como uma forma de escapismo da rotina diária, embora restritas às elites livres que detinham os recursos e o tempo necessário para desfrutar das viagens como lazer (Holden, 2005).

Andrade (1995) discute como os nobres ingleses consideravam que apenas aqueles que realizavam o *Grand Tour* pela Europa possuíam cultura. Nesse contexto, a ausência de cultura em outros indivíduos os inclinava à subalternização, destacando a questão de quem são esses “outros” que serviriam àqueles que detêm o conhecimento e o status cultural dominante. Esta dinâmica revela um aspecto de exclusão e segregação que permeia a sociedade, relegando às pessoas não-brancas posições marginalizadas. O apagamento das práticas e saberes originários de povos não-brancos, juntamente com a deslegitimação de suas produções culturais, foi um processo profundamente enraizado no contexto da colonização.

Além disso, é importante considerar o crescimento do turismo hegemônico, no qual os deslocamentos por lazer, conhecimento e vivência cultural eram predominantemente desfrutados por pessoas brancas. Em contraste, pessoas negras buscavam segurança em meio à segregação racial, como ocorreu nos Estados Unidos durante o período de *Jim Crow*, em que a legislação impedia o acesso de negros a diversos espaços públicos mesmo após o fim da escravidão.

A Lei Jim Crow afetou particularmente a maneira como os negros podiam viajar pelos Estados Unidos e, em 1936, Victor Green publicou *The Negro Motorist Green Book* — o primeiro guia de viagem para viajantes negros (Verde, 1947). Este guia, que permaneceu em circulação por 30 anos, fornecia informações essenciais para que os negros pudessem navegar com segurança em áreas racialmente segregadas. Além de oferecer orientações sobre locais seguros para alimentação e hospedagem, podemos considerar o *Green Book* como um guia turístico, já que facilitava as viagens e a exploração de espaços para pessoas negras, oferecendo uma alternativa necessária aos guias turísticos tradicionais, predominantemente direcionados a pessoas brancas.

Apesar da criação do *Green Book* estar voltada para a sobrevivência da população afro-americana, ele nasce a partir da facilitação da mobilidade da população negra dentro do seu território cercado por leis segregacionistas. Porém, o aspecto turístico estava intrínseco: o livro oferecia informações sobre as condições automobilísticas, maravilhas cênicas de suas viagens, lugares de interesse visitados e contos sobre suas experiências automobilísticas, possibilitando que a população alcançasse o direito ao lazer com o mínimo de segurança. Hoje, muitos dos lugares que outrora acolhiam a população negra se tornaram locais de fonte histórica e valorização da cultura, tornando-se atrativo para aqueles que buscam turismo de experiência, voltado para cultura afrodiaspórica, inclusive para as pessoas não-negras.

Embora as viagens de pessoas negras não sejam novidade, há uma lacuna significativa nos estudos acadêmicos sobre o assunto. O conhecimento existente sobre o conceito e funcionamento do turismo ainda é fortemente eurocêntrico, o que resulta no silenciamento e no apagamento dos conhecimentos provenientes de outras culturas e grupos historicamente marginalizados. Os fundamentos dos estudos críticos do turismo muitas vezes adotam uma análise ontológica que prioriza exclusivamente o viés econômico, negligenciando uma abordagem crítica que leve em consideração as complexas estruturas de poder e desigualdade inerentes à economia global (Bianchi, 2009).

Além disso, a dificuldade em incorporar novas perspectivas epistêmicas no campo do turismo resulta num distanciamento das investigações turísticas das comunidades locais.

Frequentemente a atividade turística perpetua a dinâmica em que as comunidades são vistas como coadjuvantes, com cultura apropriada sem considerar saberes e práticas, relegadas a uma posição de mão de obra subalterna.

Apesar de alguns avanços na pesquisa e nos estudos sobre turismo, nosso conhecimento ainda é predominantemente colonial. Quando afirmamos que o conhecimento turístico é colonial, queremos destacar o privilégio das epistemologias ocidentais que foram historicamente produzidas e disseminadas a partir de uma perspectiva colonial. As epistemologias ocidentais servem, assim, para colocar em primeiro plano a cultura ocidental, ao mesmo tempo que negam a legitimidade dos conhecimentos e cosmologias daqueles que estão no eixo Sul global. Isso resulta no apagamento de importantes fontes de conhecimento, como o *Green Book*, assim como o nomadismo no continente africano e indígena nas Américas.

Os estudos turísticos frequentemente se concentram na análise de determinadas regiões e suas comunidades como objetos de investigação, ao invés de promoverem a produção de conhecimento turístico participativo. Isso coloca as comunidades em uma posição subalterna, vistas apenas como coadjuvantes no setor do turismo, sem serem reconhecidas como detentoras de conhecimento. Por exemplo, no Brasil, a região nordeste é um dos destinos turísticos mais populares, no entanto, existe uma discrepância ao analisar a dinâmica entre a comunidade local e os turistas.

No livro “O Olhar do Turista”, Urry (2001, p. 174) aponta como são construídas as percepções sobre o destino pela publicidade:

(...) nós não vemos as coisas literalmente. Sobretudo como turistas, vemos os objetos que são construídos como signos. Eles representam algo mais. Quando olhamos como turistas, o que vemos são vários signos ou clichês turísticos. Alguns desses signos funcionam metaforicamente [...] outros metonimicamente. [...] A fama do objeto transforma-se em seu significado. Existe, assim, uma agenda cerimonial, na qual se estabelece aquilo que deveríamos ver e, algumas vezes, até mesmo a ordem em que as coisas devem ser vistas.

Os signos que Urry (2001) nos apresenta são os mesmos que Hall (2016) chama de *representações*, que explicam ou possibilitam analisar como as imagens e signos à nossa volta podem nos ajudar a entender o mundo em que vivemos. Segundo o autor, não há um significado prévio, é a mídia quem constrói a representação de grupos e do destino que deseja mostrar. Nesse caso, quem forma o olhar do turista são as linguagens, imagens e significados

prévios, os quais definem qual destino o turista irá visitar e o que ele irá conhecer, bem como quem são as pessoas que podem ser consideradas turistas.

É nesse sentido que inicio o debate a respeito das relações raciais no turismo com uma simples provocação: “Imagine e descreva um turista!”. Em sua maioria, ouço representações de um homem branco com sua máquina fotográfica e/ou um homem branco com suas roupas coloridas florais. Para além de reforçar estereótipos e clichês turísticos (Krippendorf, 2009; Hintze, 2013), a maioria das representações parte da ideia de um homem, branco, hetero e cis. Poucas são as representações de mulheres, pessoas LGBTQIAPN + ou pessoas negras.

A construção do processo de intersubjetividades entre sujeitos, a partir do fenômeno turístico, perpassa pelo valor simbólico que é atribuído às experiências vivenciadas pelo turista no destino visitado. No entanto, estas intersubjetividades são prejudicadas no momento em que a dignidade humana é violentada e os estereótipos são materializados, negando a condição desse sujeito como um consumidor turístico (Ferreira; Casagrande, 2018, p.14).

Nesse sentido, se há uma negação de pessoas pretas nos espaços como turistas, como elas são representadas? A imagem de uma pessoa negra é situada como um servidor que trabalha nos bastidores (Hintze, 2012; Oliveira, 2022). Em sua maioria, também são representados em atividades subalternas e repetitivas, como um atrativo turístico por serem consideradas pessoas exóticas ou por corresponderem aos clichês turísticos. Muitos estereótipos são através de representação de cantor ou compositor popular, jogador de futebol e *mulata*, ou seja, como objeto de entretenimento (Gonzalez; Hasenbalg, 1982).

A publicidade da revista faz uso da imagem de negros para dar uma ideia de diversidade e são usados estereótipos para retratá-los, ligando-os ao continente africano ou vinculando-os de forma reducionista a determinado estilo musical. Acerca da representatividade, o negro aparece em 11,23% da publicidade e em 6,31% do conteúdo produzido pelo próprio periódico (Oliveira, 2022, p. 1).

Numa simples pesquisa em um buscador online, insiro a palavra “turista”. De pronto tenho imagens de pessoas não-negras representadas de forma absoluta; ao escrever “brancos e navios”, aparecem imagens de pessoas brancas em cruzeiros, barcos velejando, lanchas e iates. Por outro lado, ao utilizar a expressão “negro e navio”, aparece imagem de um navio negreiro.

A mídia, aqui representada pelo site de busca, invisibiliza a pessoa negra do papel de turista e assume a figura branca como a imagem do consumidor de viagens e lazer. Além

disso, tais imagens colocam as pessoas negras em sua maioria no papel subalternizado. Dessa forma, pessoas negras não são representadas em seus valores e interesses no campo das viagens, *tours*, hotéis etc. É como se não existissem. Ou seja, é como se não pertencessem a nenhum lugar ou não deveriam estar em nenhum desses lugares. São, portanto, *personae non gratae*, o que no contexto turístico não inclui o mesmo peso jurídico das determinações do campo diplomático, mas que explicita a concepção de grupo não bem-vindo ou que não se encaixa enquanto público-alvo, atribuída a mulheres, LGBTQIAPN+ e negros.

Dessa forma, o turismo tem sido tradicionalmente branco, com pouca atenção às experiências das minorias raciais e étnicas, o que reforça a invisibilidade do negro na esfera das viagens (Buzinde et al., 2006). Por isso, Moesch (2002) alerta sobre não se restringir o fenômeno turístico e as pessoas envolvidas apenas pelo viés econômico. Para ela, a partir disso, são constituídas publicidades dirigidas visando apenas fomento de fluxo de turistas e entrada de recursos financeiros.

Na lógica econômica, quem consome o turismo possui status e recursos financeiros para poder investir e pagar os serviços oferecidos. O legado/experiência colonialista, especialmente no Brasil, se dá a partir das violências que negam a experiência e a intersubjetividade das pessoas negras, carregando um espectro ontológico negativo (Queiroz; Queluz, 2016), cria os estereótipos sobre os negros sempre como pessoas carentes e beneficiárias potenciais de programas assistenciais, sem capacidade de agência e resistência. Portanto, sempre como objeto de divertimento (Gonzalez; Hasenbalg, 1982), não como consumidor.

Essas são as representações que estão no imaginário social de quem constrói a narrativa turística e dita todo o planejamento estratégico para definir o lugar de cada pessoa que ocupa esses espaços. A linguagem está incumbida nas revistas de turismo em que pessoas pretas aparecem em determinadas posições criando em nosso imaginário símbolos que se tornam padrão, e que geram emoções, sentidos, símbolos e signos para o usuário que deve buscar o serviço, ou seja, o público-alvo possui cor, sexo e classe.

Isso quer dizer que o turismo é parte de uma lógica macro da sociedade que acaba por reproduzir e manter a mesma estrutura que gere as organizações políticas e sociais, portanto, é o racismo que aparece nas formas sociais e se mantém na memória coletiva. A rejeição, perpassando as instituições, está impregnada nas atitudes, nas maneiras como as organizações se estruturam, nas seleções, como também nos signos, na mídia e na atividade turística. Pires (2008) e Urry (2001) explicam que a publicidade para o turismo constrói seu discurso a partir de imaginários presentes na sociedade, fazendo uso de estereótipos existentes e fomentando

imagens “positivas” ou “atrativas” de um destino turístico ou ainda tentando desfazer possíveis imagens “negativas” ou “repulsivas”, a fim de vender aquela localidade. Sendo assim, a linguagem dá sentido às coisas e, é, portanto, uma estrutura de poder. Nesse discurso, se as pessoas negras não se encaixam nos padrões, elas acabam omitidas das imagens turísticas (Buzinde et al., 2006).

O racismo se apresenta de diferentes maneiras, a começar pela ausência de dados que reconheçam os negros como público da atividade, pois não se sabe quanto os viajantes afro-brasileiros consomem, para onde viajam, quais seus hábitos de consumo etc. (Santos, 2018; Oliveira, 2021; 2022). Além disso, a primeira lei de antirracismo criada no Brasil ocorreu após um hotel em São Paulo se negar a hospedar uma dançarina negra norte-americana, ficando conhecida como a lei Afonso Arinos aprovada em 1951¹¹, ou seja, a atividade turística mostra ser um espaço de opressão.

Uma pesquisa realizada por Santos (2018) com 580 turistas afro-brasileiros mostra que 46,7% já vivenciaram e/ou presenciaram situações de racismo ou injúria racial em viagens nacionais e 21,3% em viagens internacionais. É importante salientar que se fala aqui não apenas de um racismo explícito, direto, mas dos muitos modos em que ele se manifesta, seja de maneira cordial, sutil, moderna, em seus modos sofisticados, que fazem com que ele ainda persista em nossa sociedade.

Essas representações sociais construídas pelo racismo interferem nas relações entre cliente e organização, como também de cliente para cliente, ou seja, o turista reproduz com outro turista essas opressões, pois em seu imaginário apenas um perfil é aceito ou condiz com o lugar. Se uma pessoa negra está em um papel de funcionário ou apenas como cliente nada muda o olhar do outro, ele será sempre um corpo estranho. O discurso turístico é fundamentalmente visual e a publicidade do setor tem um papel fundamental em criar imagens de destinos turísticos, gerando expectativas acerca do que será visto e feito nos destinos, influenciando o modo como os turistas experienciam o local (Echtner, 2002; Silva et al., 2018).

O racismo deve ser entendido como a dominação sistemática de um grupo racial por outro, que tem como premissa a categorização do grupo subordinado como inferior (Jenkins, 1997). Para Almeida (2019), a sociedade contemporânea não pode ser compreendida sem os

¹¹ O Congresso Brasileiro em 3 de julho de 1951 aprovou a *Lei 1.390*, que tornava contravenção penal a discriminação racial, a discriminação por raça ou cor. Esta ficou conhecida pelo nome de seu autor, o deputado federal pela UDN, Afonso Arinos de Melo Franco. A motivação para elaborar a lei veio depois de um caso de discriminação envolvendo a bailarina afro-americana Katherine Dunham que foi impedida, em razão da sua cor, de se hospedar em um hotel em São Paulo.

conceitos de raça e racismo. A raça, segundo o autor, é um conceito relacional, histórico, político, utilizado para naturalizar as desigualdades, legitimar segregações e para praticar o genocídio de grupos considerados minoritários.

Utilizarei ao longo da escrita a nomenclatura *grupos excluídos socialmente*, pois apesar da ideia de minoritário não ser no sentido de quantidade, acredito que cabe aqui como exclusão social. Há décadas já se sabe que raças, biologicamente falando, não existem, seu conceito é uma ideia social em evolução, criado para legitimar a desigualdade racial e para proteger o privilégio dos brancos, sendo, portanto, uma construção social (Diangelo, 2018).

A falta de informações no Anuário Estatístico do Turismo de 2022 acerca das características de pessoas autodeclaradas sobre o sexo, gênero e raça (Ferreira; Casagrande, 2018, p. 8) dos mais de três milhões de turistas¹² que desembarcaram no Brasil além de inviabilizar corpos negros, implica também na falta de dados para desenvolver políticas públicas para determinado perfil de turistas. Se não sabemos quem são as pessoas que estão viajando, como criar ações para atendê-las? Além da falta de registro, deparamo-nos também com a ausência de debates no ramo hoteleiro (Oliveira, 2022), bem como a ausência de pessoas negras em órgãos oficiais, como no Conselho Nacional do Turismo, entre outros de grande importância da atividade.

Quem cria a raça e os sujeitos racializados é o racismo, e é a partir disso que se mantêm as estruturas sociais. Atualmente, o racismo é baseado em discursos de poder, seja ele histórico, social ou econômico, fazendo uso de diferenças culturais como justificativa para hostilidade e discriminação (Oliveira, 2021). Se uma narrativa turística declara que o turista é um membro do mundo civilizado até mesmo um membro da elite, com recursos, tempo de lazer e bom gosto, uma vez absorvidos e assumidos pelos turistas, os clichês turísticos continuam a moldar suas atitudes e comportamentos, afetando a forma como a realidade é produzida (Brito-Henriques, 2014) e retroalimentando a produção de visões estereotipadas.

O turismo tem seu discurso formado a partir do encontro com o “outro”, mas, o “outro” está tão deformado e estereotipado, que o encontro não se dá, dá-se um estágio, um simulacro. O olhar do turista é produzido a partir de um viés notadamente racista (Hintze; Junior, 2012, p. 71).

¹² Segundo os dados apresentados, pode-se observar que o Brasil sofreu uma queda de 97,1% no número de eventos internacionais realizados no País durante o ano em que foi decretada a Pandemia de COVID-19 (2020), em comparação com o ano anterior (2019). Os dados de 2021 registraram uma queda de 98,1% em relação a 2019, e queda de 33,3% em relação a 2020 nos eventos internacionais realizados no País.

Essa construção do outro (Hall, 2016; Kilomba, 2020) parte da ideia do medo da diferença, o que não é igual ao padrão, não é aceito, legitimando a violência e a relação de poder construída pelo branco hegemônico. Além disso, se o outro não se parece comigo, então o outro não possui humanização, portanto, deve ser consumido. Esses processos de desumanização e objetificação marcam os corpos e os sujeitos negros comprometendo, inclusive, sua capacidade de enxergar-se como indivíduos que têm ou devem buscar seus lugares no mundo, com isso, o negro é apartado, e não excluído, como corpo social (Nogueira, 1998). Nesse sentido, a atividade turística não é apenas sobre quem está em deslocamento, é sobre também quem se encontra no destino visitado e todas as pessoas que transitam direta e indiretamente neste fenômeno, ou seja, “o turismo é uma atividade realizada por pessoas em sociedade, não podemos pensar no conceito de turismo se pensarmos em um homem isolado” (Barretto, 2003, p. 21).

Ferreira e Casagrande (2018), ao estudarem sobre as pessoas negras como consumidoras de produtos e serviços turísticos, demonstraram que determinados espaços não colaboram para que pessoas negras experimentem plenamente o turismo. No que toca às representações sociais do negro no turismo, as possibilidades de mundo são apresentadas de maneira diferente e, muitas vezes, fazem com que eles acreditem que nem ao menos existem. Para Queiroz e Queluz (2016), é a negação deste ser enquanto sujeito coletivo e individual, imposta por grupos sociais produtores/detentores de poder, que elegem determinadas características culturais, étnicas e sociais como positivas, o que faz com que os estereótipos sejam os mediadores da realidade.

Esse processo, ao bloquear a capacidade do negro se ver como sujeito, bloqueia também as relações com o outro e, conseqüentemente, as relações sociais que serão estabelecidas. Esse apagamento perpassa para além da morte do corpo físico, atravessa nossos saberes, nossa memória, nossas relações, conhecimento e psiquê.

Manter corpos negros “mortos-vivos” (Mbembe, 2018, p. 70) colabora para manter o *status quo* piramidal racial em que corpos negros são constantemente encurralados entre obstáculos, enquanto corpos brancos possuem livre acesso a todos os espaços. Toda essa dinâmica social tem sido construída para limitar e impedir a existência de pessoas negras nos espaços de privilégios e, quando não conseguem impedir o acesso físico, bloqueiam a possibilidade de conhecimento, o *epistemicídio*, “instrumento operacional que tem contribuído fortemente para a consolidação das hierarquias raciais” (Carneiro, 2023), apagando nossas memórias, deslegitimando nossos saberes, distorcendo significados, demonizado crenças e descaracterizando nossos territórios. (Santos; Pinto; Chirinéa, 2018)

Este assassinato do conhecimento, de saberes e costumes de povos originários e afrodiáspóricos evidencia o quanto o racismo tem se reinventado e atravessado as construções epistêmicas e representações dos espaços. E o turismo, atividade cultural e social, torna-se também um instrumento deste berço ideológico heteronormativo que tem reproduzido micro violências a favor de determinados grupos e contra outros. Não é à toa que as memórias negras são desrespeitadas pelos órgãos oficiais da atividade, como nos apresenta (Rodrigues, 2021), em sua pesquisa, ao defender a cidade de São Paulo como uma cidade negra:

As transformações da cidade e os objetivos de uma política de branqueamento favoreceram as narrativas dos bandeirantes e imigrantes em detrimento das populações negras, e isso recai sobre o Turismo divulgado pelos órgãos responsáveis que continua a reproduzir uma narrativa oficial racista que negligencia, oculta e apaga essas participações da história da cidade (Rodrigues, 2021, p. 126).

Portanto, o turismo se torna um grande instrumento de manutenção e apagamento do legado e resgate de memórias de um povo. Assim ele pode colaborar tanto para manter nossos saberes epistêmicos vivos, como negligenciar suas informações. Para isso, é necessária uma educação turística antirracista implantada nos roteiros turísticos, nas publicidades e na formação dos profissionais e nas políticas públicas.

1.2 Turismo como ferramenta educativa de pertencimento: A Lei 10.639 e sua ótica educativa a partir do (re)conhecer-se como sujeito de direito

A educação desempenha um papel fundamental no entendimento de um universo complexo e global. Para que isso ocorra, é necessário desenvolver práticas socioeducativas que foquem na construção social do sujeito crítico. Isso também se aplica na educação e no contexto do turismo. Segundo Krippendorf (2009), o turismo precisa ser mais humano, com práticas que visam conscientizar por meio da ação de viajar. Essa abordagem visa não apenas modificar a consciência e o comportamento dos turistas, mas também da comunidade local, por meio de práticas que envolvem a interação entre o sujeito e os saberes locais.

Ao explorar a interseção entre educação e o turismo, nos deparamos com teorias que nos aproximam de Paulo Freire. Para o educador é importante pensar na educação como

prática de liberdade e empoderamento, destacando a necessidade de uma abordagem participativa e crítica no processo de ensino-aprendizagem. Embora Freire (1987) não tenha abordado especificamente o tema deste estudo em suas obras, seus princípios e métodos pedagógicos podem ser aplicados de maneira relevante no contexto do turismo.

Assim, é possível pensar a ação turística por uma abordagem mais crítica e transformadora que não apenas transmita informações sobre destinos turísticos, mas também estimule reflexões sobre questões sociais, culturais e históricas relevantes para os turistas e as comunidades locais. Através dela é possível educar o olhar do turista para os destinos, reforçar com a comunidade o seu valor e, conseqüentemente, estabelecer roteiros que potencializam o contato com histórias antes silenciadas, gerar emprego e renda para locais e minorias, etc. Além disso, a educação turística pode ajudar a evitar a exploração da mão de obra e os impactos ambientais negativos associados à chegada do turismo em certos destinos (Ruschmann, 1997; Krippendorf, 2009).

Por isso, é importante defender a formação dos profissionais do turismo que inclua uma ética voltada para essa atividade, ou seja, uma educação libertadora, que não priorize apenas o operacional, mas que inclua os fenômenos e os agentes envolvidos na atividade.

Conceder ao turismo uma face mais humana é despertar e explorar plenamente o enorme potencial que permanece adormecido em cada indivíduo. Essa tarefa, extremamente útil, mas ao mesmo tempo difícil de colocar em prática, é da alçada de uma animação bem compreendida, isto é, definida como uma educação para a viagem (Krippendorf, 2009, p.177).

Nesse aspecto, é possível associar as ideias de Krippendorf e Freire para a compreensão de uma forma de saber-fazer no turismo, proporcionando uma experiência mais humanizada para o turista, permitindo uma conexão mais profunda com o destino e a comunidade receptora. Diante disso, se faz necessário construir projetos turísticos que tenham um enfoque mais social e humano, indo além do aspecto financeiro e da lógica capitalista de exploração e exclusão que, frequentemente, resulta na descaracterização do destino turístico, na exploração da comunidade local e no aumento da violência e do desemprego.

Freire, em suas obras, enfatiza a importância da participação ativa dos indivíduos no processo educacional. No contexto do turismo, isso poderia se traduzir em oportunidades para os turistas interagirem diretamente com as comunidades locais, participando de projetos de desenvolvimento comunitário e contribuindo de forma significativa para a promoção do

bem-estar e da justiça social nos destinos que visitam em que possam gerar aprendizado mútuo entre visitantes e visitados.

Uma forma de evitar o modelo já fadado e constantemente praticado pelos órgãos públicos e privados é pensar em modelos de políticas públicas que incluam os aspectos sociais em todas as camadas, que possibilitem trazer novas perspectivas epistêmicas que dialoguem sobre o território, respeitando sua história e a população local. Isso inclui reconhecer a voz e as diversas formas que a comunidade apresenta sua cultura, proporcionando um olhar crítico e um conhecimento mais amplo, democrático, inclusivo e menos preconceituoso.

É importante ressaltar que a ideia não é transformar as viagens em uma sala de aula, mas sim permitir que elas sejam um processo de aprendizagem do lazer. Visitas a locais turísticos, como museus e restaurantes oferecem oportunidades de encontro e aprendizado que transformam os indivíduos envolvidos. Portanto, se o turismo é um espaço de aprendizado, é crucial considerar como essas experiências são transmitidas e vivenciadas a fim de evitar microviolências que favoreçam um grupo em detrimento de outro.

Pensar em uma educação mais humana para o turismo, tal como defendida por Krippendorf e Freire, parte do princípio de refletir sobre questões como: quais são as histórias contadas pelos profissionais de turismo ao receber os turistas? Quais são os monumentos de destaque que recebem visita? Quais exposições museológicas são consideradas atrativos turísticos e quais narrativas são contadas sobre elas? Isso implica em repensar as narrativas turísticas, os monumentos visitados e as exposições museológicas como formas de promover uma educação turística mais humana e inclusiva. Em última análise, isso requer políticas públicas que mudem a narrativa predominante, dando voz a diferentes perspectivas étnico-raciais sobre as rotas turísticas e as comunidades locais.

Importante ressaltar que tanto Freire como Krippendorf não discutem as relações raciais dentro do seu campo de conhecimento. Dessa forma, para poder dialogar com suas ideias se faz necessário apresentar as teorias de bell hooks (2017), que não apenas exemplificam muito bem a prática da educação libertadora, mas também intersecciona o debate de raça, gênero e classe.

Dessa forma, hooks (2017) discute questões relacionadas à pedagogia do oprimido (Freire, 1987), destacando a importância de uma educação libertadora que reconheça e desafie as estruturas de poder e opressão. No contexto do turismo, a educação hookiana pode ser aplicada para promover uma compreensão mais profunda das experiências das turistas negras e das dinâmicas raciais presentes no turismo. Além disso, a educação a partir da autora oferece uma lente crítica para examinar as representações e narrativas turísticas, que muitas

vezes reproduzem estereótipos e hierarquias raciais. Ela enfatiza a importância de questionar essas narrativas e de buscar uma compreensão mais autêntica e inclusiva da cultura e história dos destinos turísticos.

É partir desses incômodos que nasce o segmento que busca evidenciar a educação antirracista e fortalecer o protagonismo negro, chamado *afroturismo*:

O afroturismo, ou turismo afro referenciado/afrocentrada, se apresenta como categoria contra hegemônica do turismo convencional, propõe uma mudança de paradigmas ao pautar a atividade turística por outras narrativas, diferente das encontradas na atividade tradicional, que bebe no eurocentrismo, sua proposta é subverter lógicas e ordens nas quais o turismo se moldou (Oliveira, 2020).

Este modo de pensar tem sido discutido desde 2018, no entanto, ainda é incipiente seu entendimento e seu conceito nos espaços acadêmicos. Profissionais pretos de turismo, atuantes no mercado, vêm aplicando e debatendo diariamente sobre isso. O propósito do afroturismo é produzir conhecimento que seja capaz de atuar como agente transformador da sociedade, ao desenvolver projetos que priorizem o conhecimento crítico, o aprendizado e valorização da história e cultura presentes no continente africano e na diáspora, tornando-se uma ferramenta contra hegemônica do epistemicídio (Carneiro, 2005; Santos; Pinto; Chirinéa, 2018).

O afroturismo representa uma forma de subversão, ou seja, uma maneira de desafiar as narrativas históricas tradicionais. Essa subversão acontece quando a história é contada a partir das referências e perspectivas das próprias pessoas negras, em vez de seguir a narrativa predominante, muitas vezes centrada em visões eurocêtricas. O objetivo desse tipo de turismo é criar narrativas que valorizem a cultura e as histórias afro referenciadas ou afrocentrado, destacando a contribuição de pessoas negras que foram importantes na história, mas que geralmente são ignoradas ou pouco mencionadas. Assim, o afroturismo ilumina essas figuras históricas e oferece uma visão mais completa e inclusiva da história.

O afroturismo surge como uma vertente do turismo cultural e parte da criação de roteiros por comunidades quilombolas e periféricas e na atuação de profissionais negros na sua gestão e realização. Além disso, busca trazer o protagonismo negro não apenas para aqueles que pensam e vendem os roteiros, mas também atrair pessoas negras para conhecer sua história e construir uma relação de pertencimento e pessoa de direito aos espaços de lazer.

É sabido o quanto a produção do conhecimento interferiu e ainda interfere na construção de representações sobre o negro brasileiro e, no contexto das relações de poder, tem informado políticas e práticas tanto conservadoras quanto emancipatórias no trato da questão étnico-racial e dos seus sujeitos. Nesse sentido, o afroturismo se torna uma potente ferramenta de política pública da educação dentro do turismo, onde a inclusão do conhecimento desenvolve o potencial da população negra excluída e no combate ao racismo.

Assim, este segmento torna-se um aliado da Lei nº 10.639/03 (Brasil, 2003) que estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas públicas e privadas do Ensino Fundamental e Médio. Possibilitar o debate dentro da sala de aula sobre um outro lado da história, a partir do protagonismo e memória da população afro diaspórica e africana, colabora diretamente na forma como a sociedade se relaciona, discute e implementa modelos educacionais nos aspectos políticos, sociais e ambientais.

As Leis 10.639/2003 e 11.645/2008 objetivam uma construção epistêmica plural e inclusiva e oferecem possibilidades de mudanças para os currículos do ensino que são majoritariamente baseados em viés interpretativo hierarquizante. Essas mudanças, apesar de serem aplicadas em sua maioria em sala de aula, impactam diretamente no comportamento e no conhecimento sobre a história da população negra que por muito tempo foi ocultada, além disso, as mudanças epistêmicas e inclusivas provocam alterações na sociedade e em diversas áreas do conhecimento, e uma delas é o turismo.

Para além do espaço visitado é necessário pensar nas pessoas que visitam os lugares e nas interpretações históricas produzidas pelos serviços e profissionais do turismo. A invasão foi marcada não apenas por genocídio de corpos físicos, mas também sobre nossa subjetividade, se apropriando dos nossos saberes, nos excluindo enquanto sujeitos de produção de conhecimento. Dessa forma, o afroturismo vem em contrapartida evidenciar a existência de produções epistêmicas realizadas em África e em outros territórios para além dos países capitalistas centrais. Trazer essas informações para a sala de aula e nos roteiros turísticos colabora para o fortalecimento de crianças, jovens e adultos afrodiaspóricos, descobrindo suas potências e se reconhecendo na história fora desse lugar de dor e servidão, construído pelo racismo epistêmico que põem nossa existência apenas na escravidão.

Reivindicar tais narrativas é a forma de se apropriar dos significados e práticas que remetem às culturas negras, pois a história contada de forma negativa para os turistas que vão em busca de conhecer sobre sua história, colabora com o lugar de invisibilidade em que sempre estivemos e fortalece a representação social construída pelo senso comum sobre a

população negra. Por exemplo, pessoas negras que viajam para uma cidade histórica em busca de conhecer sobre os fatos históricos afro-brasileiros, ao se depararem com relatos apenas de exclusão, dores e invisibilidade, retornam ao seu destino de origem conectadas com esses sentimentos e sua experiência passa ser negativa e decepcionante, haja visto que sua história é lida e narrada como ruim, evidenciando o perigo de uma história única (Adichie, 2018). Vale ressaltar que o que aprendemos levamos para outros lugares e disseminamos em nossos espaços de convivência. Ademais, a história que conota nossa identidade e práticas culturais de matriz africana retoma nossa humanidade e o protagonismo das pessoas negras.

Novas histórias têm sido contadas e evidenciadas com aplicação da educação das relações étnico-raciais nas escolas e em nosso cotidiano. Saberes e memórias que outrora foram ignorados passam a ser valorizados, atraindo visitantes e mantendo essas histórias vivas. Nesse sentido, pensar em políticas públicas de turismo que dialoguem com a educação das relações étnico-raciais é pensar em práticas de afroturismo que valorizem a cultura afro e resgatem a ancestralidade da população negra. Por isso, a Lei 10.639 precisa ser pensada como prática importante nos espaços não formais, pois colabora com a formação das pessoas para construir humanos mais críticos e conscientes, mostrando sua importância para a sociedade.

Para além do aspecto turístico essencialista que forma a maioria dos roteiros padrões, essas memórias, ao serem resgatadas, colaboram com a manutenção de um povo, tanto aqueles que são da comunidade receptora, como também aqueles que as visitam. Sendo assim, a prática da educação antirracista no turismo deve ir para além de eventos e fatos comemorativos escolares. Deve se expandir para outras esferas e serviços da sociedade, atraindo turistas de diversas culturas, bem como pessoas negras que passam a se ver nos destinos visitados, fazendo do afroturismo um importante fator social.

Portanto, o turismo como prática social precisa ser problematizado e construído a partir de políticas públicas que vão além de implicações diretas nos setores produtivos do ramo, o que tem provocado graves implicações éticas, sociais e políticas; ele deve dialogar com os saberes que observam esta atividade enquanto um fenômeno cultural e social (Moesch, 2002), priorizando as intersubjetividades dos sujeitos e entre os sujeitos e nas experiências coletivas de lazer, de rever estereótipos, de proteger os ritos e os espaços vulneráveis ao racismo e à intolerância religiosa, de movimentar a economia e de representatividade de pessoas negras.

Não há dúvida da importância da implementação de políticas públicas em suas esferas sociais e principalmente para populações menos favorecidas. No entanto, como em outros

âmbitos da vida social, a esfera das políticas públicas é permeada pela luta de classes e, por meio de suas lutas, os trabalhadores postulam direitos sociais que, uma vez materializados, são indiscutivelmente uma conquista.

Quando se fala em PP¹³ do turismo, estas ainda aparecem de forma secundária se comparadas às demais ações de PP voltadas à moradia, trabalho, saúde e alimentação. Apesar do lazer ser citado nos debates, percebe-se pouca análise sobre a sua relação com o turismo. Além disso, a falta dos outros direitos básicos que ainda são precarizados geram impacto direto no descanso, mobilidade e impossibilidade de lazer em um nível que podemos chamar de qualidade de vida para a população trabalhadora, haja vista que a maioria da população não possui o mínimo. Consequentemente, o lazer fica em segundo plano e, sendo assim, o direito à cidade (Lefebvre, 2009; Harvey, 2013; Berthe, 2023) se torna exclusividade de poucos.

No caso do turismo, as políticas públicas aplicadas a esta área são compreendidas como um conjunto de intenções, diretrizes, normas e estratégias estabelecidas no âmbito do poder público com o propósito de alcançar e dar continuidade ao desenvolvimento da atividade turística em um determinado território. No entanto, não é apenas o estado o responsável pelo direcionamento das políticas públicas, o setor privado e a comunidade também participam dos rumos das políticas públicas.

Infelizmente, o debate referente às questões étnico-raciais ainda é silencioso. Ações voltadas para pensar um turismo antirracista e que analisem os viajantes afro-brasileiros e seus interesses para o setor seguem sendo silenciosas. Somente no ano de 2023, com a criação do Ministério da Igualdade Racial, a pauta tem se tornado mais debatida, em especial, após a contratação de Tania Neres¹⁴, mulher negra e profissional de turismo, como coordenadora de afroturismo.

É possível ver ações iniciais promovidas pela Agência Brasileira de Promoção Internacional do Turismo (Embratur) que têm como objetivo divulgar o destino Brasil no âmbito internacional. Essas pequenas ações em diálogo com Ministério da Igualdade Racial e comunidade negra do turismo são passos iniciais que possibilitam enxergar possíveis ações de políticas que promovam não só o destino, mas que incluam tanto as pessoas negras no processo para além da espetacularização, quanto que elas sejam também agentes em todas as esferas da operação. No entanto, é preciso pautar até que ponto essas ações são realmente

¹³ Abreviação para Políticas Públicas.

¹⁴ Tania Neres se apresenta como “mulher preta vivendo num corpo negro”. Professora acadêmica, eleita duas vezes como as 100 pessoas mais poderosas no Turismo 2021 e 2022, pertence ao Coletivo ao Afroturismo com um grupo de especialistas em Turismo Afro e atualmente Coordenadora de Afroturismo, Diversidade e Povos Indígenas na Embratur.

mudanças significativas no destino ou apenas publicidades para o mercado internacional, haja visto que a função dessa agência é apenas divulgar o destino.

O turismo precisa ser um território que simbolicamente não seja mais visto como um espaço que exclui determinados perfis de pessoas. Nesse aspecto, como tem se dado essas conquistas na disputa de narrativas que reivindicam o direito aos territórios? Sem dúvida o movimento negro foi, e ainda é, o grande responsável pelas conquistas até aqui alcançadas. A luta pela superação do racismo na sociedade brasileira tem como protagonistas diversos grupos e organizações partícipes da luta antirracista. Uma dessas lutas conquistadas são as políticas de ações afirmativas, com destaque para a Lei de Cotas nº 12.711/2012 que garante a reserva de 50% das vagas nos cursos de ensino superior.

Graças ao acesso às universidades, a população negra, periférica e quilombola tem gerado grandes mudanças nos debates dentro dos espaços acadêmicos, trazendo assuntos que antes eram construídos a partir da ótica heteronormativa eurocêntrica e que agora passam a ser narrados por aqueles que sempre foram objetos de estudo e agora são sujeitos, ou melhor, protagonistas. Atrelado à Lei 10.639, os debates têm se dado através de disputa de narrativas que resgatem nossas vivências enquanto população negra, dessa forma, ao ingressarem nas universidades, a população antes silenciada passa a ter acesso à educação superior e, conseqüentemente, traz seus saberes que eram e ainda são ignorados como conhecimento epistêmico. Logo, o letramento racial da população negra tem possibilitado confrontar as diversas áreas de conhecimento e de trabalho, como direito a ocupar os espaços e também debater a importância da questão racial nesses espaços.

O letramento racial refere-se à capacidade de reconhecer, compreender e desafiar as dinâmicas de poder e privilégio associados a um grupo racial. Se raça é uma construção social que tem ao longo da história classificado pessoas e assim definindo as diferenças entre elas, beneficiando os brancos e negligenciando a população negra, o letramento racial vem como instrumento de conscientização (Freire, 1979) e reorganização contra a dinâmica do racismo, quebrando o “silenciamento” que reforça o discurso hegemônico da identidade branca que, ao ser massivamente repetido, passa a ser verdadeiro (Pereira; Lacerda, 2019 p.104).

Por isso, a importância do lugar de fala contrapondo a classe dominante que sempre conta a história, sendo a voz do negro historicamente silenciada. Ao integrar o letramento racial na educação para o turismo faz-se uma análise mais profunda das narrativas e representações presentes na atividade turística, bem como uma maior conscientização sobre as experiências e perspectivas das comunidades racializadas nos destinos turísticos.

Em síntese, o letramento racial possibilita a população negra a perceber seu direito aos territórios como também ao resgate da sua estética e de sua história, promovendo o debate sobre letramento racial em diversas esferas do mercado.

Somos bombardeados diariamente por uma mentalidade colonizadora — poucos de nós conseguimos escapar das mensagens oriundas de todas as áreas de nossa vida —, uma mentalidade que não somente molda consciências e ações, mas também fornece recompensas materiais para submissão e aquiescência que superam em muitos quaisquer ganhos materiais advindos da resistência, de modo que precisamos estar constantemente engajados em novas maneiras de pensar e de ser (hooks, 2010, p. 56).

Por isso, precisamos ter um olhar crítico. As políticas públicas de acesso e o conhecimento da nossa história estão intrinsecamente conectados, e a reivindicação constante dessas políticas é fundamental para garantir a superação das desigualdades históricas que afetam grupos sociais específicos. Tais ações são passíveis de avaliação e possuem um caráter emergencial, especialmente quando entram em vigor, por isso, devemos sempre estar em constante reivindicação pelo nosso direito. O letramento desenvolvido a partir do acesso proporcionado pelas políticas de ação afirmativa oferece uma perspectiva crítica sobre as estruturas de poder e opressão que perpetuam as desigualdades raciais que atravessam corpos e suas (im)possibilidades de transitar.

A sanção de tal legislação significa uma mudança não só nas práticas e nas políticas, mas também no imaginário pedagógico e na sua relação com o diverso, aqui, neste caso, representado pelo segmento negro da população. O acesso ao ensino superior e, conseqüentemente, a reivindicação a diversas mudanças epistemológicas que incluam nossos saberes desenvolvendo uma percepção crítica colabora para a auto afirmação do ser negro, como também contribui para o direito de ocupar espaços antes negados.

Nesse sentido, o contexto turístico tem sido um desses espaços reivindicados tanto pelas suas histórias apagadas como também pelo direito a usufruí-lo. O acesso à universidade através das ações afirmativas de cotas tem mudado o nível de escolaridade da população negra, que passa a ocupar melhores cargos de trabalho com melhor remuneração e, conseqüentemente, vão em busca de melhores condições de vida e benefícios, isso inclui também o direito à mobilidade e ao lazer. Se é a educação como direito que garante o acesso a outros direitos, a Lei 10.639/2008, em conjunto com a Lei de Cotas 12.711/2012, tem um papel importante e aponta nessa direção.

Ambas as leis têm impactos significativos no turismo ao promoverem conhecimentos que questionam as bases históricas do poder. Isso culmina na reivindicação de espaços de

maior representatividade e inclusão nos destinos turísticos. Além disso, ao considerar o impacto das leis referidas, é possível fortalecer iniciativas que promovam a inclusão, diversidade e sustentabilidade nos destinos turísticos, contribuindo para um turismo mais justo, equitativo e enriquecedor para todos os envolvidos. Portanto, o afroturismo emerge como uma abordagem que valoriza e promove a cultura, história e tradições afrodiaspóricas nos destinos turísticos, sendo fundamental uma abordagem sensível ao epistemicídio. E essa forma de turismo não apenas oferece experiências autênticas aos visitantes, mas também contribui para a construção de um turismo mais justo, inclusivo e sustentável para todos.

Assim, as políticas públicas de turismo devem estar integradas a uma política de desenvolvimento mais amplo, no qual o foco esteja na redução das desigualdades sociais, na conservação ambiental e na promoção de benefícios coletivos a partir do desenvolvimento do turismo. Inclusive, para problematizar o próprio modelo capitalista que estabelece categorias para desvalorização permanente de determinados grupos sociais, que não somente querem ter preservada a sua dignidade humana em saúde, moradia, segurança, questões de educação, sexualidade e gênero, mas que possam também acessar/consumir o lazer e os espaços turísticos democraticamente.

1.3 Que mulher é essa no turismo: noções de gênero, raça e classe a partir do lugar ocupado por mulheres pretas no turismo

A luta das mulheres tem se tornado notória principalmente a partir da consolidação dos Direitos Humanos na década de 1940, demonstrando toda uma potência de resistência e permeando ainda mais diferentes espaços sociais. Neste sentido, os movimentos feministas em suas diferentes vertentes passam a ganhar força, solidificando-se e contribuindo para a compreensão de que a cultura machista e patriarcal está presente em diversos segmentos sociais, tanto na manutenção, quanto na reprodução.

Neste sentido, o turismo por ser um espaço pertencente à sociedade e também um espaço de impacto social e econômico, tornando-se objeto de reflexão e estudo em diferentes áreas do conhecimento, como a educação decolonial e as Ciências Sociais, sendo um ambiente que possibilita análises referentes ao que aponta a minha pergunta central. A luta dos corpos pretos femininos que passam a ocupar diferentes espaços antes negados e buscam

estudá-los contribui para a percepção de que o turismo também reproduz a cultura machista e patriarcal.

Essas opressões dentro do turismo causam indagações sobre o quanto pode-se contribuir efetiva e simbolicamente para a conquista e emancipação das mulheres negras dentro e fora deste espaço. No que tange à democracia, é de igual direito, entre os indivíduos, a liberdade de ocupar e sentir-se pertencente a diferentes segmentos sociais e culturais, porém, devido à noção da não efetivação dessa realidade de igualdade para as mulheres e de que o conceito de liberdade e igualdade entre os gêneros são discussões recentes no Brasil, se faz novidade também para o turismo.

Em uma sociedade marcada pela racialização, a exclusão sistemática da população negra se torna uma norma estabelecida. Ao considerarmos os aspectos interligados de raça e gênero, fica evidente que a mulher negra ocupa uma posição de subalternidade extrema, chegando até mesmo à invisibilidade. Nesse contexto, a abordagem interseccional de Collins (2019) nos revela que raça, classe social, gênero, sexualidade, etnia, nacionalidade e idade são fatores mutuamente constituintes na organização social, moldando assim as experiências e identidades das mulheres negras. Portanto, é imprescindível que uma análise interseccional também seja aplicada ao campo do turismo.

É pertinente destacar que a categoria de gênero ainda é uma demanda central dos movimentos feministas brancos, os quais têm lutado por sua visibilidade política, social, econômica e cultural. Scott (1995) sugere que o conceito de gênero deve ser redefinido e reestruturado em conjunto com uma visão de igualdade política e social que leve em consideração não apenas a dimensão biológica, mas também as variáveis de classe e raça. Butler (2018), por sua vez, reconhece a interconexão do gênero com outras identidades construídas discursivamente, como raça, classe, etnia e sexo, argumentando que é impossível dissociar o gênero das dinâmicas políticas e culturais nas quais ele é historicamente produzido e sustentado.

Além disso, no contexto brasileiro, as intelectuais do feminismo negro da década de 1980, como Sueli Carneiro e Lélia Gonzalez, ofereceram críticas fundamentais às discussões sobre sexismo, evidenciando como a imagem da mulher negra é construída em uma posição diferente na estrutura social, em comparação com a mulher branca, devido às experiências históricas do racismo e aos legados coloniais.

Lélia Gonzalez (1983), em particular, articulou o racismo, o sexismo e a exploração capitalista, trazendo à tona a perspectiva decolonial e o conceito de amefricanidade para destacar as opressões do racismo e do sexismo na cultura brasileira. Considerando que o

racismo é uma questão histórica no Brasil, afetando diretamente a vida das pessoas negras em diversas esferas, é fundamental também abordar o debate sobre questões de gênero, especialmente considerando a dupla opressão enfrentada pelas mulheres negras, que as coloca em uma posição ainda mais vulnerável na sociedade, enfrentando não apenas o racismo, mas também o machismo e a misoginia.

Sueli Carneiro (2005), influenciada pelos conceitos foucaultianos de biopoder e epistemicídio, desenvolve uma análise das práticas discursivas racistas no Brasil. Ela identifica a existência de um contrato social que estabelece um acordo de exclusão social e subalternização dos negros, onde o epistemicídio desempenha um papel estratégico como tecnologia do biopoder. Este contrato social, conforme destacado pela autora, fundamenta-se na racialização dos povos como critério essencial para a distribuição de papéis na estrutura de poder da sociedade moderna e colonial (Carneiro, 2005).

O debate promovido por essas intelectuais traz uma perspectiva crítica baseada na experiência histórica do período colonial, cujas ramificações permanecem no imaginário social e permeiam todas as estruturas de poder. Essa experiência histórica prolongada dá origem a novas formas de opressão e exclusão social, especialmente a partir das interseções de gênero e raça no Brasil. Carneiro (2005) enfatiza que a raça não é a única categoria central na colonialidade do poder, gênero também desempenha um papel estruturante em um processo colonial liderado por homens e fundamentado no patriarcalismo. Portanto, o debate promovido pelo movimento feminista negro contribui para uma melhor compreensão dessa articulação entre raça e gênero como categorias configuradas na experiência colonial e produtoras de desigualdades epistêmicas.

A desigualdade de gênero é um problema persistente que não pode ser negligenciado. As mulheres continuam a enfrentar disparidades salariais, sub-representação em cargos de liderança e altas taxas de violência doméstica e sexual. No entanto, essa situação é ainda mais grave para as mulheres negras, porque enfrentam múltiplas interseccionalidades que as colocam em posições marginais e dificultam seu acesso à educação, ao mercado de trabalho, aos serviços públicos, bem como ao direito ao lazer e à mobilidade.

Considerando que o racismo está enraizado em estruturas sociais e influencia todas as dinâmicas sociais, não é surpreendente que o turismo, uma atividade que lida diretamente com cultura, memória, educação e história, também esteja imerso nesse mesmo contexto de racismo e exclusão de gênero. Dentro do escopo das práticas turísticas, a mulher negra muitas vezes é negada em sua contribuição para a formação da cultura nacional. Sua desigualdade é erotizada, e a violência sexual contra as mulheres negras é romantizada (Gilliam, 1973).

Durante muito tempo, a promoção turística se baseou na imagem dos corpos femininos negros, retratando-os de forma estereotipada e objetificada, como já denunciado por Gonzalez (1982).

Os estudos acerca da igualdade de gênero no âmbito do turismo tiveram seu surgimento na década de 1990 (Aitchison, 2005; Swain, 1995). As investigações nessa área revelam que as mulheres enfrentam desvantagens em diversas atividades, em diferentes níveis de remuneração e prestígio, inclusive no ensino, na pesquisa e nos eventos científicos (Minasi; Mayer; Santos, 2022). Observa-se um notável aumento na produção de estudos sobre o tema, especialmente a partir de 2010.

Apesar do crescimento significativo, as pesquisas sobre gênero no turismo na América Latina ainda são limitadas e requerem maior maturidade teórica e empírica (Vázquez et al., 2019). Há uma demanda por mais dados sistemáticos e analíticos para embasar políticas públicas e reduzir a desigualdade de gênero no setor. No contexto brasileiro, os estudos quantitativos que abordam a condição profissional das mulheres no turismo são escassos, dificultando a compreensão abrangente do fenômeno.

Recentemente Oliveira, Silva e Gabriel (2022) analisaram dissertações e teses de Programas de Pós-Graduação em Turismo no Brasil para investigar disparidades de gênero e práticas discriminatórias. Suas conclusões destacam a discriminação enfrentada pelas mulheres no setor, incluindo disparidades salariais, aumento da carga de trabalho, devido a negócios familiares, e invisibilização de suas contribuições. Além disso, dados do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE, 2022) revelam que embora as mulheres representem uma grande parcela da força de trabalho no Brasil, muitas desistem de buscar emprego, especialmente mulheres negras, evidenciando as barreiras enfrentadas por esse grupo.

No contexto do turismo, apesar da maioria dos trabalhadores ser composta por mulheres, a disparidade salarial persiste, refletindo a desigualdade presente em outros setores (IBGE, 2022). A persistência das desigualdades de gênero no mercado de trabalho do turismo enfatiza a urgência de intervenções para promover a igualdade de oportunidades e remuneração. É crucial considerar as interseções entre gênero, raça e classe social para uma compreensão mais completa dessas desigualdades e para o desenvolvimento de estratégias eficazes de inclusão.

A questão da representatividade das mulheres em cargos de gestão no mercado de trabalho é um tema de considerável importância, especialmente quando se observa a disparidade existente entre as mulheres negras e a população em geral. De acordo com dados

do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), as mulheres negras ocupam a base da pirâmide social, enfrentando os menores salários, as maiores taxas de ocupações precárias e altos índices de desemprego. Nesse contexto, apenas 22,3% das mulheres que compõem a força de trabalho são negras, evidenciando as barreiras enfrentadas por essa parcela da população para ascender a posições de destaque no mercado de trabalho.

Apesar de o setor de turismo apresentar uma predominância numérica de mulheres, é fundamental reconhecer que muitas delas estão concentradas em cargos operacionais, tais como recepcionistas, camareiras, ajudantes de cozinha e serviços de limpeza. Essas ocupações, frequentemente associadas a estereótipos históricos de raça e classe, refletem padrões de discriminação que perpetuam a exclusão das mulheres, especialmente das mulheres negras, do acesso a cargos de liderança. Conforme observado por Gonzalez (1983), essas mulheres enfrentam altos níveis de discriminação, reproduzindo um ciclo de desigualdade que se manifesta tanto nas relações de trabalho quanto nos aspectos sociais.

A segregação sexual e a discriminação de gênero nos espaços de trabalho são identificadas como fatores cruciais na perpetuação do fenômeno conhecido como “chão pegajoso” (Minasi et al., 2022). Nota-se também uma certa invisibilidade da discriminação de gênero nas organizações, o que dificulta ainda mais o combate a essas práticas discriminatórias. Especificamente no contexto do turismo, trabalhadoras brasileiras enfrentam desafios adicionais em áreas como cozinhas profissionais, empresas hoteleiras e turismo rural, onde não apenas recebem os menores salários, mas também enfrentam jornadas de trabalho desproporcionais em relação à remuneração e são frequentemente marginalizadas. Portanto, é crucial reconhecer e enfrentar essas desigualdades de gênero no setor de turismo, promovendo a inclusão e a equidade de oportunidades para todas as mulheres, independentemente de raça ou classe social.

A análise das recentes pesquisas brasileiras sobre a perspectiva de gênero no contexto do turismo revela uma tendência predominante de foco na temática do turismo sexual, deixando lacunas significativas no que diz respeito às representações das mulheres e ao papel das mulheres negras como turistas. Santos e Sá (2021) destacam essa lacuna, ressaltando que as mulheres enfrentam uma série de obstáculos para assumir um papel ativo no turismo, incluindo ideais machistas, sobrecarga de trabalho, inseguranças e receios.

Além disso, as mulheres negras vivenciam uma experiência histórica distinta, que muitas vezes não é reconhecida pelo discurso convencional sobre a opressão feminina (Carneiro, 2011). Nesse contexto, raça e classe são fatores interdependentes e indissociáveis, contribuindo para as desigualdades de gênero observadas no mercado de trabalho,

especialmente no Brasil, onde a maioria das mulheres negras (65%) está envolvida em trabalhos domésticos e apenas uma pequena porcentagem (3%) ocupa cargos de gerência em empresas (Dayrel, 2022).

A atividade turística assume uma responsabilidade significativa na transmissão de mensagens e na divulgação de imagens que podem perpetuar estereótipos e desigualdades. A forma como um destino turístico é promovido, o tipo de turista que é almejado, a inclusão dos povos autóctones na atividade turística e as narrativas apresentadas pelos guias turísticos são aspectos que devem ser cuidadosamente considerados para promover a diversidade e inclusão de todos os agentes envolvidos. Nesse sentido, o turismo pode desempenhar um papel tanto de perpetuação quanto de combate às desigualdades, seja apagando histórias não representadas (Adichie, 2018) ou valorizando as culturas locais e memórias coletivas. É fundamental que os profissionais e gestores do setor de turismo adotem uma abordagem inclusiva e sensível às questões de gênero, raça e classe, visando contribuir para uma atividade turística mais equitativa e representativa da diversidade cultural e social do Brasil.

É importante que as agências de fomento e organizações de turismo pensem este fenômeno para além dos relatórios que privilegiam o viés econômico, buscando entender como se dá a dinâmica de intersubjetividades do turista e autóctone. Do mesmo modo, instaurar uma cultura democrática nas sociedades e que respeite as diferenças, é um exercício constante de pensar interseccionalmente questões culturais, étnico/raciais, de classes sociais e de gênero, no instante em que se dão as intersubjetividades do fenômeno turístico (Ferreira; Casagrande 2018; p. 15-16).

Lamentavelmente, as instituições, compreendidas não apenas como estruturas normativas e materiais estabelecidas, mas também pelos sujeitos que as representam, perpetuam a ideia de que certos espaços não são adequados para que pessoas negras possam desfrutar plenamente do turismo. Em sua tese, Hintze (2012) argumenta que o turismo se revela como uma das estratégias de poder hegemônicas em nossa sociedade. O autor prossegue afirmando que ao legitimar o turismo, isto é, ao torná-lo aceitável dentro do modelo vigente, ele também atua como um legitimador do mercado neoliberal que se apropria dessa atividade.

Abordar a questão dos corpos que servem ao turismo abre espaço para discutir os corpos femininos, especificamente os corpos femininos negros. Santos, Berteli e Arantes (2018), no contexto brasileiro, atribuem uma parcela significativa da responsabilidade pela sexualização da mulher, especialmente da mulher negra, à publicidade “mal sucedida” da

Embratur¹⁵ — na década de 1970. Nesse período, a EMBRATUR propagava a ideia de que o Brasil era um território como um “jardim dos prazeres”, “paraíso das mulatas”, utilizando material publicitário que, até 1985, apresentava mulheres seminuas como um convite para que estrangeiros conhecessem o país. Essa abordagem contribuiu para a estigmatização depreciativa e erotização do corpo da mulher negra.

No último mandato presidencial, liderado por Jair Bolsonaro, houve uma retomada do modelo de publicidade mencionado, buscando vender o Brasil seguindo os mesmos moldes, o que provocou reações em vários estados do país. A Figura 1 apresenta a marca internacional do destino Brasil voltada ao público internacional.

Figura 1 - Marca do turismo no Brasil



Fonte: Ministério do Turismo (2023)

Além disso, durante uma entrevista, o ex-presidente (2019-2022) declarou: “Quem quiser vir aqui fazer sexo com uma mulher, fique à vontade”. Essa declaração foi feita após ele rejeitar o segmento do turismo LGBTQIAPN+. A fala do ex-presidente, além de ser considerada homofóbica, foi interpretada como uma apologia à exploração sexual de mulheres, sendo criticada em todo o país. Somente em 2023, com a mudança no governo federal para o presidente Lula que vemos a publicidade voltada para diversidade e inclusão de corpos negros, indígenas e demais grupos, buscando apresentar um Brasil plural, destacando os destinos através dos aspectos culturais locais.

Não surpreendentemente, Santos e Sá (2020, p. 259) destacam em seu artigo que o corpo da mulher negra é frequentemente percebido como um “atrativo turístico” brasileiro, o que influencia negativamente sua experiência como turista. Em situações em que são confundidas com funcionárias, são alvo de desconfiança em relação ao pagamento ou são erroneamente associadas à prostituição, as mulheres negras enfrentam assédio de funcionários

¹⁵ A Embratur (atualmente denominada Agência Brasileira de Promoção Internacional do Turismo) é um serviço social autônomo que tem como objetivo o planejamento, a formulação e a implementação das ações de promoção comercial de produtos, serviços e destinos turísticos brasileiros no exterior, em cooperação com a administração pública federal.

e até de outros turistas. Essa imagem de controle (Collins, 2019) está relacionada a estereótipos e representações que limitam as mulheres negras a certos espaços e afetam tanto a maneira como são tratadas quanto como se percebem.

Esse padrão de opressão pode ser entendido como um resquício do período da escravidão, quando as mulheres escravizadas estavam inseridas na economia de produção (trabalho), na economia de produção da educação e na economia do prazer. A hipersexualização é uma característica do racismo e do sexismo que ainda está muito presente nas representações sobre as mulheres negras (Carneiro, 2011; Gonzalez, 1983).

A aplicação do poder social sobre as mulheres negras por meio do turismo é frequentemente representada pela erotização de seus corpos, transformando-os em objetos de consumo e exploração, mediante estereótipos limitados. Isso ocorre em parte devido à mídia turística que, ao não considerar a população negra como turista, consumidora ou profissional do setor, contribui para a perpetuação do racismo e da invisibilidade desses corpos nos espaços de consumo. As pessoas são influenciadas por simbologias que moldam seus desejos e ações. Se as pessoas negras não se veem representadas, elas passam a valorizar e desejar o que é transmitido, o que geralmente reflete os símbolos da supremacia branca.

No livro “Olhares Negros: Raça e Representação”, hooks (2019) sugere uma forma poderosa de resistência e valorização da identidade negra. No entanto, surge a indagação: como as pessoas negras podem se humanizar quando são constantemente expostas a símbolos negativos relacionados à sua existência? Como podem fortalecer sua identidade negra quando, ao buscar momentos de lazer, se deparam com olhares, dúvidas e incômodos devido à sua presença, enquanto as narrativas sobre os destinos turísticos não as incluem como protagonistas? Em um contexto de supremacia branca, “amar a negritude” raramente é uma postura política refletida no dia a dia e, quando é mencionada, é frequentemente tratada como suspeita, perigosa e ameaçadora (hooks, 2019, p. 45).

Em suma, todo lugar se torna um não-lugar¹⁶ para os corpos negros e esse desconforto também permeia o imaginário turístico. Nesse sentido, o turismo não é apenas uma atividade de descanso e lazer, ele é um instrumento de poder. Como tal, é um mecanismo capitalista bem-sucedido que opera na esfera da subjetividade, explorando sonhos e desejos. Em um sistema capitalista moldado por estruturas racistas, nem todos têm igualdade de oportunidades para realizar esses sonhos e desejos.

¹⁶ Marc Augé é um etnólogo e antropólogo francês. Em seu livro “Não-lugares”, de 1992, Marc Augé cunhou o termo “não-lugar” para se referir a lugares de transitórios que não possuem significado suficiente para serem definidos como “um lugar”, aqui empregado para definir o não pertencimento de corpos negros nos espaços sociais.

Portanto, se uma atividade é considerada legítima aos olhos do mercado, para o senso comum, o ato de “legitimar” implica em “colocar o que está fora da lei, dentro da lei” (Houaiss; Villar, 2001, p. 1736). Nesse sentido expandido, afirmamos que legitimar o turismo implica em submeter tudo o que será tratado como turístico às “leis do mercado”, ou seja, ao poder de compra, venda, propriedade e estabelecimento de contratos, reconhecido pelo mercado do turismo como legítimo, positivo, aceitável e desejável (Hintze, 2013, p. 21).

Assim, se o turismo exclui, segrega e perpetua a opressão racial e de gênero em suas práticas, todas essas formas de violência são consideradas legítimas e aceitáveis pelo mercado. É através da persuasão disseminada pela comunicação promovida por agentes sociais que se legitima quem pode e como podem acessar o que entendemos como turismo. Em uma sociedade construída sob moldes racistas, determinados grupos são relegados a lugares de subjugação, e quando esses grupos desafiam essas expectativas, geram desconforto e estranhamento.

Um exemplo disso é o discurso de que uma mulher negra viajando para o exterior é, em primeiro momento, vista como uma prostituta, com o fetiche ainda mais explícito no caso das brasileiras. É comum relatos de mulheres viajantes que afirmam terem sido assediadas simplesmente por se identificarem como brasileiras e, quando se trata de mulheres negras, a associação entre “samba e prostituição” está intrínseca nas percepções dos anfitriões nos destinos visitados (Piscitelli, 2007; Gomes, 2011; Gabrielli, 2006, 2011; Santos, Berteli, Arantes, 2016).

Portanto, viajar parece ser uma possibilidade distante e não permitida para as mulheres negras, pois ao acessarem esses espaços, são questionadas, já que a sociedade sempre espera que elas ocupem posições subalternizadas.

CAPÍTULO 2

Mulheres negras revolucionárias: tornando-se sujeitas de si

Neste ponto importa começar retomando que esta pesquisa trata-se de escrevivenciar mulheres negras e o turismo em localidade da diáspora africana. Escrever vai além das interpretações teóricas a que estamos acostumadas. É a expressão coletiva impulsionada pelas mulheres pretas que, por séculos de silenciamento colonial, se erguem para recontar a história a partir de sua própria narrativa. De mãos dadas com Conceição Evaristo (2020), me ponho a falar em primeira pessoa. Forma esta que me conecta não apenas com a pesquisa, mas também com as mulheres que aqui são apresentadas.

Além de mulheres pretas, uma identidade que também me representa, somos também viajantes que buscam transpor barreiras geográficas e espaciais e ocupar lugares que outrora não nos permitiam. A ideia de pertencer, para além de ocupar fisicamente o espaço, é sobre sentir-se parte, se ver como digna e com direito de ser parte. Como mulher preta, profissional de turismo, viajante e também como pesquisadora me (in)disponho num incômodo constante relativo ao não-lugar que a todo momento tentam nos oferecer. Me coloco como sujeito/objeto e, em consonância, exponho as vozes, olhares, anseios de outras mulheres pretas viajantes de diversas profissões e regiões.

Para falar dessas mulheres preciso antes contextualizar onde as conheci e como cheguei ao recorte empírico que será trabalhado na análise do capítulo 3.

2.1 O Coletivo *Bitonga Travel*

Bitonga Travel é uma expressão formada por duas palavras: *bitonga*, termo utilizado para se referir a uma língua da família *bantu*, falada em Moçambique e em algumas regiões da África do Sul e do Zimbábue; e *travel*, palavra de língua inglesa que significa viagem, passeio, locomoção.

Este nome foi criado pela idealizadora do coletivo, Rebecca Aletheia¹⁷, mulher preta da região do ABC paulista. Como aqui irei fazer ecoar vozes de mulheres pretas, ela será apresentada através do seu próprio olhar. Rebecca se apresenta como uma mulher preta viajante, cidadã do mundo, pois viajou para mais de 40 países. Criou o coletivo após uma longa experiência viajando por alguns países da Ásia e África a trabalho e a turismo.

Rebecca conta que em 2018, quando muitas mulheres começaram a ter visibilidade e compartilhar em suas plataformas digitais assuntos de negócios, era notório um universo desigual quando o assunto era viagem e mulheres negras (Dias, 2024). Ela afirma que é desigual no sentido de abertura, visibilidade, números de viagens realizadas, locais, disponibilidade de recurso financeiro, nível de escolaridade e, lógico, cor da pele. Foi a partir dessas inquietações que, ao regressar ao Brasil em 2018, decidiu convidar pessoas pretas do Guarujá/SP para falar sobre viagem. A partir desse encontro teve início o coletivo voltado para o feminino, acolhendo mulheres pretas (transsexuais e cisgênero).

Hoje o coletivo conta com mais de 200 mulheres pretas espalhadas pelo mundo. Ele nasce a partir dos ensinamentos da amefricanidade (Gonzalez, 1988) e reconhece as irmãs da América do Sul e do Caribe e segue com enfoque coletivo para além das mulheres brasileiras. Há uma expansão nuclear de todo nosso pertencimento, ou seja, conecta as culturas africanas e afro-latino-americanas reforçando a identidade e a luta das mulheres negras através do reconhecimento das influências africanas nas Américas. Com isso, mulheres do Peru, República Dominicana, Colômbia, Brasil, entre outros, atravessam uma só ponte para trocar vivências com mulheres de países africanos como Moçambique, Angola e Cabo Verde.

Atuando como forasteiras de dentro — “*outsider within*” — o coletivo reinventa definições e delimita lugares sociais para melhor se posicionar e realizar a autodefinição. Gloria Anzaldúa, uma mulher de origem mexicana nos Estados Unidos, ilustra bem o conceito de “*outsider within*”. Ao experimentar a marginalização dentro de uma sociedade predominantemente anglo-americana, ela desenvolveu uma perspectiva crítica e criativa sobre as questões de identidade, cultura e opressão, similar ao que muitas mulheres negras experimentam dentro de suas respectivas sociedades.

No caso das mulheres do coletivo, apesar de fazerem parte de diferentes lugares ao redor do mundo, ainda enfrentam uma marginalização comum devido à intersecção de raça e gênero. Isso significa que, independentemente de onde estejam, são frequentemente vistas e tratadas como “diferentes” ou “inferiores”. Assim, ao compartilharem suas experiências de viagens, elas desafiam e transformam as estruturas opressivas que as colocam no lugar de

¹⁷ Ver @rebeccaaletheia – Instagram.

marginalização, usando suas vozes e experiências para questionar e confrontar as normas e práticas que as discriminam. Como “*outsiders within*”, conseguem ver e entender as injustiças de maneiras que aqueles que estão no centro do poder muitas vezes não conseguem.

Ao todo, o Coletivo conta com mulheres de 18 a 70 anos de diversos países. Entre as ações realizadas pelo grupo estão um *blog*, *podcast*, conteúdos no Instagram e um canal do Youtube. Nesses canais são compartilhadas experiências e dicas sobre viagens para o público preto feminino. Além de potencializar o empreendedorismo de pessoas pretas do turismo, também possibilita que mais mulheres conheçam suas histórias e criem redes de afetividade que se estabelecem para além das circunstâncias pontuais das viagens, criam espaços seguros para outras mulheres negras, promovendo inclusão e a diversidade, além de educar as pessoas sobre as questões de raça e gênero através das viagens.

Com isso, o coletivo tem como objetivo incentivar as mulheres pretas a viajarem sozinhas e de forma autônoma, estimulando-as a conhecerem o mundo e, até mesmo, sua própria cidade, pois defende que viajar não é apenas conhecer outro país ou outro estado, mas também conhecer o lugar onde se vive, buscando o pertencimento e sua identidade através do deslocamento.

O racismo e o patriarcado são barreiras que limitam e atrasam a capacidade de muitas mulheres negras de se apropriarem das cidades, espaços turísticos e políticas de mobilidade em suas próprias regiões. Essas formas de exclusão estão ligadas à higienização urbana, políticas e práticas que buscam “limpar” áreas urbanas expulsando as comunidades marginalizadas para a periferia e restringindo seu acesso a espaços públicos e áreas de lazer.

À medida que aumentam as distâncias geográficas, sociais e raciais, essas dificuldades enfrentadas por essas mulheres negras se tornam mais severas, intensificando a marginalização e restringindo seu direito ao lazer. Para assegurar o direito à cidade e ao lazer é urgente implementar políticas públicas específicas que promovam a inclusão, permitindo que as mulheres negras acessem, usem e desfrutem plenamente dos espaços urbanos. No entanto, para além de ocupar, é poder se verem nesses espaços como parte, ou seja, ocupar através de um pertencimento que colabora com a valorização e cuidado, conectando-se mais profundamente com sua comunidade e seu entorno.

A partir dessas ideias, em 2022, o coletivo passou a promover viagens de grupos em parceria com agências de viagens majoritariamente de empreendimentos pretos; e foi a partir dessas experiências que os *corpora* foram escolhidos para esta pesquisa.

2.2 Nosso direito ao lazer

A *Bitonga* sempre foi a sujeita principal desta pesquisa, pois sua representatividade em proporcionar às mulheres negras o protagonismo nos espaços de lazer é destacada. No entanto, em um grupo de mais de 200 pessoas era necessário um recorte mais afilado e definido. A escolha do *corpus* ocorreu após a vivência de uma viagem em grupo com pouco mais de 25 mulheres negras, realizada no período de 15 a 22 de agosto de 2023 para a Colômbia, cidade de Cali. A viagem foi organizada pelo Coletivo em parceria com a Afrotrip¹⁸. Vale ressaltar que a agência é gerenciada por uma mulher negra, o que fez toda a organização da viagem ser construída e pensada *por e para* mulheres negras.

A viagem teve início antes mesmo de levantarmos voo. A agência criou um grupo de *WhatsApp* e os diálogos iniciais já mostravam a potência que seria a vivência em grupo. Além das dúvidas de praxe que são desenvolvidas no período pré-viagem, criamos encontros de apoio desde a montagem da mala, cuidados até chegar no ponto de encontro, facilitações para o câmbio da moeda para aquelas que não conseguiam realizar em sua cidade, até a possibilidade de algumas divulgarem seus negócios e poderem se manter durante a viagem.

Izilda descreve suas expectativas e ansiedades em relação à viagem da seguinte forma:

Ah, amadas comecei a ficar ansiosa. Tudo isso é tão novo para mim: a viagem, a integração, a busca, a mala, o ir mais longe... O cadeado e o adaptador claro! O dinheiro vai dar? Vou me perder? Vou me encontrar? Meu pulso bate, meu coração pulsa e assim vou chegando a Cali: “lutando para que ninguém me Cale”, falo! Estou ansiosa! Desculpem. (comunicação pessoal, WhatsApp, 10 de agosto de 2023).

Esse movimento inicial foi de extrema importância, pois até chegar o dia da viagem muitas pensaram em desistir: por medo, ansiedade ou questão financeira. Com isso, o acolhimento inicial favoreceu para que todas pudessem trocar suas angústias e aflições e fortalecerem-se coletivamente. No quesito financeiro, mulheres negras estão sempre em duplas ou triplas jornada de atividades para se manterem de modo que, mesmo no momento de descanso, a condição financeira não lhes permite parar totalmente, ou seja, até o planejamento de uma viagem e o lazer se tornam uma forma de monetização devido à necessidade e à conveniência.

Nos encontramos no aeroporto no dia 15 de agosto de 2023 e, entre diversos imprevistos de viagem, chegamos ao destino. Antes mesmo de chegarmos a Cali era perceptível o quanto o grupo chamava atenção. Tivemos sessão de fotos ainda no aeroporto.

¹⁸ Ver <https://www.afrotrip.com.br/>.

Ao realizarmos a troca de voo, durante a escala, os colaboradores da empresa aérea já estavam cientes da nossa chegada, pois havia um comunicado interno sobre o grupo de mulheres com “cabelos diferentes” indo à Colômbia que eram muito animadas e coloridas. Essa percepção de como as pessoas negras são representadas é um modo de conhecimento sociocêntrico que segue as necessidades, os interesses e desejos do grupo que a constrói, o que confere certa particularidade ao objeto em construção (Santos; Pasquarelli, 2016).

As representações sociais colaboram na maneira como os indivíduos e grupos são percebidos e tratados dentro da sociedade. O estranhamento da nossa presença no avião a partir de signos sobre nossa aparência, é moldado pelo senso comum e pelas identidades que servem como prismas para essas percepções, criando uma dinâmica em que certos grupos têm suas visões aceitas como normas, enquanto outros são marginalizados (Santos; Scopinho, 2015). Tais representações evidenciam as possibilidades de distorções, estereótipos e caricaturas construídas pelo sujeito que pertence a um grupo.

Kilomba (2019) ressalta que corpos negros são frequentemente vistos como “fora do lugar”, contrastando com corpos brancos que são considerados pertencentes a todos os espaços. Para Santos e Pasquarelli (2016), o racismo tem construído uma “zona muda” nas representações sociais, dificultando a apreciação cultural e a expressão autêntica das identidades negras. Essa visão reforça estereótipos e exclui os negros de espaços onde eles deveriam ser bem-vindos e ter sua presença normalizada.

O que seria cabelo diferente? Qual o estranhamento em ver pessoas negras felizes em uma viagem? A animação faz parte da lógica da viagem: turismo é alegria e festa. A questão que ressoa é: pessoas pretas têm este direito? Apesar da “surpresa” pela nossa presença, não tivemos nenhum tipo de abordagem constrangedora. Este sentimento diante da presença de pessoas negras ilustra como o lugar de representação de negros e negras é de marginalização ou servindo o turismo.

Poder estar nesse lugar de lazer mostra a resistência contra a imposição de funções simbólicas que negam a plena expressão da nossa identidade negra, pois, conforme ainda afirmam Santos e Pasquarelli (2016), as representações colaboram para o estranhamento e afastamento das nossas identidades negras e de nossos direitos à nossa humanidade. Ao fazer esse movimento de transformar o lugar que nos silencia e nos invisibiliza, colaboramos para a recuperação da nossa humanidade e da liberdade de expressarmos nossa identidade e o protagonismo do sujeito negro.

2.3 Festival Petronio Alvarez e a Cultura Afro Pacífico-Colombiana

A viagem teve como objetivo a vivência na cidade de Santiago de Cali, localizada na Colômbia. Cali é uma cidade do departamento do Valle de Cauca, na região do Pacífico colombiano. É uma das cidades mais antigas das Américas e leva o título de “Capital da Salsa” por sua tradição na música e na dança. Além disso, é considerada também a segunda cidade latino-americana com maior população afrodescendente, ficando atrás apenas da de Salvador, na Bahia.

A cidade de Cali serve de palco todos os anos, no mês de agosto, para uma das maiores festividades negras: o Festival de Música do Pacífico Petronio Álvarez. Em sua 27ª edição, em 2023, carrega o nome em homenagem ao músico Petronio Álvarez (Figura 2), nascido em Buenaventura (1914) e falecido em Cali (1966), representante da região do Pacífico colombiano. O evento apresenta performances de bandas de música tradicional, bem como exposições de gastronomia, bebidas, moda e palestras abordando a história e a memória afro-colombiana.

Figura 2 - Encarte do Festival de 2023.



Fonte: @petronioco (2023)

A concepção do Festival originou-se em um grupo de indivíduos empenhados em

preservar e promover as raízes culturais das comunidades locais, preocupados com os potenciais impactos da globalização e das mudanças sociais sobre a manutenção dessas tradições. O que inicialmente foi concebido como um concurso musical, ao longo dos anos, evoluiu para uma celebração abrangente, abarcando não apenas música, mas também dança, culinária, artesanato e, mais recentemente, o empreendedorismo afro-colombiano.

O Festival desempenha também um papel fundamental para o empreendedorismo local, oferecendo aos participantes a oportunidade de expor e comercializar seus produtos, que vão desde artesanatos e moda até alimentos e cosméticos, evidenciando a riqueza da produção cultural e econômica das comunidades afro-colombianas.

Os visitantes têm a oportunidade de explorar as diversas barracas da feira, imergindo na variedade de produtos e serviços oferecidos pelos empreendedores locais. Isso não só fortalece economicamente as comunidades, mas também promove a conscientização sobre a importância do apoio ao empreendedorismo.

O Festival Petronio Álvarez não apenas se destaca como uma vibrante celebração cultural, mas também desempenha um importante papel na promoção do turismo e na unificação da cidade de Cali. Ao proporcionar um espaço para expressão e celebração, o evento fomenta a compreensão intercultural e fortalece os laços comunitários.

2.4 Bitonga Travel em Cali

Seguro a sua mão na minha pra que juntas possamos
fazer aquilo que eu não posso fazer sozinha.

Início a presente seção direcionando sentidos para o excerto acima. O trecho que trago é um mantra sugerido por Elizandra, integrante do grupo, quando estávamos iniciando a sessão de fotos na cidade de Cali. Segundo ela, o mantra é uma adaptação da oração da serenidade, prece utilizada frequentemente em grupos de autoajuda. Esse pequeno trecho carrega consigo toda a parceria e suas memórias em torno de nossa presença na Colômbia.

O grupo de viagem era formado por 25 mulheres pretas residentes da região Norte, Nordeste, Centro-Oeste e Sudeste do Brasil. Nesse universo havia mães, mulheres casadas, solteiras, acadêmicas, empreendedoras, profissionais da área de saúde, inovação e tecnologia, assistentes sociais, funcionárias públicas, produtoras culturais, professoras e aposentadas.

O registro da figura 3 ocorreu em uma sessão de fotos contratada pela agência de viagem que nos acompanhava. Decidimos a paleta de cores da Colômbia e desfilamos pela cidade de Cali, passeando por entre pontos turísticos e lugares comuns sempre interagindo com a população local, chamando atenção de todos que passavam pela cidade.

Figura SEQ Figura * ARABIC 3 - Encontro.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2023).

Todas as mulheres do grupo se autodeclaram negras e algumas delas dialogam com esse lugar que ocupam com o campo profissional. Por exemplo, as afro-empREENDEDORAS: Tuanny Miller se apresenta como educadora social, produtora cultural, empreendedora em família na *Compre De Uma Mãe Preta* e *Casamakedas*; Rosyane Silva, mãe de Rainha, produtora, Matrigestora e CEO do *Compre De Uma Mãe Preta*, jornalista e multiplicadora cultural na *Sistema B Brasil* e na *Agogo Ilu*. As duas atuam juntas com mães pretas empreendedoras, e a viagem, apesar do descanso, tinha também como foco conectar-se com mães empreendedoras afro-colombianas. Nesse caso, o Festival Petronio Álvarez foi um ótimo ambiente para essas conexões.

Em uma experiência na cidade de Cali tivemos a oportunidade de vivenciar um encontro afro-religioso com a *sabedora* Vilma. No Brasil, poderíamos chamá-la de “benzedeira”, ou até mesmo de mãe de santo. No encontro, para quem quisesse participar, tivemos um pequeno ritual com mensagens e cuidados feito pela *sabedora*. Foi um momento para nos conectarmos espiritualmente em celebração e entendermos que, apesar do sequestro de africanos para a América, nós nos reinventamos e conseguimos manter viva a comunicação com os ancestrais, independentemente da linguagem ou da religião. “Viver em diáspora vai muito além do físico, a nossa ligação é através da alma”. Katia Normandia é a autora da frase.

Integrante do grupo, mulher preta, baiana, atualmente vivendo em São Paulo, apaixonada por pessoas e trabalhos que possibilitam uma transformação social e educacional.

Estávamos imersas na cultura afro-colombiana com aulas de salsa, *tour* gastronômico com guia local, entre outras vivências que nos permitiram conhecer uma Colômbia para além dos estereótipos e de sua capital Bogotá. Vale destacar que, apesar do destino não ser o destaque desta pesquisa, ele sem dúvida permitiu a singularidade das experiências vividas pelo grupo.

Participou também do grupo de viagem aquela que designo como nossa *Griô*: Izilda. Mulher de 70 anos que se apresenta como Zi, Zizi, Ieda. “Tenho vários apelidos, mas só uma identidade: eu sou preta. Eu sou uma mulher lutadora”. Além de tudo isso, ela ainda nos ensina que “tudo é possível aos 70”.

Em sua primeira viagem internacional escolheu o grupo para suas aventuras. Aposentada, a primeira de sua geração com formação acadêmica, Zizi mostrou que não há idade para experienciar o mundo. Inicialmente, sentiu receio de viajar conosco, pois acreditava que não iria se relacionar com as demais integrantes por causa da idade e que seria considerada chata. No entanto, no retorno ao Brasil, declarou que foi a melhor experiência de sua vida, pois além de acolhida, ela afirma que em nenhum momento sentiu rejeição por causa da idade. Ao participar do podcast da *Bitonga Travel*, Izilda nos emociona com seu depoimento.

(...) Esta viagem para mim foi reveladora, foi uma transformação de vida, foi descobrir uma novidade aos 70. (...) Eu quero descobrir o novo aos 70. E uma das metas dos meus 70 anos foi viajar para fora do país e vocês proporcionaram isso (Podcast Bitonga Travel, 2023).

Esse receio manifestado por Zizi nos instiga a ponderar sobre o lugar que as mulheres seniores ocupam em nossa sociedade. O etarismo, uma forma de preconceito direcionada às pessoas com mais de quarenta anos, constitui-se como mais uma faceta da desumanização perpetrada pela opressão interseccional, frequentemente delineada pela intersecção de privilégios como a branquitude, a magreza, a masculinidade, a juventude, a heterossexualidade, o cristianismo e a segurança financeira (Akotirene, 2019).

Para as mulheres negras, a idade se torna mais uma dimensão a partir da qual sofrem preconceito, inaugurando uma série de dificuldades. Embora o processo de envelhecimento deva, em princípio, estar associado a uma vida saudável e ativa, para as mulheres negras ele se traduz em um acúmulo de sofrimento, aumento da dependência física, isolamento social,

entre outros fatores que são agravados pelo racismo, pela desigualdade de gênero e pela pobreza. O etarismo age para invisibilizar ainda mais as mulheres negras, interseccionando-se com o sexismo e o racismo latentes, condenando a mulher negra idosa a uma posição de marginalização.

Nesse contexto, o temor expressado por Zizi diz respeito à maneira como esses sujeitos são percebidos no âmbito das relações sociais. Como apontado por Nilza Santos (2016), o processo de envelhecimento para as mulheres negras tende a acentuar as desigualdades, pois, além da discriminação de gênero, raça e classe social, acrescenta-se uma outra dimensão: a idade (Santos, 2016).

A velhice da mulher negra assume uma dimensão existencial que reconfigura sua relação com o tempo, provocando alterações em sua interação com o mundo e com sua própria história. A presença de Zizi no grupo nos incita a refletir sobre a importância do cuidado e da humanização de nossas griôs, bem como sobre suas experiências, sonhos e desejos.

Ao viajar em coletivo, as mulheres negras puderam presenciar um ambiente de resistência contra representações sociais racistas, promovendo e valorizando a presença negra feminina em contextos de lazer e viagem. A vivência afroturística coletiva desafia a exclusão simbólica e reivindica o protagonismo e a humanidade das pessoas negras, especialmente das mulheres, em todos os espaços. Ao invés de serem vistas como objetos de consumo turístico, as mulheres do coletivo assumiram o papel de sujeitas ativas, criadoras e narradoras de suas próprias histórias. Isso implica diretamente na valorização da nossa cultura, tradição e contribuição de um turismo mais inclusivo. Esse contexto de viagem em grupo permite a autodescoberta e o fortalecimento da identidade individual e coletiva, criando um espaço seguro onde as participantes podem se expressar livremente e compartilhar experiências de resistência e fortalecimento. Nesse sentido, ao vivenciar essas experiências em conjunto, as mulheres negras não só questionam e redefinem as representações sociais que as marginalizam, mas também reafirmam sua autonomia e subjetividade, tornando-se, assim, sujeitos de si.

CAPÍTULO 3

Sou eu, esta que viaja! Viveres, andares e saberes afroturísticos

3.1 Viagens de mulheres negras: autodescoberta, renovação e autoamor

Para muitas mulheres, viajar vai além do trânsito geográfico: é um encontro e a descoberta de possibilidades ao vivenciar novas culturas e conhecer pessoas. Para as mulheres negras viajantes do coletivo, viajar é movimento, é caminhar, observar o diferente em meio ao que é familiar, é encontrar o similar no que é incomum.

Há muitas maneiras das pessoas desenvolverem sua compreensão sobre outras culturas, uma delas é o aprendizado através dos livros, filmes, documentários e outros meios de comunicação, formas estas que provoca muitas pessoas a se deslocarem para muitos destinos após o aprendizado. O deslocamento, no entanto, é outra maneira de conhecer a cultura, de forma direta e pessoal, por meio de viagens.

Os deslocamentos propiciam interação entre pessoas de diferentes origens culturais no dia a dia. Esse contato permite um entendimento mais profundo e empático, baseado em vivências reais e trocas interpessoais. Ambos os meios são válidos e podem ser eficazes para formar a consciência de uma pessoa sobre o “outro” e, deve-se ressaltar, além da descoberta da *outridade*, esse processo gera a descoberta de si mesma.

No trecho abaixo, Tuanny, em sua página do *Instagram* nos apresenta como foi a experiência da viagem:

... Os encontros ancestrais acontecem, seja nas condições humanas, nas esferas espirituais, na natureza, na música na dança em algum lugar desse mundo. O meu aconteceu na Colômbia especificamente em Cali, eu já havia saído do País mais a Colômbia me trouxe algo que nenhum lugar que já pisei me fez sentir. Arrisco em dizer que os tambores da cultura tradicional dos povos negros colombianos me transmutaram. Me revelou Tuaninha's que fazia tempo que não acessava, me permitiu cura não só minhas mais de minhas ancestrais. Cura de uma mulher preta periférica, que se sabotou por diversas vezes que desistiu, que sentiu seus pés tocar na lama de um poço sem fim. De uma mulher que se esqueceu. Precisei fazer a volta reversa no tronco de um baobá acessando nossa tecnologia ancestral o Sankofa "VOLTE E PEGUE". E eu voltei, e agora me pertenco novamente. Começo outubro com Coragem para continuar! Sendo simplesmente quem sou. Leve como uma borboleta e potente igual a um raio. As minhas ancestrais agradeço a cada uma, obrigada por florir em mim a força e a potência

Matriarcal. Colômbia não te esquecerei jamais!” (*Instagram*, 2023, n.p.).¹⁹

A viagem foi uma oportunidade de autodescoberta. Tuanny nos mostra que a viagem pode ser um movimento de facilitação de introspecção, permitindo a nós mulheres negras descobrirmos não apenas o que se encontra no externo, mas no mais íntimo de nós mesmas. É a oportunidade de se autoconhecer ou se redescobrir, reavaliando nosso modo de vida e nossa identidade em relação às culturas com as quais interagimos, ou seja, a viagem pode nos permitir dialogar e pensar nas armadilhas que nos prendem em caixas, que nos paralisam e constroem anos de medo e prisões mentais.

No curta-metragem “O pertencimento através das viagens”²⁰ (2024), a participante Miller nos confessa:

Eu me sinto livre, eu me sinto livre como eu não me sentia livre nos últimos anos, livre no sentido de me permitir sentir coisas que eu não estava sentindo, é de vivenciar experiências que eu estava negando por algum motivo né. E Cali me fez renascer, eu não volto para o Brasil a mesma Tuanny isso eu tenho certeza, eu volto outra (O pertencimento através das viagens, 2024, n.p.).

Estar em contato com novas culturas e viajar em grupo possibilitou a Miller uma renovação e cura entre a mulher adulta e a criança interior que estava ferida. Esse fenômeno social, explorado pelo turismo, vai além do simples ato de viajar, promovendo uma quebra de estereótipos e a troca enriquecedora de experiências. Esse contato com uma cultura diferente pode causar tanto rejeição quanto reflexão sobre nós mesmos, gerando possíveis conflitos internos. No entanto, a experiência desencadeou um ciclo de transformação na vida de Miller, levando a um reencontro consigo mesma e enriquecendo a sua perspectiva como turista.

Algumas integrantes do grupo também são mães que enfrentaram o desafio de viajar sem seus filhos. Mulheres negras sempre estiveram no lugar de cuidar do outro — da mãe preta à mucama (Gonzalez, 1988). Mudar esse papel gera incômodo, tanto externo, quanto interno, pois é preciso entender a importância de ser mulher antes de ser mãe, quebrando a imagens de controle que nos colocam apenas como *mammy* (Collins, 2019) e nos fazem esquecer do autocuidado. Nesse sentido, mulheres mães viajando são movimentos de priorizar o autoconhecimento e saúde mental negado institucionalmente, que em contrapartida nos limita apenas como as cuidadoras.

¹⁹ Ver: @tuanny_millermaternidadepreta.

²⁰ Lançado em julho de 2024 no Rio De Janeiro, o curta metragem que apresenta a viagem do grupo para a Colômbia. “Pertencimento é liberdade promovido pelo coletivo bitonga travel”. Disponível em: <https://mundonegro.inf.br/coletivo-lanca-curta-metragem-com-visibilidade-as-mulheres-negras-no-turismo-brasil-eiro/>.

Nesse trecho, Tuanny nos apresenta uma reflexão sobre maternidade, viagem e pertencimento:

Quando saí do Brasil minha pergunta era: o que fazemos para deixar o mundo melhor para nossas crias? e a resposta veio: nos olhares, cuidados, danças e abraços! Minha filha vai ter a certeza de que pode ir e vir, já cresce sabendo das “amigas da mamãe”, que desbravam o mundo! Sim, Nzy, Sim Betania: Tudo é possível pra nós! Como Cali nos acolheu! Eles são guardiões da cultura. Famílias que fazem o Viche, cantantes, artesãos, tudo herdado, passado de geração a geração. Quer pertencimento mais rico que esse?... E se perguntarem se volto, digo que me senti em casa e ali também é meu lar! (@tuanny_millermaternidadepreta, 2023, n.p.)²¹.

Inspirada na mitologia da feminilidade em Oxum, conforme abordado por Neto (2021), destaca-se o caráter sagrado da *matripotência*. Este conceito não se alinha ao imaginário colonial patriarcal que reduz as mulheres à figuras estigmatizadas como a donzela virgem, a mãe imaculada e a mulher hipersexualizada. Em contraste, a *matripotência* em Oxum representa a potência criadora da vida em todos os sentidos. Através de seu *abebe*²², Oxum possui a capacidade de enxergar o passado, presente e futuro, compreendendo que para cuidar do outro é essencial primeiro cuidar de si mesma, corroborando às ideias de bell hooks sobre uma educação feminina baseada no “viver de amor”.

Contudo, esse autoamor é percebido através do autocuidado. O autocuidado precede qualquer outra forma de cuidado, sendo fundamental para que se possa construir em outros espaços, como no trabalho, na criação dos filhos e entre diversas outras relações. É esse amor que forma laços de afetos e cuidados, não apenas entre seres visíveis, mas também com todas as formas de vida na natureza, inclusive com os ancestrais (Neto, 2021). Nesse contexto, viajar sem os filhos, como algumas mulheres fizeram, é acolher sua individualidade, desejos e limites como mulher e viajante, é considerar o ato de autoamor desprendido da culpa, rompendo com as amarras patriarcal-coloniais que indicam comportamentos específicos.

Outro aspecto relevante percebido é a visão da sociedade sobre mulheres comprometidas. Quantas de nós desistem de viajar por causa dos seus companheiros? No caso destas mulheres viajantes, estar casada não as impediu de experimentar momentos solo. No grupo que viajou para a Colômbia, algumas das integrantes casadas não paralisaram diante da possibilidade de vivenciar essa aventura. Não houve comentários negativos a respeito. Poderia

²¹ Ver mais @compredeumamaepreta.

²² Espelho de Oxum que constrói o autoamor e reconhecimento, atrelada às ideias dos ancestrais que estão no Aiyê (terra) e no Orun (morte dos espíritos).

essa liberdade ser consequência de sua independência financeira e emocional, ao ponto de enxergar a importância das experiências solo sem depender ou precisar estar acompanhada?

Ser mulher negra viajante já é um desafio. Como assegurar que mães tenham direito ao tão sonhado tempo para si? Essa a culpa materna, como também das viajantes solo comprometidas são sentimentos criados por uma sociedade patriarcal, que nos aprisiona a partir do olhar do outro. Esse “outro”, como nos ensina Kilomba (2020), frequentemente representado como ameaça ou inferior, legitimando as relações de hierarquias e poderes patriarcais.

Nesse sentido, as mulheres são frequentemente colocadas como o “outro” em relação ao masculino dominante, o que reforça normas e expectativas que perpetuam a culpa e a vigilância sobre os comportamentos femininos. Assim, as mães e as mulheres que viajam sozinhas são vistas através desse prisma de alteridade, onde suas escolhas e ações são constantemente julgadas e monitoradas, contribuindo para o sentimento de culpa e aprisionamento. Ao ir contra essas amarras, essas mulheres se tornam protagonistas na sua história, são indivíduos que se permitem criar agendas e estratégias de autocuidado e humanização.

Assim, Zizi e as demais integrantes do grupo nos mostram que viajar é uma forma poderosa de autodescoberta e autoamor. Essas mulheres transgridem expectativas e normas sociais, buscando renovação e cura, e nos inspiram a valorizar nosso próprio caminho de crescimento pessoal e liberdade.

É como Tuanny nos ensina na frase “fortalecendo a mãe que tenho me tornado”, ou seja, mãe não tira férias da maternidade, a distância só reforça a condição materna que se intersecciona com as múltiplas mulheres que há nela e nas demais mães que estiveram na viagem.

3.2 O direito à memória: as viagens que nos conectam

Para Beatriz Nascimento (1989), o corpo é o primeiro lugar de memória, de manifestação e de ancestralidade. Amélia Conrado (2021) acrescenta que o corpo é um arquivo que guarda e preserva conhecimentos. Dessa forma, o corpo é o elemento que conduz os pensamentos e valores. O encontro das mulheres com a *sabedora* Vilma torna-se um momento em que a memória ancestral se reencontra com o tempo vivido presente. Do grupo, em torno de dez mulheres decidiram participar do encontro com a *sabedora*, algumas por

curiosidades, outras pelas suas crenças afro religiosas.

Em uma pequena roda ouvimos mensagens individuais e coletivas de nossas ancestrais. Pequenos rituais através de cânticos e troca de afeto que proporcionaram choros e risos entre o grupo. Esse diálogo com o conhecimento espiritual e cultural desenvolve uma linha de respeito e vivência da cultura do outro, que por conseguinte também é nossa. Digo “nossa” pela similaridade das manifestações que ocorrem no Brasil e, particularmente, em Salvador, lugar familiar para a pesquisadora e outras integrantes que expressaram de forma sensível suas emoções sobre o encontro.

Como é o caso de Katiana Normandia que nos conta como foi o encontro com Vilma, Sabedora.

A ancestralidade é viva em nós!

Conhecer Cali e o festival Petronio foi entender que podemos e devemos ser a continuidade das nossas e dos nossos de forma feliz. Agradeço cada troca, sorrisos e abraços recebidos. Viver em diáspora vai muito além do físico, a nossa ligação é através da alma. Obrigada sabedoria Vilma. E tantas outras pessoas que cruzaram meu caminho nesta terra abençoada. Estoy agradecida y feliz de conocerlas hermanas. SOMOS PACÍFICO! (@katiananormandia, 2023, n.p.)²³.

A cultura entre destinos da diáspora africana permite compreender o legado negro nas diversas sociedades formadas a partir do processo de escravização. Os costumes africanos se entrelaçam com os de outros povos, coexistem e constroem algo novo, sem permitir que o passado seja apagado. Os costumes afro-colombianos são percebidos durante as festas, tanto no Festival Petronio Álvarez, quanto no contato com o povo nas pequenas localidades residenciais cercadas por cantorias, instrumentos musicais afrodiaspóricos. Bebidas como o *Viche*²⁴, utilizado em cerimônias religiosas e a gastronomia local unem-se à influência indígena e de outros povos, formando algo singular no Pacífico colombiano o que também nos é familiar enquanto país da diáspora africana.

A viagem pode ser compreendida como uma vivência afrodiaspórica entre povos que foram sequestrados e se reencontram em um novo território, tornando o turismo um veículo de memória. Dessa maneira, esse território se torna lar, enquanto para outros, embora não seja lar, pareça familiar. Essa familiaridade é a memória se manifestando através da ancestralidade. Para as mulheres que se permitiram ir ao encontro com a *sabedora*, esse foi

²³ Ver: @katiananormandia.

²⁴ Bebida feita com cana de açúcar, utilizada em cerimônias religiosas da região do Pacífico, atualmente liberada sua comercialização para consumo recreativo no país.

um momento espiritual de autodescoberta, de reafirmação de crenças pessoais, assim como de respeito às crenças locais. O grupo de mulheres negras viajantes era diverso em termos de religiosidade, incluindo mulheres que não seguiam nenhuma religião que, apesar disso, sentiram-se acolhidas e contagiadas pelas mensagens compartilhadas pela Sr.^a Vilma. Nesse limiar, o respeito foi o aporte central entre visitantes e visitados.

Figura 4 - Encontro com a sabedora



Fonte: @katiananormandia

Cada vez que encontro outras mulheres para partilhar histórias nos tornamos terra fértil (Ryane Leão), assim que me sinto nesta experiência de viajar em bonde com essas mulheres pretas para Cali e vivenciar o festival Petronio, conhecer um pouco sobre essa grandeza que é o pacífico e poder celebrar a cultura indígena e negra através deste festival. Obrigada ancestralidade por esse presente. Adupé!

Lindo o nosso (re)encontro meninas, somos o sonho e a alegria das nossas ancestrais. Agradeço a cada uma de vocês por esses dias de muito afeto e que venham mais. Seguimos nos encontrando por esse mundão que é nosso. É claro, Cali nunca mais vai esquecer da gente (@katiananormandia, 2023, n.p.)²⁵.

Para mulheres negras que viajam, o lar simboliza segurança, poder livremente serem elas mesmas, em que sua humanização não seja negada. Sendo assim, o lar é para além do

²⁵ Ver: @katiananormandia.

espaço físico, é o lugar em que se possa ser sujeito e não objeto. Nesse contexto, é fundamental considerar a experiência em destinos afrodiaspóricos, cuja identidade é frequentemente marginalizada por discursos etnocêntricos. O lar, portanto, representa um encontro de acolhimento e respeito, em que elas podem exercer plenamente sua condição de ser social. Nesse espaço, para de simples consumidoras — representação essa negada pelo turismo hegemônico —, elas passam a ser sujeitos plenos, consumindo e valorizando suas histórias e sua cultura através das viagens.

Consumir o afroturismo é ter uma experiência que se manifesta como um direito à memória negada através de anos de silenciamento sobre a nossa história e cultura. Este tipo de turismo não só repara essa dívida histórica, mas também abre caminhos para a mobilidade que antes era cerceada devido a barreiras financeiras e educacionais. Por isso, a implementação da Lei 10.639 na formação dessas mulheres negras possui um importante papel. Além da formação voltado ao letramento racial, contribui também para a melhoria socioeconômica ao se entender como pessoa de direito, buscando vivenciar um turismo que as inclua nos roteiros turísticos.

Portanto, participar do afroturismo é desafiar as restrições ainda impostas na atividade, ocupando espaços dos quais fomos anteriormente excluídas. Esse movimento nos permite reconstruir nossa identidade e exigir os direitos que nos foram negados, promovendo encontros que constroem laços de humanidade, conectando-nos com nossas/os semelhantes, independentemente das barreiras linguísticas. O afroturismo nos incentiva a refletir sobre os costumes afrodiaspóricos existentes por toda a América Latina.

O conceito de *amefricanidade* como uma categoria político-cultural simboliza esse coletivo de experiências e identidades. Através do afroturismo reafirmamos as ideias que Lélia Gonzalez defendia na década de 1980, reconhecendo a riqueza e a diversidade de nossa herança cultural compartilhada e fortalecendo nossa identidade comum:

Para além de seu caráter geográfico, a *amefricanidade* designa todo um processo histórico de intensa dinâmica cultural (adaptação, resistência, acomodação, reinterpretação, criação de novas formas) referenciada em modelos africanos e remete a construção de toda uma identidade étnica (Gonzalez, 2020, p. 122).

Lélia Gonzalez destaca a identidade não no sentido supremacista patriarcal-colonial, mas sim como uma unidade que emerge da diversidade, uma diversidade que possui,

sobretudo, uma igualdade que dialoga entre si. Este modelo se opõe à lógica hegemônica falocêntrica e branca, promovendo, assim, uma visão inclusiva e plural.

No contexto do afroturismo essas ideias ganham vida. Ao participar dessa forma de turismo tivemos a oportunidade de nos conectar com a *sabedora* Vilma, de explorar a rica gastronomia, de ouvir cânticos tradicionais e de apoiar afro empreendedoras locais. Esses elementos culturais refletem a rica diversidade presente nas tradições brasileiras e colombianas, mostrando como influências indígenas, africanas e de outros povos não-negros se entrelaçaram ao longo dos séculos.

Essa sucessão de expressões culturais destaca a vitalidade da diáspora africana, celebrando nossa capacidade de resiliência e inovação ao longo dos séculos, e realça a importância de preservar e honrar estas tradições que continuam a moldar as identidades nacionais e regionais na América Latina. As experiências revelam nossa igualdade dentro da diferença, mostrando que, além da diversidade, há um substrato comum que nos une. Esses encontros não só enriquecem nossa compreensão de nós mesmas, mas também fortalecem a noção de amefricanidade proposta por Lélia e é através desses contatos que reafirmamos a nossa igualdade no diverso, quebrando barreiras impostas e celebrando a riqueza cultural que compartilhamos.

Joice Vasconcelos, integrante paraense, nos afirma através da postagem abaixo:

Putz! Cali ganhou meu coração de um jeito, que é até difícil falar desse lugar de gente bonita (nível salvador/Ba), culinária diversa e deliciosa (nível Brasil) e cultura fascinante (Nível America Latina). Cali é uma cidade muito importante para a preservação e reafirmação da nossa identidade afrodescendente na américa latina. o festival Petronio é a prova disso. A manifestação do ser negra(o) e descendente de povos africanos através da música, da culinária, do empreendedorismo, do saber tradicional, da dança, dos instrumentos musicais de uma forma leve, divertida e alegre, como nós bem sabemos fazer. Quando a gente viaja para algum país da América Latina, a gente encontra tanto do Brasil nesses países, tanta similaridade, que na real, somos todas(os), irmãs(os), vivendo em território diferente. E quando a gente se encontra a identificação é imediata (@joiice_vasconcelos, 2023, n.p.).²⁶

No curta-metragem, Vasconcelos, ainda reforça o seguinte sentimento:

(...) a minha relação é muito de pertencimento, porque eu faço parte dessa história e ao mesmo tempo é uma relação do quanto é importante a gente aprender isso, e saber que nós somos, o que a gente pode fazer mais, para preservar, pra gente poder ajudar os nossos irmãos. Até mesmo uma questão

²⁶ Ver: @joiice_vasconcelos.

de conexão com os povos da América. Que há uma conexão muito forte com os povos de outros países da América Latina. Então, o Brasil parece muito com a Colômbia... então, foi impressionante poder ter a experiência de poder ver isso de perto, parecia que a gente realmente estava no Brasil... (O pertencimento através das viagens, 2024).

As trocas com os *caleños* traziam uma sensação de estar em casa, de estar entre amigos, como se estivéssemos visitando um familiar. Essa percepção é a reafirmada por Raquel no mesmo documentário: “afeto, carinho, toda sensação que traz segurança, abraço, os colombianos são incríveis, a gente se sentiu em casa desde o início”. Talvez seja a mesma sensação que muitas pessoas negras sentem ao visitar Salvador, onde não são tratadas como turistas. Ao caminhar pela cidade, identificam-se com a população majoritariamente negra e vice-versa.

Durante a programação da viagem houve um momento dedicado a um ensaio fotográfico pelas ruas de Cali, vestidas com as cores da Colômbia. Chamávamos a atenção de todos que passavam pelas ruas do centro da cidade. No entanto, atrair atenção por não sermos moradoras da cidade, nem trabalhadoras do sexo, nem esposas de “gringos” nos colocava em uma espécie de enigma a ser desvendado: quem seria aquele grupo de mulheres negras?

Os olhares de admiração e curiosidade se espalharam pela cidade. Sair desse modelo que nos coloca como subservientes ou objetos surpreendia tanto a nós do grupo, quanto aos moradores locais. No lugar de “objeto de entretenimento” em que nós mulheres negras somos constantemente representadas, nossa presença ali questionava essa espetacularização. Éramos turistas, consumidoras. Assim, todas as experiências nos ensinaram que, embora o símbolo do exotismo ainda persista na imagem das mulheres negras, aquele momento em que estávamos circulando pela cidade de Cali, interagindo com os moradores no festival e em tantas outras situações, representava um grande avanço de onde e como queremos ser vistas e representadas.

Além disso, nossas parecenças estéticas, interesse por temas, como, mulheres que empreendem, viagens e lazer reverberaram-se em muitas conversas entre mulheres brasileiras e colombianas, permitindo outra forma de percepção do que a identidade “mulher negra” pode representar.

3.3 Aquilombamento: andares afrodiaspóricos

A historiadora Beatriz Nascimento, no documentário “Ôrí” (1989), descreve o “quilombo” não como uma ideia restrita ao passado, mas como um contínuo cultural de aglutinação. O quilombo, em seu sentido ideológico, representa agregação, comunidade e resistência, pela valorização da humanidade e preservação dos símbolos culturais do povo negro. Neste contexto, a expressão “cada cabeça é um quilombo” (Nascimento, 1989) sugere que cada mulher, originária de seu território e com seu quilombo formado a partir de suas vivências sociais e territoriais, ao estar com outras mulheres negras, forma um aquilombamento. Este, por sua vez, cria um campo de resistência dentro do turismo.

No trecho abaixo, Tuanny nos provoca com a seguinte pergunta: o que é viajar para você? Reafirmando sobre a realização pessoal e profissional que foi viajar e estar junto com o grupo de 25 mulheres negras:

O que é viajar para você? Para mim é uma realização, pessoal de trabalho e ancestral... Estar em Cali, Colômbia, no festival Petronio, o maior festival de cultura latina foi surreal, por vezes me faltam palavras, mas transbordam sentimentos! Foram dias intensos de festa, trabalho, conexões e descobertas. Mas também dias de longe da cria, foi difícil, doeu, amei. liberdade e reencontro comigo, com a mulher que sou, fortalecendo a mãe que tenho me tornado! Saber que somos mais parecidos e que a diferença de idiomas não interfere na comunicação, simplesmente me confirma que estamos indo para o lugar certo... E esse caminho, aberto por exu, só mostra o quanto os ancestrais nos guiam e conectam. Oh, sorte a minha em ter esse bonde de 25 mulheres pretas no mesmo avião. Nosso sobrenome? Aventura! Por que a cada momento fomos desafiadas a respeitar e entender, se comunicar e mudar a rota. a vida é assim né? (@compredeumamaepreta, 2023, n.p.)²⁷.

A potência de estar viajando em grupo, especialmente em um grupo de mulheres negras, foi uma experiência de grande desconstrução. Para além de simplesmente viajar, o poder de viagem coletivamente com outras mulheres negras, a quem a integrante carioca Aiane Eduarda chama de irmãs, a fortalece no enfrentamento das dificuldades da vida.

Impossível descrever a potência que foi viajar com mulheres negras. Foram momentos de muita descontração, de troca, de terapia e desconstrução. Estar entre irmãs nos traz potência, nos faz acreditar que é possível enfrentar as mazelas do nosso país. Gratidão! (@aianeeduarda, 2023, n.p.)²⁸.

²⁷ Ver: @compredeumamaepreta.

²⁸ Ver @aianeeduarda.

Portanto, para enfrentar o racismo e o sexismo na sociedade, é necessário “aquilombar-se”. A ideia de quilombo como refúgio persiste no imaginário brasileiro e é interpretada como um instrumento ideológico contra as formas de opressão. De uma instituição clandestina, o quilombo tornou-se um símbolo de resistência (Nascimento, 2006).

Estar em coletivo, especialmente entre mulheres negras, permite ultrapassar barreiras sociais. Se admitirmos o quilombo como uma tecnologia que possibilitou a sobrevivência da identidade e culturas negras e considerarmos a continuidade do ato de se aquilombar como um dispositivo de resistência, podemos afirmar que o coletivo de mulheres negras viajantes é uma forma dessa continuidade, ou seja: é a construção de um lugar seguro em que nós mulheres negras podemos dar força umas às outras curando muitas feridas que infligidas pela dominação racista (hooks, 2019).

Caminhar por territórios majoritariamente brancos muitas vezes nos traz um sentimento de medo e insegurança provocado por olhares e rostos não-negros que nos encaram com desprezo e estranhamento. Viajar em grupo se torna uma forma de camuflagem dessas opressões, mas é necessário pensar em formas de cessar essas desigualdades e hostilidades. Nem todas as viagens são realizadas para destinos predominantemente negros ou em grupo. O que fazer em situações em que mulheres negras estão viajando sozinhas?

Além da insegurança que as mulheres enfrentam ao estarem sozinhas, é preciso criar mecanismos que abordem também a questão racial nesses espaços. As situações em que mulheres negras sofreram ações racistas durante viagens são constantes; tais incidentes não podem mais ser vistos como casos isolados. O turismo reflete a sociedade e precisa revisar seus atos de hospitalidade para com estas mulheres negras.

A cidade de Cali talvez seja um exemplo onde a troca cultural e o bem-receber são características dos povos *caleños*, fazendo com que mesmo as viajantes solas se sintam acolhidas. No entanto, nem todos os destinos possuem essa característica. É urgente que o turismo se torne mais inclusivo e hospitaleiro, assegurando que todas as pessoas, independentemente de raça ou gênero, sintam-se seguras e bem-vindas.

Nesse sentido, enquanto não se constrói ações de combate dentro do turismo, viajar em grupo de mulheres negras é uma estratégia de resistência. Esse ato de coletividade, de se fortalecer mutuamente, transforma cada viagem em um movimento de resistência contra a opressão, reafirmando a identidade e a cultura negra. A troca de experiências, a vivência conjunta e o apoio mútuo tornam essas viagens muito mais do que simples deslocamentos

geográficos; elas se tornam atos de afirmação e empoderamento, reforçando os laços comunitários e a solidariedade entre as mulheres negras.

Raquel, integrante de Aracaju/SE, expõe:

Essa viagem até agora me surpreende. Desde o início. Desde que eu tive o conhecimento, que eu vi que era feita principalmente para reunir mulheres pretas, eu já fiquei emocionada e se a gente olhar a nossa volta, são tantas mulheres, lindas e maravilhosas (O pertencimento através das viagens, 2024, n.p.).

Angela Davis, em sua célebre afirmação em uma conferência em Salvador, destacou que “quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela” (Davis, 2017). Este fenômeno foi notadamente observado em Cali, onde mulheres negras, que em outros tempos se deslocavam em busca de melhores condições de vida, agora se encontravam passeando, dançando, explorando novos sabores e saberes, socializando, cultivando e exibindo charme e beleza. Sentiam-se em casa.

No podcast “Bitonga Travel”, Zizi, uma mulher de 70 anos e *griô* do grupo, exemplifica o impacto emocional e cultural da sua experiência, especialmente por ser sua primeira viagem internacional: “a vivência maior que eu tive dentro do Turismo foi como turista agora, que tem um olhar encantador como vocês estão fazendo. Essa viagem para mim foi reveladora, foi uma transformação de vida, descobri uma novidade, que coisa linda” (Podcast Bitonga Travel, 2023, n.p.).

Ao dizer que sua vivência maior no turismo foi como turista, refere-se ao fato dela ter uma formação acadêmica em turismo, porém não teve oportunidades de atuar no mercado, por falta de reconhecimento da profissão o que a levou a atuar em outras atividades. Segue trecho da sua fala:

Nada, mas a formação de turismo que estou adquirindo é agora, na minha época não era nem reconhecido pelo MEC nem nada de trabalho, você não conseguia se colocar no mercado de trabalho, mulher preta com um curso novo, que estava sendo criado, imagina, não tinha a menor possibilidade. E eu tô vivenciando isso agora, porque o viajar, passa muito longe de ser um técnico em turismo, né. você precisa de conhecimento, de cultura e informação precisa de conhecimento, de formação e as agências que tinham esse monopólio, não ia abrir mão disso, para estudantes que estavam se formando, que não sabia o que fazer. Então a vivência que eu tive com o turismo foi como turista (Podcast Bitonga Travel, 2023, n.p.).

A aspiração é que mulheres negras continuem a se movimentar, seja em grupos, individualmente, de carona, como mochileiras ou em hotéis de luxo, promovendo esse movimento como um ato de resistência contra hegemônica. Essa mobilidade representa um corpo-político que ocupa espaços através das viagens. A presença das mulheres negras brasileiras em Cali e sua interação com o ambiente destaca a importância do movimento e da união dessas mulheres como forma de resistência cultural e política. A cidade de Cali, com sua significativa população negra, se transformou em um espaço de acolhimento e fortalecimento das identidades negras, promovendo um turismo que vai além do lazer, configurando-se como um ato de afirmação e resistência com a presença do coletivo.

O fortalecimento do afroturismo, impulsionado pelo movimento de mulheres negras, não apenas contribui significativamente para a economia local, mas também fortalece laços comunitários e culturais. O reconhecimento dessas mulheres como turistas evidencia sua importância no cenário turístico, promovendo um intercâmbio enriquecedor que desafia estruturas sociais hegemônicas. Este movimento reafirma a necessidade de valorização e preservação da cultura negra, das mulheres negras, da comunidade receptora, possibilitando um novo olhar para o turismo e as viagens de forma geral.

3.4 Tudo é possível aos 70

O título desta seção é em referência à fala de uma das integrantes do grupo que, com seus 70 anos de idade, demonstrou que é possível viver e experimentar o novo. Zizi, uma das diversas formas como gosta de ser chamada, nos instiga a refletir sobre como a sociedade enxerga o público da terceira idade. Ao examinarmos os pacotes de viagens oferecidos pelas agências de viagens, muitas seguem a mesma lógica: como grupos de cruzeiro, passeios de curta duração em cidades históricas com restrições, enquanto viagens solos são raras, mas quando existem, são para destinos considerados “seguros” e acessíveis em termos de mobilidade.

A pesquisa realizada por Maiurro (2023) revela que, apesar do aumento no número de mulheres seniores viajando, o mercado ainda não está preparado para recebê-las adequadamente. Uma das principais barreiras encontradas é a acessibilidade e segurança, sendo esta última uma das principais razões pelas quais muitas mulheres preferem viajar em grupo ou acompanhadas por outras mulheres. Maiurro (2023, p. 16) afirma que “devido às

diversas barreiras da idade e questões de gênero, muitas dessas turistas optam por fazer suas viagens em companhia de outras mulheres”.

A pesquisa aponta, ainda, que há diversos fatores internos e externos que estimulam mulheres com mais de 60 anos a viajar, como o relaxamento, a excitação, interações sociais com amigos ou familiares, a aventura, o status, a idade e a fuga da rotina ou do estresse. No entanto, o fator econômico pesa significativamente. Muitas dessas mulheres não são financeiramente independentes ao longo de suas vidas, o que as impede de tomar a decisão de viajar sem a família. Dentro das famílias, os papéis tradicionais ainda associam mulheres ao cuidado e homens ao papel de provedor, conferindo-lhes características de autonomia e poder.

Ao prosseguirmos com esta análise para as mulheres negras, muitas ainda não alcançaram uma condição financeira que lhes permita a liberdade de escolher viajar. Mesmo aposentadas, elas frequentemente se veem na posição de cuidar da família e enfrentar demandas financeiras diárias. A aposentadoria, para algumas, se torna um complemento da renda familiar, mantendo-as ativas no mercado de trabalho. Muitas mulheres negras são mães solo e, ao atingirem a terceira idade, ainda são responsáveis pelo sustento da família. Assim, viajar fica em segundo plano ou sequer é considerada uma possibilidade.

A figura a seguir representa o momento do depoimento de Zizi que, ao compartilhar sua trajetória, nos confessa que era sua primeira viagem internacional e o quanto estava emocionada pois estava realizando com um grupo com mulheres negras.

Figura 5 - Jantar de boas vindas.



Fonte: Instagram @bitongatravel (2023)

Está se descortinando um mundo novo pra mim, Meu nome é Izilda, pode me chamar de Zi, Zizi, Ieda, eu tenho vários apelidos mas só uma identidade: Eu sou preta! Eu tenho um filho de 34 anos e eu sou a primeira geração universitária da minha família. Eu queria viver todas as coisas, viver tudo isso agora com vocês. Essa é a minha primeira vez que eu saio do país. É um mundo que se descortina de uma forma tão maravilhosa, que eu só posso agradecer a todas vocês. Vocês também ensinam tanta coisa, vocês também ensinam a viver. Está me ensinando que existe arte, que existe uma cultura negra. Porque a minha geração não viveu isso, dessa forma tão intensa. Vocês podem perguntar pros pais de vocês quiçá as avó (@bitongatravel, 2023, n.p.)²⁹.

Zizi ultrapassou os estereótipos apresentados pela maioria das agências de viagens. Ao viajar com um grupo de mulheres jovens que poderiam ser suas filhas e/ou netas, apesar do medo e da insegurança em relação ao que poderia presenciar, proporcionou a Zizi uma grande gama de descobertas, assim como para as demais integrantes do grupo.

A viagem nos oferece a oportunidade de nos sentirmos vivas, de recomeçar e renovar. Isso nos permite refletir sobre o que é ser idosa diante da sociedade que nos impõe limitações

²⁹ Ver: @bitongatravel.

e nos infantiliza com o processo de envelhecimento. De acordo com Ginn e Arber (1995), gênero e envelhecimento são fatores intrínsecos à vida social, mas a questão de raça nessa dinâmica coloca em desvantagem as mulheres negras, como bem nos lembra Lélia Gonzalez (1983), em relação à infantilização da mulher negra: aquela que não tem voz. Quando essa mulher negra é idosa, a situação se agrava, pois vivemos em uma sociedade onde os idosos são vistos como descartáveis. Para uma pessoa negra, que desde o nascimento enfrenta desvalorização, ser idosa é não existir.

No entanto, na filosofia afro-referenciada, o idoso possui outra interpretação: é visto como uma fonte de conhecimento, nossos e nossas *griôs*, sempre com algo a ensinar. Foi seguindo essa filosofia que o grupo de viagem a Cali acolheu Zizi. Com respeito, cuidado e escuta. Durante a viagem, nossa *griô* esteve imersa em um ambiente onde seus limites eram respeitados, recebia e dava cuidado quando necessário e tinha sua voz ouvida. Ela participou dos eventos, *tours* guiados e trocou experiências de vida com as integrantes, contribuindo para momentos de lazer e boas risadas. Sua presença espelhava a nossa imagem no futuro, a imagem das nossas mães, enquanto para ela, nós éramos seu passado/presente, suas filhas e netas.

A figura a seguir registra o lugar de respeito e acolhimento com a *griô* do grupo. No momento em que realizamos ensaio fotográfico por diversos pontos da cidade, decidimos referenciá-la pela sua presença e representação das nossas mais velhas.

Figura 6 - Referência à *griô* Zizi.



Fonte: Arquivo Bitonga Travel (2023)

Esse movimento e dinâmica de troca intergeracional pode ser entendido através do conceito de circularidade (Bispo, 2015). Em uma sociedade que teme o envelhecimento, essas trocas de idade e experiências nos fazem refletir sobre a origem desse medo. Valorizando a existência das *griôs*, aprendemos a valorizar nosso futuro, envelhecendo ativamente e com sabedoria para transmitir nosso conhecimento aos mais jovens e vice-versa. A circularidade simboliza a troca dinâmica entre aqueles que vieram antes, os que estão presentes e os que ainda virão, torna-se uma condição de resistência construída pelas mulheres negras do grupo.

A presença de Zizi também nos faz refletir sobre o acesso à educação. Em um trecho do podcast ela nos diz: “eu sou a primeira da geração a ingressar na universidade”. Esse acesso à universidade lhe permitiu criar seu filho, alcançar independência financeira e se aposentar para hoje poder usufruir. Entre as demais integrantes, 90% possuem formação superior e 50% têm pós-graduação em nível de mestrado e doutorado.

O acesso à educação tem sido umas das possibilidades para essas mulheres negras desenvolverem independência para consumir viagens e outros direitos. Isso corrobora com o que foi apresentado em capítulos anteriores. Por meio da Lei de Cotas e, conseqüentemente, a Lei 10.639, essas mulheres têm ocupado melhores cargos e aproveitado novos modelos de vida, muitas têm se tornado empreendedoras ou trabalhando em empresas de forma remota, o que lhes permite viajar e trabalhar simultaneamente.

Ainda há muito a ser feito, pois mulheres negras como Zizi, aos 70 anos com nível superior, são poucas. Contudo, sua representação nos apresenta um futuro em que as demais integrantes do grupo podem se ver como futuras Zizis e se tornarem inspiração para outras que ainda virão.

Nesse sentido, para as mais jovens do grupo possuem novos padrões de vida que lhes permite mais flexibilidade e liberdade, equilibrando suas responsabilidades profissionais e pessoais enquanto exploram novas oportunidades de viagens. Tais mudanças não só facilitam a descoberta de novos lugares e culturas, mas também incentivam uma abordagem mais equilibrada e satisfatória à vida profissional, em que a carreira se integra harmoniosamente com um estilo de vida dinâmico e enriquecedor. Por exemplo, temos Miller e Rosy (figura 9), afro-empreendedoras da *@compredeumamãepreta*, que viajaram com propósito de ir à Colômbia para se conectar com outras mães afro-empreendedoras, criando uma rede de troca entre Brasil e Colômbia de mulheres pretas e mães.

Figura 7 - Curta-Metragem Bitonga Travel



Fonte: Arquivo Bitonga Travel (2024)

Minha experiência em Cali: Ancestral. Eu me emocionei em vários momentos, ganhei família, fiz muitas amizades. Como a gente diz: Petrônio prometeu e entregou tudo! Foi incrível assim. Eu vim com o propósito de trabalhar também, de fazer as conexões, enquanto a matrigestora da “*compre de uma mãe preta*”, de conhecer as expositoras, de conhecer mães, de falar sobre maternidade, mas de falar sobre negócio e mercado (O pertencimento através das viagens, 2024, n.p.).

Contudo, elas não deixaram de aproveitar e explorar a cidade de Cali, destacando que é possível empreender enquanto viajam, integrando o prazer de conhecer novos lugares com a produtividade do trabalho diário. A viagem de Rosy à Colômbia é representativa, mostrando como a conexão com outras mães afro-empREENDEDORAS não só enriquece a experiência pessoal, mas também impulsiona o crescimento dos negócios e a troca de saberes ancestrais.

A integração harmoniosa entre carreira e vida pessoal possibilitada por essas viagens reflete a luta por uma existência digna e plena, em que o trabalho é parte de um projeto de vida mais amplo e satisfatório. Essas iniciativas são fundamentais para desafiar e redefinir os papéis impostos às mulheres negras, que historicamente marginalizadas, carregam o peso do racismo e do sexismo, o que exige um movimento contra as barreiras sistêmicas e uma ação assertiva para promover mudança e um modelo de empreendedorismo que valoriza a cultura, a maternidade e a solidariedade para que as mulheres negras possa transformar suas realidades, desafiando as normas sociais e se afirmando como líderes e inovadoras no mundo dos negócios.

A trajetória de mulheres afro-empREENDEDORAS que buscam equilibrar suas responsabilidades profissionais e pessoais com a realização de viagens internacionais revela

uma série de padrões significativos. A realização da primeira viagem internacional, frequentemente marcada por insegurança e medo de viajar sozinha, emerge como um rito de passagem que desafia e fortalece essas mulheres. Nesse processo, o sentimento de pertencimento se intensifica à medida que elas se conectam com culturas e comunidades diversas, encontrando pontos de identificação e solidariedade.

Por fim, diante dos relatos, as viagens proporcionam um espaço de autoconhecimento e reflexão, onde as mulheres negras podem explorar suas identidades longe das pressões e expectativas sociais habituais. No entanto, precisamos pensar sobre os espaços turísticos que ainda não enxergam estas mulheres como turistas. A coletividade, seja através de encontros com outras viajantes ou de conexões com comunidades locais, desempenha um papel de extrema importância na criação de uma rede de apoio, pertencimento e experiências através do turismo, o que evidencia o papel fundamental do afroturismo. Essa forma de viajar em coletivo ajuda a atenuar a solidão e a insegurança do trânsito, oferecendo um senso de comunidade e pertencimento.

Através dessas experiências de viagem muitas mulheres negras têm encontrado um profundo sentido de descoberta de si mesmas. Elas não apenas ampliam suas perspectivas culturais, mas também fortalecem suas identidades individuais e coletivas. Esse processo de autodescoberta e pertencimento é fundamental para a construção de uma autoimagem positiva e empoderada.

Portanto, as viagens se revelam como uma ferramenta poderosa para o empoderamento das mulheres negras. Proporcionando oportunidades de crescimento pessoal, criação de redes de apoio e desenvolvimento de um sentimento de pertencimento global. Em última análise, essas experiências transformadoras não apenas enriquecem as trajetórias individuais, mas também contribuem para a construção de uma narrativa coletiva do lugar de inexistência para existência.

PARA NÃO CONCLUIR

Este estudo explorou como se dão as expressões e representações sociais de raça e gênero que permeiam as vivências de mulheres negras no papel de turistas, destacando a importância da representatividade e do direito ao ócio. No percurso da pesquisa foram percebidos os impactos das viagens no processo de autodescoberta, renovação e autoamor para mulheres negras a partir de relatos pessoais e análises teóricas que contextualizaram essas experiências fazendo contraponto às representações sociais de viés racista e machista que colocam as mulheres negras em local de serviçal e submissas.

A narrativa dessas mulheres demonstrou como as viagens podem ser catalisadoras de transformações profundas, permitindo-as reconectar-se com suas raízes ancestrais e explorar aspectos esquecidos de suas identidades. Ao vivenciar a cultura colombiana (recorte sociogeográfico da pesquisa), as viajantes experimentaram uma jornada de cura e redescoberta pessoal, evidenciando que o contato direto com outras culturas pode desencadear um processo de autoconhecimento significativo.

As mulheres, ao criar esse movimento através das viagens, subvertem as representações sociais impostas sobre elas, mas também questionam a noção do que turismo e turista a partir dos conceitos tradicionais defendido por órgãos oficiais como a organização mundial do turismo - OMT - principalmente do que é “viagens de negócio” quando pensamos nas integrantes que estavam criando empreendendo durante a viagem. Criam, assim, uma transição do lugar de serviçais e não turistas em potencial para agentes ativas no afroturismo, evidenciando mudança significativa na forma como esses grupos são percebidos e como elas se percebem. Através do afroturismo as mulheres negras redefinem suas identidades e criam novas oportunidades de desenvolvimento cultural e social e desafiam as imagens de controle, promovendo uma visão mais diversa, além de criar novas identidades e papéis sociais.

Em contraste com a imagem de serviçal que reforça a ideia de que seu lugar na sociedade é limitado a tarefas de serviço, subjugação e invisibilidade, bem como as imagens de turistas que geralmente privilegiam pessoas brancas e de classe média/alta, perpetuando a ideia de que o turismo é uma atividade fora do alcance das mulheres negras, essas mulheres têm criado e promovido rotas e agendas sociais dentro das viagens, destacando a história e a cultura afrodiáspórica que valorizam suas próprias identidades e heranças.

Por meio dessas agendas as mulheres estão estabelecendo redes de negócios e trocas que promovem o afro-empresendedorismo, além de potencializar outras mulheres negras a

enxergarem as viagens como possibilidade. Essas novas representações não apenas desafiam as imagens de controle, mas também oferecem protagonismo às mulheres negras, destacando sua capacidade de liderança, inovação e resistência. Além de ressignificar a imagem das mulheres negras, contribuem para uma compreensão mais diversa da experiência turística através do afroturismo.

Além disso, o estudo abordou o desafio enfrentado por mães que escolhem viajar sem seus filhos, destacando a importância do autocuidado e da autonomia feminina. A experiência em Cali permitiu às mulheres renovarem sua perspectiva sobre maternidade e identidade pessoal, desafiando normas sociais e encontrando uma voz própria dentro de um contexto que as desumaniza. Inspiradas pela mitologia de Oxum e pelas reflexões de bell hooks, as participantes demonstraram que o autocuidado precede qualquer forma de cuidado externo, promovendo laços afetivos e uma conexão mais profunda com suas próprias narrativas de vida.

Portanto, as experiências compartilhadas pelas mulheres do grupo não apenas ilustram a importância das viagens como ferramenta de autodescoberta e renovação, mas também ressaltam seu papel na promoção de uma maior conscientização cultural e pessoal. Ao desafiar expectativas sociais e redefinir papéis tradicionais, essas mulheres não só se fortalecem individualmente, mas também contribuem para um diálogo mais amplo sobre identidade, autonomia feminina e bem-estar emocional em um contexto coletivo.

Além disso, as vivências através do afroturismo possuem uma importância não apenas como uma forma de explorar novos destinos, mas também como um meio poderoso para reconectar-se com a ancestralidade e fortalecer a identidade afrodiaspórica e, neste caso, *amefricana*. As viagens descritas não são apenas físicas, mas espirituais e culturais e permitem às mulheres negras explorar e celebrar suas raízes. Além disso, essas experiências desafiam estereótipos e empoderam as viajantes como agentes ativas na preservação e promoção de suas próprias histórias e culturas, tornando-se um ato de resistência contra a invisibilidade e marginalização historicamente impostas.

Analisar uma viagem de um grupo de mulheres negras provocou a reflexão sobre o conceito de quilombo como um espaço contínuo de resistência e comunidade para as mulheres negras, especialmente através da experiência de viagem em grupo. É preciso destacar, assim, como essas viagens não são apenas deslocamentos geográficos, mas atos de afirmação, por meio dos quais mulheres negras encontram um ambiente seguro para enfrentar as adversidades do racismo e do sexismo na sociedade.

A ideia de “aquilombar-se” durante as viagens não só fortalece os laços entre as

participantes, mas também desafia as normas sociais e econômicas que historicamente marginalizaram as mulheres negras. É **escurecido** que, ao viajar em coletivo, essas mulheres não apenas compartilham experiências culturais e sociais, mas também criam um espaço de pertencimento e apoio mútuo, fundamental para seu crescimento pessoal e coletivo.

No entanto, a experiência individual deve ser considerada como direito dessas mulheres negras. Quando um indivíduo interage com uma cultura distinta, sua consciência crítica pode ser aprimorada por meio da observação e análise direta das diferenças, sem a interferência de intermediários e, aqui destaco, não apenas as mulheres que se deslocam, mas também as pessoas que as recebem em seus destinos. Porém, a falta de inclusão e segurança nos espaços turísticos para mulheres negras que viajam sozinhas, ressalta a necessidade urgente de mudanças estruturais na hospitalidade e acessibilidade desses locais.

A reflexão sobre o papel do turismo como uma ferramenta para o empoderamento das mulheres negras é central, para promover o reconhecimento da importância econômica e cultural dessas viagens e, indo além, valorizar as identidades e memórias negras em uma escala mais ampla e diversa, conferindo segurança e condição para escolher, planejar e executar seus deslocamentos como sujeitas de si. Nesse sentido, a importância das viagens em grupo para mulheres negras é um ato de resistência e afirmação cultural, que busca transformar trajetórias individuais e contribuir para uma narrativa coletiva de (re)existência e resistência no destino e nas viajantes.

Por fim, mais do que entender o que é ou não turismo para pessoas negras, neste momento torna-se urgente compreender de que forma e para que fins o turismo vem sendo apropriado e que papel desempenha no contexto desigualdades e respectivas adversidades contemporâneas. Há muito a fazer, e este estudo buscou provocar inquietações a partir das vozes das mulheres negras e da pesquisadora aqui presente, a partir das nossas vivências, consumindo o lazer.

A partir de todas as discussões e análises, entendo ser ainda necessário questionar: os destinos estão preparados para nos receber? Até que ponto as viagens para pessoas negras geram pertencimento? Muitos destinos mantêm suas narrativas turísticas a partir de uma lógica de silenciamento. Logo, de que forma esses territórios podem ser espaços de descanso e lazer para pessoas negras?

Esta pesquisa levanta inquietações e abre caminhos para discutir a atividade turística e seu impacto em diversos espaços de conhecimento. Há indícios de que o turismo tem se configurado como uma nova forma de colonialismo em que cria a concepção do outro como objeto e conseqüentemente o não reconhecimento do outro como sujeito. No turismo, essa

dinâmica é evidente nas distinções explícitas entre quem é visto como sujeito (o turista) e quem é visto como objeto (as populações locais, muitas vezes racializadas). Assim, é urgente promover estudos críticos que não só identifiquem essas distinções, mas também as denunciem e proponham novas formas de organização que sejam emancipatórias. É também importante buscar compreender e combater as formas de atuação do racismo institucional nos contextos turísticos: em hotéis, restaurantes, aeroportos etc., buscando provocar uma nova forma de entender (ou de produzir o entendimento) do “outro”.

Para tanto, é necessário debater sobre as pessoas negras como protagonistas no turismo, o que envolve a reconfiguração do papel das populações locais, bem como uma transformação na maneira como são percebidos e representados. Ao invés de serem vistos como objetos de consumo turístico, as populações negras precisam assumir o papel de sujeitos ativos, criadores e narradores de suas próprias histórias. Precisam também ser entendidas como consumidoras, sujeitos e grupos com direito e condição de escolha e de deslocamento e que, portanto, devem ser recebidas, servidas e tratadas como grupos e sujeitos viajantes, com a mesma hospitalidade desprendida a sujeitos não-negros no turismo. Isso implica em uma abordagem que valorize suas culturas, tradições e contribuições dentro do turismo. Por isso, precisa-se de estudos que enfatizem mudanças de perspectivas para desconstruir o colonialismo presente no turismo e construir novas formas de interação baseadas no respeito e na valorização da diversidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: companhia das letras, 2018.
- ARAÚJO DE OLIVEIRA, N. **Afro empreendedorismo no turismo, desigualdade racial e fortalecimento da identidade negra**: Afro-entrepreneurship in tourism, racial inequality and strengthening of black identity. *Revista de Turismo Contemporâneo*, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 42–63, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/turismocontemporaneo/article/view/22322>. Acesso em: 25 fev. 2024.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural** - São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- ANZALDÚA, Gloria E. **Falando em línguas**: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Revistas Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 229-236, 1. sem. 2000
- BARRETTO, Margarita. **Cultura e turismo**: discussões contemporâneas. Papirus editora, 2016.
- _____. **O imprescindível aporte das ciências sociais para o planejamento e a compreensão do turismo**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, outubro de 2003. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832003000200002 Acesso em: 20 jan. 2024
- BETH, Joice. **Direito a cidade**. Editora Paz e Terra; 1ª edição, 2023.
- Brasil de fato (2020). **Morte de homem negro asfixiado por policial nos EUA gera indignação internacional**. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/05/28/morte-de-homem-negro-asfixiado-por-policiais-nos-eua-gera-indignacao-internacional> Acesso em 25 de janeiro, 2024.
- BRITO-HENRIQUES, E. **Visual tourism and post-colonialism**: imaginative geographies of africa in a portuguese travel magazine. *Journal of tourism and cultural change*, 12(4), 320–334. <https://doi.org/10.1080/14766825.2014.887722>.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de janeiro: Civilização Brasileira. 2018 Disponível em: <https://cursosextensao.usp.br/mod/resource/view.php?id=177028>. Acesso em 26 fev. 2024.
- CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Tese (doutorado em educação). São Paulo: 2006, Universidade De São Paulo, Feusp. [acesso em 27 maio 2023]. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001465832>.
- _____. **Racismo, sexismo e desigualdades no Brasil**. Selo Negro Edições, 2011.
- COLLINS, Patricia Hill. **Learning from the outsider within**: the sociological significance of black feminist thought. *Social Problems*, v. 33, n. 6, p. 14-32, Oct. /Dec. 1986.

CORDERO, A. H. Gentrificación: orígenes y perspectivas. *Revista del Departamento de Geografía*, v. 4, n. 6, p. 91-113, 2016.

DIANGELO, R. (2018). **Não basta não ser racista: sejamos antirracistas**. São Paulo: Faro Editorial.

DIAS, Guilherme Soares. **Quando menos imaginava, percebia que não estava só**. Guia Negro, Folha de S.Paulo, 1 fev. 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/blogs/guia-negro/2024/02/quando-menos-imaginava-percebia-que-nao-estava-so.shtml>. Acesso em: 15 jul. 2024.

DENCKER, Ada de Freitas Manetti. **Pesquisa em Turismo**: planejamento, métodos e técnicas. 9a ed. rev. ed. São Paulo: Futura, 2007.

DOS REIS NETO, João Augusto. **Pensar-Viver-Água em Oxum para (Re)Encantar o Mundo**. *Revista Calundu, [S. l.]*, v. 4, n. 2, p. 25, 2021. DOI: 10.26512/revistacalundu.v4i2.34344. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistacalundu/article/view/34344>. Acesso em: 3 jun. 2024.

EPSJV/Fiocruz. **Projeto Sankofa discute questões e relações étnicas-raciais**. Portal Fiocruz, Rio de Janeiro, 10 out. 2018. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/projeto-sankofa-discute-questoes-e-relacoes-etnico-raciais>. Acesso em 20 jan. 2024.

FERREIRA, M. A., & Casagrande, L. S. **E quem disse que não é seu lugar? Por um turismo democrático e inclusivo para negros e negras**. *Revista Mundi Sociais e Humanidades*, v. 3 n. 2, 2018. doi.org/10.21575/25254774rmsh2018vol3n2665. Disponível em: <https://revistas.ifpr.edu.br/index.php/mundisociais/article/view/702>. Acesso em: 25 fev. 2024

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Conscientização**: teoria e prática da libertação - uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. Trad. Kátia de Mello e Silva; revisão técnica de Benedito Eliseu Leite Cintra. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

GERBER, Raquel. NASCIMENTO, Beatriz. (1989). Ôrí [Arquivo de vídeo – documentário]. Disponível em: <https://negrasoulblog.wordpress.com/2016/08/25/309/>>. Acesso em 04 de junho.

GILLIAM, Angela; GILLIAM, Onik'a. **Negociando a Subjetividade de Mulata no Brasil**. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 525, jan. 1995. ISSN 1806-9584. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16471>>. Acesso em 25 fev. 2024.

GELEDÉS (2019). **Sojourner Truth**. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/sojourner-truth/> Acesso em 26 fev. 2024.

GLOBO (2023). **Fiquei muito abalada diz professora negra expulsa de voo ao se recusar a despachar a mochila**. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2023/05/01/fiquei-muito-abalada-diz-professora-negra->

expulsa-de-voo-ao-se-recusar-a-despachar-mochila.ghhtml. Acesso em 26 fev. 2024

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. In: SILVA, L. A. et al. Movimentos sociais urbanos, minorias e outros estudos. *Ciências Sociais Hoje*, Brasília, ANPOCS n. 2, p. 223-244, 1983.

_____. **A categoria político-cultural de amefricanidade**. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan./jun. 1988a.

_____. **Por um feminismo afrolatinoamericano**. *Revista Isis Internacional*, Santiago, v. 9, p. 133-141, 1988b.

HASENBALG, Carlos A. **O negro na publicidade**. In: GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos A. (Orgs.). *Lugar de negro*. São Paulo: Marco Zero, 1982.

HOOKS, B. **Ensinando o pensamento crítico: sabedoria prática**. São Paulo: Elefante, 2010.

_____. **Ensinando a Transgredir: a educação como prática da liberdade**. tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2ª edição. São Paulo: Ed WMF Martins Fontes, 2017.

HARVEY, David. **O direito à cidade**. Tradução de isa Mara Lando. Piauí, n. 82, 2013.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. Tradução de t. C. Netto. São Paulo: documentos, 1969.

KILOMBA, Grada. **descolonizando o conhecimento uma palestra - performance de grada Kilomba**. Tradução: Jessica Oliveira - disponível em: <<https://joaocamillopenna.files.wordpress.com/2018/05/kilomba-grada-ensinando-a-transgredir.pdf>> acesso em: 19 agosto 2023.

_____. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KRIPPENDORF, J. **Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. 3ª ed. Ver. E ampliada. São Paulo: Aleph, 2009.

MATTOS, CLG. **A abordagem etnográfica na investigação científica**. In MATTOS, CLG., and CASTRO, PA., orgs. *Etnografia e educação: conceitos e usos*. Disponível em <<https://books.scielo.org/id/8fcfr>> acesso em 29 jan. 2024. Campina Grande: EDUEPB, 2011. pp. 49-83.

MARCELLINO, Nelson carvalho. **Estudos do lazer: uma introdução**. Campinas, SP Autores associados, 2000.

_____. **Lazer, concepções e significados**. *Licere-revista do programa de pós-graduação interdisciplinar em estudos do lazer*, v. 1, n. 1, 1998.

_____. **Lazer e educação**. 10a. ed. Campinas: Papirus, 2003a.

MAIURRO, Michelle. **Comportamento em viagem de mulheres de meia-idade e seniores: motivações, necessidades e obstáculos**. Dissertação (mestrado Gestão e Planejamento em Turismo) - Universidade de Aveiro, 2023. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10773/37747> acesso em 04 julho 2024.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. Tradução de Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018b.

_____. **Necropolítica**. arte e ensaios. 2016. No. 32, p. 123-151. [acesso em 16 julho 2023]. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993/7169>.

MENDES, L. F. G. **As novas fronteiras da gentrificação na teoria urbana crítica**. Revista Cidades, 2015.

MINASI, S.; MAYER, V.; SANTOS, G. E. de O. **Desigualdade de gênero no turismo: a mulher no ambiente profissional no Brasil**. Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo, [S. l.], v. 16, p. 2494, 2022. Disponível em: <https://rbtur.org.br/rbtur/article/view/2494>. Acesso em: 25 fev. 2024.

MOESCH, Marutschka. **A produção do saber turístico**. São Paulo, SP: Contexto, 2000.

_____. **Para além das disciplinas: o desafio do próximo século**. In: Gastal, s.; Beni, m. C.; castrogiovanni, a. C. Turismo investigação e crítica. São Paulo: contexto, 2002.

NASCIMENTO, L. A. C. **Entre sambas e rezas: vivências, negociações e ressignificações da cultura afro-brasileira no Bexiga**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), 2014. 217f. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/6774/6570.pdf?sequence=1&isAllowed=y> acesso em 01 jan 2024.

NASCIMENTO, Beatriz. **O conceito de quilombo e a resistência cultural negra**. In: RATTS, Alex. Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. SP: Instituto Kuanza, 2006

NOGUEIRA, Isildinha B. **Significações do corpo negro**. Tese de Doutorado, São Paulo: USP, 1998.

OLIVEIRA, N. A. de. **Representação e representatividade dos negros em uma revista de turismo de luxo do Brasil**. Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo, [S. l.], v. 16, p. 2325, 2022. Disponível em: <https://rbtur.org.br/rbtur/article/view/2325>. Acesso em: 25 fev. 2024.

O PERTENCIMENTO ATRAVÉS DAS VIAGENS. Direção: Bitonga Travel. Produção: AlejoFilms e Rebecca Aletheia. Colombial: Alejo Films, 2024. Curta-metragem (8 min)

QUEIROZ, Ivo Pereira de; QUELUZ, Gilson Leandro. **Raça, racismo e etnicidade: o legado colonial e seu enfrentamento**. In: LUZ, Nanci Stancki da; CASAGRANDE, Lindamir Salete (orgs). Entrelaçando gênero e diversidade: múltiplos olhares. Curitiba: UTFPR Editora, 2016, p. 19-48.

Quer turismo? Toma turismo. **O que é Turismo Afro referenciado?** Entrevistadora: Gabriela

Palma. Agosto 2020. podcast. Disponível em:
<https://open.spotify.com/episode/6roi7HunwHbmRZpveMaQcU>. Acesso em: 26. fev. 2024

RAMOS, Alcida Rita. *Ethnology brazilian style*. Cultural anthropology, v. 5, n. 4, p. 452-472, 1990.

RODRIGUES, Denise dos Santos. **Cidade em preto e branco**: turismo, memória e as narrativas reivindicadas da São Paulo Negra. 2021. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento do Turismo) - Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. doi:10.11606/D.100.2021.tde-23042021-120824. Acesso em: 2024-02-25.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, Quilombos**: modos e significação. Brasília: Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa –INCTI, 2015

SANTOS, Elisabete Figueroa dos; SCOPINHO, Rosemeire Aparecida. A questão étnico-racial no Brasil contemporâneo: notas sobre a contribuição da teoria das representações sociais. **Psicologia e Saber Social**, v. 4, n. 2, p. 168–182, 2015. DOI: 10.12957/psi.saber.soc.2015.11745

_____.; PINTO, Eliane Aparecida Toledo; CHIRINÉA, Andréa Melanda. **A Lei nº 10.639/03 e o Epistemicídio**: relações e embates. Educação & Realidade, v. 43, n. 3, p. 949–967, jul. 2018.

SANTOS, N. M. C. **Negras velhas**: um estudo sobre seus saberes nas perspectivas de envelhecimento, trabalho, sexualidade e religiosidade. 2016. Projeto de Dissertação (Mestrado) – Curso de Educação, Programa de Pós- graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016<https://doi.org/10.1590/2175-623665332> Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/JXQP9M8NVGb6cCFH4hZwgFC/?lang=pt#>. Acesso em 25 de fevereiro 2024

SANTOS, B. S. **Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências**. Revista Crítica de Ciências Sociais, n. 63, 2002. Disponível em: <http://www.ces.uc.pt>. Acesso em: 17 jul. 2024.

SCOTT, J. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade, [S. l.], v. 20, n. 2, 2017. Disponível em:
<https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 26 fev. 2024.

SOUSA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de janeiro, edição graal, 1983.

ZANINI, D. **Etnografia em mídias sociais**. In Tarcízio Silva & M. Stabile (Eds.), Monitoramento e pesquisa em mídias sociais: metodologias, aplicações e inovações (pp. 163–185). Uva Limão.

@AIANEEDUARDA. Instagram, <https://www.instagram.com/aianeuarda/>. Acesso em: 15 jul. 2024.

BITONGA TRAVEL. Instagram,
<https://www.instagram.com/reel/CwgKLR2tNhn/?igsh=MTJtZmRlemZzNnV2YQ%3D%3D>.
Publicado em: 28 ago. 2023. Acesso em: 15 jul. 2024.

EPISÓDIO 141 - IZILDA FERREIRA - CALI COM BITONGA. Bitonga Travel. Spotify,
<https://open.spotify.com/episode/3ISQzCKXPfQ3C7NpPwGpEM?si=77a9326dbef94b91>.
Acesso em: 15 jul. 2024.

@COMPREDEUMAMAEPRETA. Instagram,
<https://www.instagram.com/compredeumamaepreta/>. Publicado em: 2023. Acesso em: 15 jul. 2024.

@JOICEE_VASCONCELOS. Instagram,
https://www.instagram.com/p/CwgWlwVJ6lC_a8jkaQBFMmGwvbMHZwWN7Vl_El0/?igsh=MW4wbm1hNWd2aXpxbA==. Publicado em: 28 ago. 2023. Acesso em: 15 jul. 2024.

@KATIANANORMANDIA. Instagram,
<https://www.instagram.com/p/CwSu9R6ObYw/?igsh=MWx2ejNxbXpmZ3d3aw==>.
Publicado em: 23 ago. 2023. Acesso em: 15 jul. 2024.